



Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto  
Departamento de Química  
Programa de Pós-graduação em Química

## **Biocompósitos de goma gelana dopada com $\text{Eu}^{3+}$ e nanocristais de celulose para impressão 3D**

Francisco Recco Torres

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: **Química**.

Ribeirão Preto

2022



Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Departamento de Química

Programa de Pós-graduação em Química

## **Biocompósitos de goma gelana dopada com $\text{Eu}^{3+}$ e nanocristais de celulose para impressão 3D**

Francisco Recco Torres

Orientador: Prof. Dr. José Maurício Almeida Caiut

**VERSÃO CORRIGIDA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: **Química**

Ribeirão Preto

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

### FICHA CATALOGRÁFICA

Torres, Francisco Recco

“Biocompósitos de goma gelana dopada com  $\text{Eu}^{3+}$  e nanocristais de celulose para impressão 3D” Ribeirão Preto, 2022.

103 p. : il. ; 30cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP – Área de concentração: Química

Orientador: Caiut, José Maurício Almeida

1. Biomateriais. 2. Lantanídeo. 3. Luminescência

Torres, F. R. **Biocompósitos de goma gelana dopada com  $\text{Eu}^{3+}$  e nanocristais de celulose para impressão 3D**. 2022. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências, Área: Química) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: Caio Gomide Otoni

Instituição: UFSCar

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dra.: Molíria Vieira dos Santos

Instituição: UNESP

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: José Mauricio Almeida Caiut

Instituição: FFCLRP-USP

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

*Dedico esse trabalho aos meus pais Rosa  
e Ronaldo por sempre incentivarem os  
meus estudos e tornarem todo esse  
caminho possível.*

## **Agradecimentos**

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES - Código Financiamento 001).

Agradeço primeiramente aos meus pais Rosa e Ronaldo, por desde o início incentivarem os estudos e darem todo o suporte em todas as etapas da minha vida, por acreditarem que a educação pode mudar o mundo e por formarem a pessoa que sou hoje, este trabalho é fruto de tudo isso.

Agradeço também ao Prof. Dr. José Maurício Almeida Caiut por ter dado a oportunidade de fazer parte do seu grupo de pesquisa, desde os primeiros anos de graduação. Também pelos ensinamentos, desde aulas até as discussões de laboratório, pela orientação deste trabalho de mestrado e pelas conversas e amizade construídas nesse caminho.

O agradecimento se estende ao Prof. Dr. Hernane S. Barud por colaborar ativamente com este trabalho, desde a discussão de ideias até o suporte com materiais e equipamentos em seu laboratório. Agradeço também o Prof. Dr. Victor Hugo V. Sarmiento da Universidade Federal de Sergipe pelo auxílio no tratamento dos dados de reologia.

Muito obrigado aos amigos do grupo NanoLum: Douglas, Elô, Euzane, Fernando, Izabela, João, Larissa, Letícia, Luan, Pedro, Roberta e Tatiana pela companhia e aprendizados durante esse período. De uma maneira especial, Elô, Pedro e Roberta, que além de enriquecer a minha formação no ambiente de pesquisa, também se tornaram grandes amigos, além de ajudarem na revisão deste trabalho.

Aos colegas do grupo BioPolMat da Uniara, Alessandra, Laura, Lucas, Mayte e Vitória por sempre serem receptivos no laboratório parceiro, como também pelo auxílio nas análises de reologia e nos testes de impressão 3D. Ao Renan e ao Cassamo pela assistência nos testes de tensão no Departamento de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia da Unesp de Araraquara.

Aos grandes amigos que fiz nessa universidade Bárbara, Bruna, Cubas, Douglas, Harley, Hiago, Isabela, Lucas, Newton, Osvaldo, Quenon, Shifu e Soneca, com os quais dividi experiências inestimáveis nesse período da minha vida. Aos meus companheiros de apartamento Alex e Rick por me acolherem nesse período.

Àqueles membros das famílias Recco e Torres que incentivaram e apoiaram o estudo em todas as etapas da minha vida e ainda o fazem, assim como todos as professoras e professores que fizeram parte da minha formação.

Aos colegas do laboratório parceiro MaterLumen, além dos técnicos e funcionários do Departamento de Química por manterem em funcionamento o lugar em que trabalhamos.

À Universidade de São Paulo pela oportunidade de concluir mais essa etapa e à FAPESP pelo apoio em projetos do grupo.

A todos o meu muito obrigado!

*However difficult life may seem, there  
is always something you can do  
and succeed at.*

***Stephen Hawking***

## Resumo

Torres, F. R. **Biocompósitos de goma gelana dopada com  $\text{Eu}^{3+}$  e nanocristais de celulose para impressão 3D.** 2022. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências, Área: Química) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

Este trabalho propôs a preparação e o estudo de nanomateriais compósitos de goma gelana (GG) dopada com íons  $\text{Eu}^{3+}$  e nanocristais de celulose (CNC) com propriedades favoráveis para a obtenção de estruturas tridimensionais por meio da técnica de impressão 3D. A GG é um polissacarídeo natural, resultado da ação de bactérias, que pode ser preparado na forma de gel como um biomaterial versátil e funcional, que se apresenta de duas formas distintas: a acetilada (HAGG) e desacetilada (LAGG), que produzem géis diferentes. Nesta dissertação, os estudos foram conduzidos com ambos os tipos. Devido à lacuna no estudo dessas matrizes associadas aos íons lantanídeos, grupo de elementos conhecidos por suas propriedades luminescentes específicas, as GGs foram dopadas com íons  $\text{Eu}^{3+}$ , possíveis de serem utilizados como sonda estrutural em análises espectroscópicas. Esse polissacarídeo reticula na presença de cátions pelo mecanismo de gelificação ionotrópica e, por conta disso, os íons  $\text{Eu}^{3+}$  alteraram gradativamente as propriedades viscoelásticas dos materiais, o que foi confirmado por estudos de reologia oscilatória. Este efeito foi mais pronunciado na forma LAGG, uma vez que o íon pôde manter gradativamente o comportamento de sua estrutura de gel quando um aumento na temperatura foi aplicado, diferente do observado em amostras não dopadas. O estudo espectroscópico dos filmes obtidos a partir dos géis mostrou uma baixa eficiência na transferência de energia entre as matrizes e o íon, contudo, revelou como a interação do íon  $\text{Eu}^{3+}$  com as GGs ocorre. A fim de se intensificar o processo de emissão nos materiais, o ligante  $\beta$ -dicetona TTA (2-tenoiltrifluoroacetona) foi adicionado aos filmes por meio de uma solução de acetona, formando um complexo com o  $\text{Eu}^{3+}$  na matriz. Esses resultados mostraram a possibilidade de se obter um material luminescente de alta intensidade de emissão com a GG, além de ter sido realizado um estudo estrutural inédito da matriz. Foi realizado então o reforço mecânico desse material com CNC, domínios cristalinos de fibras celulósicas isoladas por hidrólise ácida, neste caso extraídas de celulose bacteriana. As propriedades espectroscópicas do compósito GG- $\text{Eu}^{3+}$  e CNC também foram exploradas e observou-se os íons sendo sensibilizados por excitação direta na matriz e perfis de emissão concordantes com o  $\text{Eu}^{3+}$  em um ambiente de baixa simetria. O estudo com o ligante TTA foi estendido ao compósito, obtendo-se também materiais com emissões intensificadas. A partir das interações com o íon lantanídeo, as propriedades fotônicas dos sistemas estudados se mostraram interessantes e, combinadas às atuais aplicações desses biomateriais, novos sistemas biocompatíveis podem ser desenvolvidos. As características mecânicas que o gel biocompósito apresentou foram favoráveis para a obtenção de estruturas tridimensionais por meio da impressão por extrusão na manufatura aditiva, visando uma aplicação deste material biocompatível na área de engenharia de tecidos.

**Palavras-chave:** biomateriais; polissacarídeo; lantanídeo; luminescência

### **Abstract**

Torres, F. R. **Biocompósitos de goma gelana dopada com  $\text{Eu}^{3+}$  e nanocristais de celulose para impressão 3D.** 2022. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciências, Área: Química) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022.

This work proposed the preparation and study of composite nanomaterials of  $\text{Eu}^{3+}$ -doped gellan gum (GG) and cellulose nanocrystals (CNC) with favorable properties for obtaining three-dimensional structures through the 3D printing technique. GG is a natural polysaccharide, the result of the action of bacteria, which can be prepared in the form of a gel as a versatile and functional biomaterial, which comes in two different forms: acetylated (HAGG) and deacetylated (LAGG), which produce different gels. In this work, studies were conducted with both types. Due to the gap in the study of these matrices associated with lanthanide ions, a group of elements known for their specific luminescent properties, the GGs were doped with  $\text{Eu}^{3+}$  ions, which could be used as a structural probe in spectroscopic analyses. This polysaccharide cross-links in the presence of cations by the ionotropic gelation mechanism and, because of this, the  $\text{Eu}^{3+}$  ions gradually changed the viscoelastic properties of the materials, which was confirmed by oscillatory rheology studies. This effect was more pronounced in the LAGG form, since the ion could gradually maintain the behavior of its gel structure when an increase in temperature was applied, unlike that observed in undoped samples. The spectroscopic study of the films obtained from the gels showed a low efficiency in the energy transfer between the matrices and the ion, however, it revealed how the interaction of the  $\text{Eu}^{3+}$  ion with the GGs occurs. In order to intensify the emission process in the materials, the ligand  $\beta$ -diketone TTA (2-thenoyltrifluoroacetone) was added to the films through an acetone solution, forming a complex with  $\text{Eu}^{3+}$  in the matrix. These results showed the possibility of obtaining a luminescent material with high emission intensity with GG, in addition to having carried out an unprecedented structural study of the matrix. The mechanical reinforcement of this material was then carried out with CNC, crystalline domains of cellulosic fibers isolated by acid hydrolysis, in this case extracted from bacterial cellulose. The spectroscopic properties of the GG- $\text{Eu}^{3+}$  and CNC composite were also explored, and the ions were observed to be sensitized by direct excitation in the matrix and emission profiles concordant with  $\text{Eu}^{3+}$  in a low symmetry environment. The study with the TTA ligand was extended to the composite, also obtaining materials with intensified emissions. From the interactions with the lanthanide ion, the photonic properties of the studied systems proved to be interesting and, combined with the current applications of these biomaterials, new biocompatible systems can be developed. The mechanical characteristics that the biocomposite gel presented were favorable for obtaining three-dimensional structures through extrusion printing in additive manufacturing, aiming at an application of this biocompatible material in the area of tissue engineering.

**Key words:** biomaterials; polysaccharide; lanthanide; luminescence

## Lista de Figuras

- Figura 1.** (a) *Elodea canadensis*; (b) microscopia eletrônica de varredura e (c) microscopia eletrônica de transmissão de células *Sphingomonas elodea* cultivadas; (d) processo de fermentação laboratorial para a GG. Fontes: adaptado de Lee et al. <sup>29</sup> e Fialho et al. <sup>27</sup> ..... 19
- Figura 2.** (Acima) estrutura química da unidade de repetição da GG nas formas HAGG e (abaixo) LAGG. Fonte: Bacelar et al. <sup>11</sup> ..... 20
- Figura 3.** Ilustração do processo de gelificação da GG através da aglutinação de suas cadeias poliméricas, em um resfriamento com e sem a adição de cátions (círculos laranjas). Fonte: adaptado de Robinson et al. <sup>32</sup> e Miyoshi, et al. <sup>33</sup> ..... 21
- Figura 4.** Comparação esquemática da textura do gel de HAGG e LAGG com outros agentes gelificantes. Fonte: adaptado de Sworn e Stouby <sup>24</sup> ..... 22
- Figura 5.** Filmes de GG para regeneração óssea guiada eficaz: ferimentos após dois meses de início dos testes: (a) controle e (b) ferimento coberto com filme 2% GG. Fonte: adaptado de Chang, S-J. et al. <sup>41</sup> ..... 23
- Figura 6.** Estrutura química básica da celulose mostrando a sua unidade de repetição. Fonte: Siqueira et al. <sup>50</sup> ..... 25
- Figura 7.** Esquema ilustrativo mostrando as regiões cristalinas e amorfas da fibra de celulose. Fonte: adaptado de Silva et al. <sup>52</sup> ..... 26
- Figura 8.** Microscopia eletrônica de transmissão e microscopia de força atômica de suspensões diluídas mostrando as diferentes morfologias de CNCs de várias fontes de celulose: CNC de (a) madeira macia, (b) fibras de sisal, (c) celulose bacteriana e (d) celulose de tunicado hidrolisadas com ácido sulfúrico; CNCs produzidos por (e) ultrassom de nanofibrilas de celulose oxidada com (2,2,6,6-tetrametilpiperidin-1-il)oxil e (f) hidrólise de ácido fosfórico de algodão (f). Fonte: Vanderfleet e Cranston <sup>47</sup> ..... 28
- Figura 9.** (a) CB produzida em cultivo estático, (b) microscopia eletrônica de varredura da CB e (c) microscopia eletrônica de transmissão CNCs produzidos a partir de BC com uma combinação de H<sub>2</sub>SO<sub>4</sub> e HCl. Fonte: adaptado de Huang et al. <sup>66</sup> e Vasconcelos et al. <sup>43</sup> ..... 29
- Figura 10.** Esquema mostrando as etapas principais da manufatura aditiva, desde a preparação do material, modelamento da geometria e obtenção de uma peça por deposição de camadas sucessivas de material. Fonte: adaptado de Daguano et al. <sup>67</sup> ..... 31
- Figura 11.** Representação de géis com comportamentos reológicos diferentes entre fortemente elásticos e viscosos e suas consequências esperadas no processo de bioimpressão. Fonte: adaptado de Amorim et al. <sup>75</sup> ..... 32
- Figura 12.** Funções de distribuição radial para os orbitais 4f, 5s e 5p, no caso para o íon Nd<sup>3+</sup> livre, ilustrando a natureza interna dos orbitais 4f. Fonte: Bünzli e Choppin <sup>87</sup> ..... 36
- Figura 13.** Níveis de energia calculados de íon lantanídeos trivalentes na faixa de energia até 40.000 cm<sup>-1</sup>. Fonte: adaptado de Ma et al. <sup>88</sup> ..... 37
- Figura 14.** Representação com as principais perturbações que levam ao desdobramento dos níveis de energia dentro de uma configuração 4f<sup>n</sup> dos lantanídeos. Fonte: adaptado de Sousa Filho et al. <sup>91</sup> ..... 39
- Figura 15.** Níveis de energia do íon Eu<sup>3+</sup> e suas transições eletrônicas. Fonte: adaptado de Syamchand e Sony <sup>92</sup> ..... 41
- Figura 16.** (a) estrutura química do ligante TTA e do (b) complexo hidratado formado com interação com o Európio, Eu(TTA)<sub>3</sub>.2 H<sub>2</sub>O e a (c) luminescência vermelha característica do complexo em pó. Fonte: (a) e (b) adaptados de Forster et al. <sup>104</sup> e (c) o autor ..... 44

- Figura 17.** Esquema de níveis de energia mostrando a transferência de energia do ligante para o íon lantanídeo. Fonte: adaptado de Binnemans <sup>99</sup>. .....45
- Figura 18.** Bioimpressora EdBioPrinter. ....51
- Figura 19.** Fotos dos géis de LAGG (a) puro e (b) dopado com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  à luz ambiente e com um feixe laser mostrando o espalhamento da luz. ....53
- Figura 20.** Fotos dos géis de HAGG (a) puro e (b) dopado com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$ . ....53
- Figura 21.** Reograma de teste de varredura de amplitude a (a) 25 °C e (b) 37°C mostrando o  $G'$  (círculo preenchido) e  $G''$  (círculo delineado) ao longo da análise de (I) amostra LAGG\_Eu2.0 (vermelho) comparando com o gel LAGG puro (preto) e (II) Amostra HAGG\_Eu2.0 (azul) com o gel HAGG puro (preto). .....56
- Figura 22.** Reogramas  $\tan \delta$  a (a) 25°C e (b) 37°C de amostras (I) LAGG e (II) HAGG, sendo elas pura (preto), \_Eu0,1 (azul), \_Eu0,2 (verde), \_Eu0,5 (amarelo), \_Eu1,0 (laranja ) e \_Eu2.0 (vermelho). .....57
- Figura 23.** Reograma de teste de varredura de frequência mostrando o  $G'$  (círculos preenchidos) e  $G''$  (círculos delineados).com as amostras (a) LAGG\_Eu2.0 (25 °C - vermelho e 37 °C - laranja) e LAGG puro (25 °C - preto e 37 °C - cinza) e (b) HAGG\_Eu2.0 (25 °C - azul e 37 °C - ciano) e o HAGG puro (25 °C - preto e 37 °C - cinza). .....59
- Figura 24.** Viscosidades complexas a (a) 25°C e (b) 37°C de amostras (I) LAGG e (II) HAGG, sendo elas pura (preto), \_Eu0.1 (azul), \_Eu0.2 (verde), \_Eu0.5 (amarelo), \_Eu1.0 (laranja) e \_Eu2.0 (vermelho). .....60
- Figura 25.** Reograma de teste de varredura de temperatura mostrando  $G'$  (pontos preenchidos) e  $G''$  (pontos vazios) ao longo da análise de amostras (a) LAGG e (b) HAGG, sendo elas puras (preto), \_Eu0.5 (verde), \_Eu1.0 (azul) e \_Eu2.0 (vermelho). .....61
- Figura 26.** Foto dos filmes de LAGG puro dopados com  $\text{Eu}^{3+}$ . Amostras (a) LAGG\_puro, (b) LAGG\_Eu0.2, (c) LAGG\_Eu1.0, (d) LAGG\_Eu2.0\_B e (e) LAGG\_Eu4.0\_B .....63
- Figura 27.** Foto dos materiais de LAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  preparados mantendo o volume de água igual a 10 mL. Amostras (a) LAGG\_Eu2.0, (b) LAGG\_Eu3.0, (c) LAGG\_Eu4.0 e (d) LAGG\_Eu5.0.63
- Figura 28.** Foto dos filmes de HAGG puro dopados com  $\text{Eu}^{3+}$ . Amostras (a) HAGG\_puro, (b) HAGG\_Eu0.2, (c) HAGG\_Eu1.0, (d) HAGG\_Eu2.0 e (e) HAGG\_Eu4.0 .....64
- Figura 29.** Espectro de absorção na região do UV-visível das amostras LAGG e HAGG puras (preto e azul) e dessas matrizes dopadas com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  (vermelho e verde, respectivamente). .....65
- Figura 30.** Espectros de FTIR das amostras dos filmes (a) LAGG0.5\_puro (preto); LAGG0.5\_Eu0.5 (azul) e LAGG0.5\_Eu2.0 (vermelho). (b) Espectros de FTIR das amostras dos filmes HAGG0.2\_puro (preto); HAGG0.2\_Eu0.5 (azul) e HAGG0.2\_Eu2.0 (vermelho). .....65
- Figura 31.** (a) Espectros de excitação ( $\lambda_{em}$  612 nm) e (b) espectros de emissão ( $\lambda_{ex}$  394 nm) de filmes (I) LAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  (% m/m,  $\text{Eu}^{3+}/\text{GG}$ ) e (II) HAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  (% m/m,  $\text{Eu}^{3+}/\text{GG}$ ). .....67
- Figura 32.** (a) Espectros de excitação ( $\lambda_{em}$  612 nm) e (b) espectros de emissão em  $\lambda_{ex}$  275 nm (preto), 330 nm (vermelho), 394 nm (azul) e 464 nm (verde) dos filmes (I) LAGG\_Eu2.0 e (II) HAGG\_Eu2.0. ....68
- Figura 33.** Curvas de tempo de vida (escala ln) das amostras (a) LAGG\_Eu2.0 e (b) HAGG\_Eu2.0 (linha preta –  $\lambda = 330$  nm e linha vermelha –  $\lambda = 394$  nm). .....70
- Figura 34.** Interações entre cadeias de GG intermediada pelo íon  $\text{Eu}^{3+}$ . Fonte: adaptado de Tako et al. <sup>130</sup> .....72
- Figura 35.** Imagem do filme LAGG\_Eu1.0\_TTA1 ilustrando a luminescência característica da emissão do complexo  $\text{Eu}(\text{TTA})_3$  no filme quando irradiado com um feixe de luz de comprimento de onda relativo à absorção do complexo. ....73

- Figura 36.** (a) Espectro de excitação do filme *LAGG\_Eu2.0\_TTA1* monitorando a transição  $\text{Eu}^{3+} \text{ } ^5\text{D}_0 \rightarrow \text{ } ^7\text{F}_2$ . ( $\lambda_{\text{em}}$  611 nm) e (b) espectro de emissão em  $\lambda_{\text{ex}}$  280 nm (preto), 320 nm (vermelho), 370 nm (azul) e 394 nm (verde). ..... 74
- Figura 37.** Curvas de vida (escala ln) das amostras *LAGG\_Eu2.0\_TTA1* ( $\lambda = 280$  nm - azul;  $\lambda = 370$  nm - preto e  $\lambda = 394$  nm - vermelho). ..... 75
- Figura 38.** Espectro de emissão em  $\lambda_{\text{ex}}$  370 nm de filmes *LAGG\_Eu2.0\_TTA0.25* (preto); *\_TTA0.5* (vermelho); *\_TTA1* (azul); *\_TTA1.5* (verde) e *\_TTA2* (roxo). ..... 77
- Figura 39.** Suspensão de CNC a 1,35 mg/mL obtida com a hidrólise com os ácidos sulfúrico e clorídrico a partir de membrana de celulose bacteriana. .... 78
- Figura 40.** Microscopia eletrônica de transmissão de suspensões de CNC nas concentrações de (a) 0,148 mg/mL e (b) 0,074 mg/mL, obtidos a partir da hidrólise ácida de membranas de celulose bacteriana. 79
- Figura 41.** Distribuição do (a) comprimento e (b) diâmetro dos nanocristais de celulose mensurados por meio da microscopia. .... 79
- Figura 42.** Espectros de absorção na região do UV-visível das amostras de *LAGG\_pura* (preto), *LAGG\_Eu1.0* (vermelho), *LAGG\_Eu1\_Wh1* (azul) e *LAGG\_Eu1\_Wh20* (verde). ..... 81
- Figura 43.** (a) Espectros de excitação ( $\lambda_{\text{em}}$  612 nm) e (b) espectros de emissão ( $\lambda_{\text{ex}}$  394 nm) de filmes LAGG dopados com 1 % de  $\text{Eu}^{3+}$  e com adição de CNC na matriz (% m/m, CNC/GG) e (c) espectros de emissão da amostra *LAGG\_Eu1\_Wh1* em diferentes comprimentos de onda de excitação: 275 nm (azul); 317 nm (verde); 330 nm (laranja); 394 nm (vermelho) e 464 nm (rosa). ..... 82
- Figura 44.** (a) Espectro de excitação ( $\lambda_{\text{em}}$  612 nm) e (b) espectros de emissão com  $\lambda_{\text{ex}}$  em 280 nm (preto), 320 nm (azul), 355 nm (verde), 370 nm (roxo), 394 nm (vermelho) e 464 nm (laranja) da amostra *LAGG\_Eu1\_Wh20\_TTA* e (c) espectros de emissão ( $\lambda_{\text{ex}}$  394 nm) das amostras *LAGG\_Eu1\_Wh1\_TTA* (preto); *\_Wh5\_TTA* (vermelho); *\_Wh10\_TTA* (azul) e *\_Wh20\_TTA* (verde). ..... 84
- Figura 45.** Visualizações geradas pelo *software* de impressão Simplify3D do objeto modelo a ser impresso e a prévia da impressão dado pelo programa. .... 87
- Figura 46.** *Scaffolds* obtidos a partir de géis de LAGG com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  (m/m), em (a) condições padrão de impressão e (b) com os parâmetros otimizados. Visão superior (esquerda) e lateral (direita). ..... 88
- Figura 47.** *Scaffolds* obtidos a partir de géis de HAGG com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  (m/m). Visão superior (a) e lateral (b). ..... 89
- Figura 48.** *Scaffolds* obtidos a partir de géis de LAGG com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  e 5% de CNC (m/m) em (a) condições padrão de impressão e (b) com os parâmetros otimizados. Visão superior (esquerda) e lateral (direita). ..... 90

## Lista de Tabelas

|   |    |
|---|----|
| <b>Tabela 1.</b> Volumes de solução de $\text{EuCl}_3$ adicionados para cada amostra, com a quantidade e a massa de $\text{Eu}^{3+}$ correspondente e a proporção final em relação a massa de LAGG.....   | 48 |
| <b>Tabela 2.</b> Volumes de solução de $\text{EuCl}_3$ adicionados para cada amostra, com a quantidade e a massa de $\text{Eu}^{3+}$ correspondente e a proporção final em relação a massa de HAGG. ....  | 48 |
| <b>Tabela 3.</b> Parâmetros calculados a partir dos pontos de interseção das curvas $G'$ e $G''$ das amostras LAGG e HAGG variando as concentrações de $\text{Eu}^{3+}$ dos géis na análise de varredura de amplitude a 25,0 e 37,0 °C.....   | 58 |
| <b>Tabela 4.</b> Atribuições de bandas dos espectros FTIR das amostras de LAGG e HAGG, de acordo com Silva-Correia et al. <sup>8</sup> e Pereira et al. <sup>10</sup> . ....  | 66 |
| <b>Tabela 5.</b> Tempo de vida médio dos filmes de GG dopados com $\text{Eu}^{3+}$ excitando em $\lambda_{\text{ex}}$ 330 nm e 394 nm e monitorando em $\lambda_{\text{em}}$ 612 nm.....  | 69 |
| <b>Tabela 6.</b> Coeficiente de emissão espontânea total ( $A_{\text{total}}$ ), coeficiente de decaimento não radiativo ( $A_{\text{N-rad}}$ ), parâmetros de intensidade experimental de Judd-Ofelt ( $\Omega_n$ ), tempo de vida radiativo ( $\tau_{\text{rad}}$ ), tempo de vida experimental ( $\tau_{\text{exp}}$ ), eficiência quântica ( $\eta$ ) e número de moléculas de água na primeira esfera de coordenação ( $q$ ) das amostras LAGG e HAGG dopadas com $\text{Eu}^{3+}$ excitadas à 394 nm..... | 71 |
| <b>Tabela 7.</b> Tempo de vida médio dos filmes de GG dopados com $\text{Eu}^{3+}$ e ligante TTA na proporção 1:1 excitando em $\lambda_{\text{ex}}$ 280, 370 e 394 nm e monitorando em $\lambda_{\text{em}}$ 611 nm. ....  | 75 |
| <b>Tabela 8.</b> Coeficiente de emissão espontânea total ( $A_{\text{total}}$ ), parâmetros de intensidade experimental de Judd-Ofelt ( $\Omega_n$ ), tempo de vida radiativo ( $\tau_{\text{rad}}$ ), tempo de vida experimental ( $\tau_{\text{exp}}$ ), eficiência quântica ( $\eta$ ) e número de moléculas de água na primeira esfera de coordenação ( $q$ ) das amostras de LAGG dopadas com $\text{Eu}^{3+}$ tratadas com TTA a 394 nm. ....   | 76 |
| <b>Tabela 9.</b> Valores de resistência à tração das amostras de filme de LAGG dopadas com 1% de $\text{Eu}^{3+}$ e várias proporções de CNC em sua composição. ....  | 80 |
| <b>Tabela 10.</b> Coeficiente de emissão espontânea total ( $A_{\text{total}}$ ), parâmetros de intensidade experimental de Judd-Ofelt ( $\Omega_n$ ), tempo de vida radiativo ( $\tau_{\text{rad}}$ ), tempo de vida experimental ( $\tau_{\text{exp}}$ ), eficiência quântica ( $\eta$ ) e número de moléculas de água na primeira esfera de coordenação ( $q$ ) das amostras de LAGG dopadas com 1% de $\text{Eu}^{3+}$ com adição de CNC e também tratadas com TTA. ....                                    | 83 |

---

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. Introdução.....</b>  | <b>16</b> |
| 1.1. Biopolímeros.....   | 17        |
| 1.1.1. Goma gelana.....  | 18        |
| 1.1.2. Nanocristais de celulose.....   | 24        |
| 1.1.3. Impressão 3D de biomateriais.....   | 30        |
| 1.2. Lantanídeos.....  | 34        |
| 1.2.1. Íon Európio.....  | 39        |
| 1.2.1. Transferência de energia.....   | 43        |
| <b>2. Objetivos.....</b>   | <b>46</b> |
| 2.1. Geral.....  | 46        |
| 2.2. Específicos.....  | 46        |
| <b>3. Seção experimental.....</b>  | <b>47</b> |
| 3.1. Materiais.....  | 47        |
| 3.2. Métodos de preparação.....  | 47        |
| 3.2.1. Géis de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ .....                                  | 47        |
| 3.2.2. Filmes de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ .....                                | 48        |
| 3.2.3. Filmes de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ com ligante TTA.....                 | 49        |
| 3.2.4. CNC a partir de celulose bacteriana.....                                      | 49        |
| 3.2.5. Géis e filmes de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ com adição de CNC.....        | 50        |
| 3.2.6. Impressão de géis compósitos de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ e CNC.....     | 50        |
| 3.3. Métodos de caracterização.....  | 51        |
| <b>4. Resultados e discussão.....</b>  | <b>53</b> |
| 4.1. Géis de GG dopados com $\text{Eu}^{3+}$ .....                                   | 53        |
| 4.1.1. Reologia.....   | 54        |
| 4.1.1.1. Varreduras de amplitude.....  | 55        |
| 4.1.1.2. Varreduras de frequência.....   | 59        |
| 4.1.1.3. Varreduras de temperatura.....  | 61        |
| 4.2. Filmes de GG dopados com $\text{Eu}^{3+}$ .....                                 | 63        |
| 4.2.1. Espectroscopia de absorção na região do UV-visível.....                       | 64        |
| 4.2.2. Espectroscopia vibracional na região do infravermelho.....                    | 65        |
| 4.2.1. Espectroscopia de Fotoluminescência.....                                      | 66        |
| 4.2.1.1. Filmes de GGs dopados com $\text{Eu}^{3+}$ .....                            | 66        |
| 4.2.1.2. Filmes de LAGGs dopados com $\text{Eu}^{3+}$ com adição do ligante TTA..... | 72        |

|  |           |
|--|-----------|
| 4.3. Filmes de CNC com GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ .....                                      | 78        |
| 4.3.1. Testes de tração .....  | 80        |
| 4.3.2. Espectroscopia de absorção na região do UV-visível .....                                  | 81        |
| 4.3.1. Espectroscopia de Fotoluminescência .....   | 81        |
| 4.4. Obtenção de <i>scaffolds</i> de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ e CNC via impressão 3D ..... | 86        |
| <b>5. Conclusão .....</b>  | <b>92</b> |
| <b>6. Referências bibliográficas.....</b>  | <b>94</b> |

## **1. Introdução**

Este trabalho é resultado dos estudos desenvolvidos no projeto de mestrado “Compósitos para impressão 3D luminescentes: Síntese, estudo estrutural e espectroscópico”, desenvolvido no Grupo de Nanomateriais e Sistemas Luminescentes, de fevereiro de 2020 a julho de 2022, em colaboração com o Prof. Dr. Hernane S. Barud da Universidade de Araraquara. Esse projeto almejou inicialmente a obtenção de materiais formados por nanocristais de celulose (CNC), sendo uma matriz com histórico de estudo no grupo, obtidos a partir de membranas de celulose bacteriana e dopados com íons lantanídeos. Esse material então seria inserido em goma gelana (GG) para a formação de géis biocompósitos a ser usado na obtenção de estruturas tridimensionais luminescentes através da impressão 3D.

Já nos primeiros meses de desenvolvimento do projeto houve uma mudança de estratégia. Ao constatar a ausência de relatos na literatura, até aquele momento, acerca do estudo da interação de GG com os íons lantanídeos e de como o processo de gelificação desse interessante biopolímero pode ocorrer envolvendo a ação de cátions, optou-se pela dopagem de dois tipos diferentes de GG com o íon európio ( $\text{Eu}^{3+}$ ). Além disso, devido ao fato deste íon possuir propriedades espectroscópicas que possibilitam seu uso como sonda estrutural, a inserção na matriz de interesse torna-se uma possibilidade ideal para um estudo inicial da estrutura desta. Foram então obtidos géis de GG dopados com íons  $\text{Eu}^{3+}$ , e, inicialmente, as suas propriedades viscoelásticas foram estudadas por meio de ensaios de reologia realizados no laboratório do Grupo de Biopolímeros e Biomateriais da Uniara. Na sequência, os géis foram secos como filmes autossuportados, e nestes foram realizados estudos espectroscópicos através de análises de fotoluminescência.

Na etapa seguinte dos estudos, os CNC foram adicionados na GG dopada com íons  $\text{Eu}^{3+}$  visando o reforço mecânico do compósito final, que foram avaliados quanto a sua resistência mecânica. Devida a baixa intensidade de emissão do íon európio na GG e na matriz compósita, uma estratégia adotada foi a inserção do com TTA (2-tenoiltrifluoroacetona), um ligante com alto coeficiente de absorção molar, que através do efeito antena pode aumentar a intensidade da luminescência do íon lantanídeo. Finalmente, os géis de GG dopados com íon európio e CNC, obtidos neste trabalho, foram usados para a impressão de estruturas tridimensionais através da manufatura aditiva, o que habilita o uso desse material em engenharia de tecidos

aproveitando-se das suas interessantes propriedades mecânicas, além das propriedades de fotoluminescência do compósito final.

### **1.1. Biopolímeros**

O desenvolvimento de materiais ópticos têm sido baseado em sistemas envolvendo vidro, semicondutores ou polímeros, no entanto, a ausência da biocompatibilidade e biodegradabilidade desses materiais limitam o seu uso em algumas áreas importantes, como em implantes degradáveis e em sensores bioativos, além de existir o crescente interesse em componentes que não sejam prejudiciais ao meio ambiente <sup>1</sup>. Recentemente, interfaces biológicas têm atraído atenção no desenvolvimento de novos materiais que forneçam um processamento óptico aprimorado, com sensibilidade em meio biológico, possibilitando a união da fotônica à biomedicina <sup>2</sup>. Devido à sua abundância na natureza, processos de fabricação ecologicamente corretos e amplas faixas de aplicações possíveis, os biopolímeros têm sido estudados como matérias-primas renováveis e de baixo custo para o desenvolvimento de uma vasta gama de materiais biodegradáveis à base de polissacarídeos ou proteínas <sup>3</sup>.

Dentre as aplicações dos biopolímeros, especificamente na área da biofotônica se concentra o desenvolvimento de guias de onda transparentes baseados em sistemas derivados de plantas e animais, de modo a se obter fibras ópticas biocompatíveis que forneçam luz para detecção ou para indução terapêutica nos tecidos, além de permitir comunicações ópticas por meio de dispositivos fotônicos implantados <sup>4,5</sup>. Nesse sentido, a fluorescência sensível ao ambiente pode permitir o monitoramento contínuo e não invasivo de reações bioquímicas por meio de sensores ópticos <sup>6</sup>. A biocompatibilidade, biodegradabilidade e flexibilidade mecânica inerente a esses materiais, possibilitam seu uso na área da engenharia de tecidos; uma vez que biomateriais podem apresentar semelhanças químicas e biológicas com os tecidos naturais e, então, serem utilizados para repará-los ao fornecer suporte mecânico às células em tempo e condições hábeis para seu crescimento e reparo de um defeito em um determinado tecido <sup>7-9</sup>.

Os próximos tópicos deste trabalho apresentam uma descrição das propriedades e aplicações dos biopolímeros estudados, a GG e os CNC, assim como uma abordagem sobre a aplicação de compósitos na técnica de impressão 3D.

### 1.1.1. Goma gelana

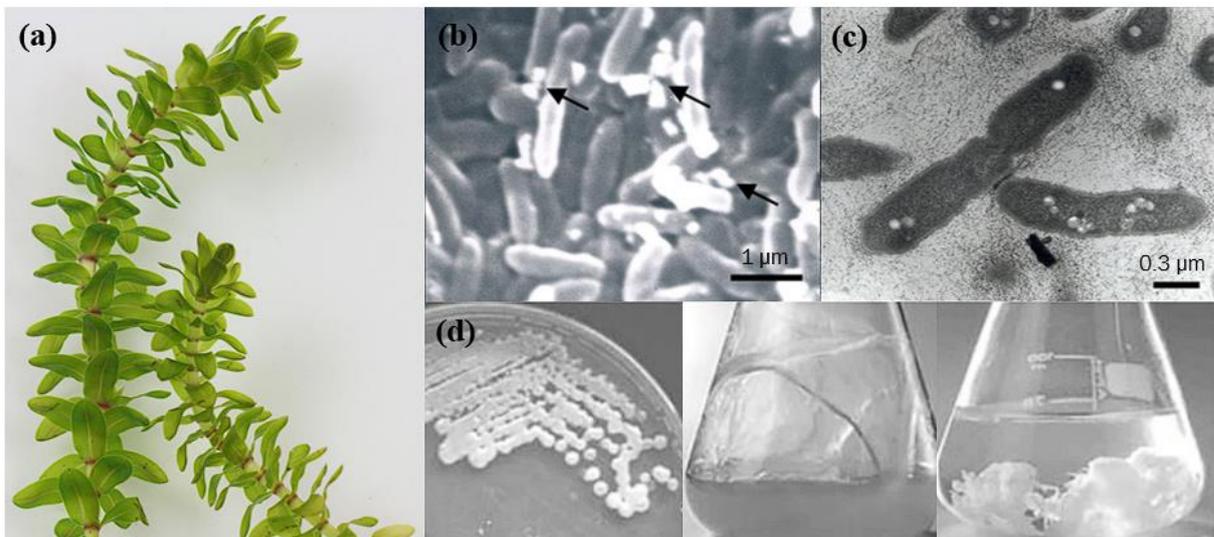
A Goma Gelana (GG) é um polissacarídeo natural derivado de bactérias, que pode ser preparado na forma de gel como um biomaterial versátil, funcional e moldável em diferentes formas de tecido <sup>10,11</sup>. Esse polissacarídeo foi identificado em 1978 pela CP Kelco, na época uma divisão da Merck Co. em San Diego, EUA, se destacando como de grande potencial durante um extenso programa de triagem de bactérias encontradas no solo e na água para identificar polissacarídeos com propriedades mecânicas úteis em busca de alternativas para gelificantes já presentes no mercado de alimentos <sup>12,13</sup>. O Japão foi o primeiro país a aprovar a GG como “aditivo alimentar natural” em 1988, o que provocou um aumento no interesse por empresas e pesquisadores japoneses em seu estudo para aplicações industriais <sup>14,15</sup>. Já em 1992 os EUA e a União Europeia permitiram o seu uso como um gel multifuncional, estabilizante e agente de suspensão nas indústrias alimentícia e cosmética <sup>13,16</sup>.

Esse polissacarídeo, conhecido inicialmente como polissacarídeo S-60 <sup>17</sup> (ou PS-60) <sup>18</sup>, tornou-se disponível comercialmente pela CP Kelco, que possui patente sobre o produto, o produzindo no Japão e nos EUA com nomes de *Kelcogel* para uso em indústria alimentícia e *Gelrite* para uso como agente gelificante alternativo ao ágar em laboratório, assim como em meios para crescimento biológicos <sup>19,20</sup>. A GG consta na lista geral de aditivos alimentares do Mercosul e recebeu aprovação para uso também no Brasil em 1998 <sup>21</sup> e, desde então, diversos alimentos e cosméticos baseados neste polímero foram introduzidos ao mercado. Recentemente, sua aplicação se estendeu também para usos farmacêuticos, como formulações oftálmicas e administração oral de medicamentos <sup>22</sup>.

A GG é resultado da fermentação aeróbica da bactéria *Sphingomonas elodea* (Figura 1 – b, c), uma bactéria Gram-negativa não patogênica <sup>23</sup>, antes conhecida como *Pseudomonas elodea* <sup>15</sup>, e que vive em algas *Elodea Canadensis* <sup>11</sup> (Figura 1 - a). Durante este processo, uma cultura da bactéria é inoculada em meio de fermentação composto por uma fonte de carbono, como glicose, uma fonte de nitrogênio, oxigênio e vários sais inorgânicos. A literatura <sup>24</sup> mostra que a composição deste meio pode variar quanto às fontes de carbono e nitrogênio, e pode conter amido solúvel e extrato de levedura ou ainda sacarose e peptona, ambos fornecendo um bom rendimento na fermentação. O controle do pH é um fator determinante para produção de GG, já que este influencia significativamente o crescimento celular, devendo ser mantido entre 6,5 e 7,0, já que meios com valores fora dessa faixa reduzem quantitativamente a formação

esperada do produto<sup>25,26</sup>. Além disso, a temperatura, a aeração e a agitação devem permanecer rigorosamente constantes para que a consistência do produto seja garantida.

A produção de GG é um processo crescente com uma produção máxima de 12 g/L, onde a viscosidade do meio aumenta durante as fases exponencial e estacionária<sup>27</sup> à medida que o organismo metaboliza a glicose e secreta a GG, sendo a última o componente predominante da substância polimérica extracelular da bactéria<sup>11</sup> (Figura 1 – d). No final do processo, quando o substrato foi totalmente consumido, a viscosidade atinge um valor muito alto, sendo necessária a diluição do meio de cultura com uma solução salina para a redução de sua viscosidade e tornar possível a recuperação do produto. O meio é submetido a um tratamento térmico para matar as bactérias, e a GG em sua forma nativa é coletada a partir da precipitação com álcool isopropílico. Após repetidas etapas de precipitação, visando a purificação do material, o polímero é ressuspense em água, dialisado e as fibras obtidas são secas e moídas de onde se obtém um pó branco<sup>27,28</sup>.

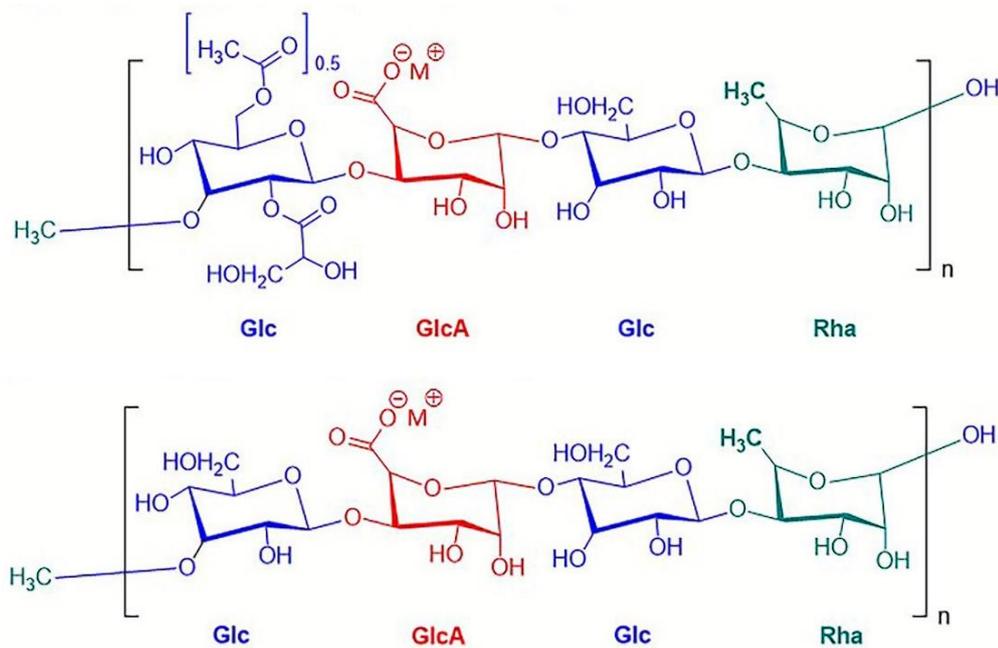


**Figura 1.** (a) *Elodea canadensis*; (b) microscopia eletrônica de varredura e (c) microscopia eletrônica de transmissão de células *Sphingomonas elodea* cultivadas; (d) processo de fermentação laboratorial para a GG. Fontes: adaptado de Lee et al.<sup>29</sup> e Fialho et al.<sup>27</sup>.

A estrutura da GG é a de um heteropolissacarídeo aniônico linear composto por unidades repetidas de tetrassacarídeos compreendendo monômeros de  $\beta$ -d-glicose, um de ácido  $\beta$ -d-glicurônico e um de  $\alpha$ -l-ramnose nas razões molares 2:1:1 (Figura 2). Na forma que é secretado pela bactéria, o polímero possui aproximadamente 1,5 substituinte acil por unidade de repetição do tetrassacarídeo, isso porque os grupos acil O-acetato e L-glicerato ligados ao

mesmo resíduo de glicose adjacente ao ácido glicurônico, aparecem a cada duas e a cada uma unidade de repetição, respectivamente <sup>14,17</sup>. No estado sólido, o polissacarídeo se apresenta como uma dupla hélice coaxial tripla, estabilizada por associações intercadeias que envolvem os grupos glicerato com os substituintes acetil posicionados no exterior da hélice <sup>30</sup>.

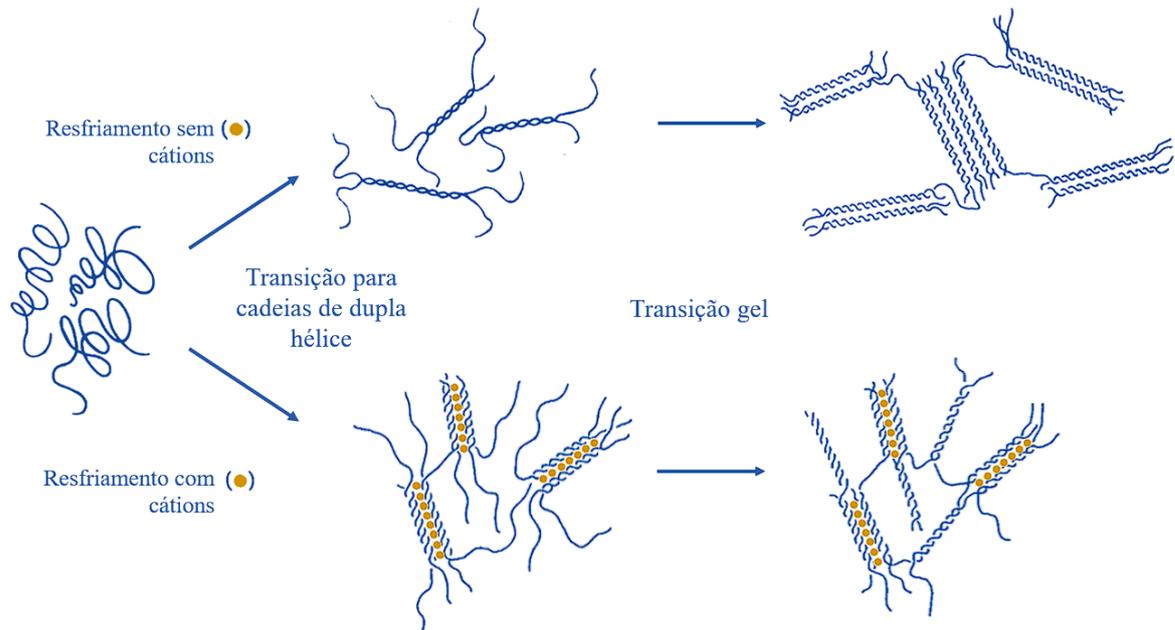
A GG pode apresentar diferentes graus de acetilação: um, em que a maioria dos grupos acil podem ser preservados em procedimentos de fermentação mais suaves, dando origem à *high acyl gellan gum* ou HAGG <sup>15,27</sup>; e outro, destinado ao seu uso regular na indústria, onde os substituintes podem ser removidos por tratamento alcalino quente no meio de fermentação, resultando na sua forma desacetilada que contém poucos ou nenhum grupo acil, chamada de *low acyl gellan gum* ou LAGG.



**Figura 2.** (Acima) estrutura química da unidade de repetição da GG nas formas HAGG e (abaixo) LAGG. Fonte: Bacelar et al. <sup>11</sup>.

Ambas as formas do polissacarídeo formam géis termorreversíveis que diferem em suas propriedades mecânicas. A maneira mais comum para se preparar esses géis é pelo resfriamento de uma solução quente da GG, processo que pode ser mediado ou não pela interação de cátions, como será discutido mais adiante <sup>8,31</sup>. Em altas temperaturas, a GG se apresenta como uma estrutura de uma fita simples, o que reduz significativamente a viscosidade dessa solução, com isto, à medida que ocorre o resfriamento há uma transição de uma espiral termicamente

reversível para cadeias de dupla hélice, que por sua vez se agregam e se ligam umas às outras formando zonas de junção (Figura 3). Interações secundárias, incluindo ligações de hidrogênio, ligam as cadeias poliméricas flexíveis desordenadas conectando zonas de junção adjacentes. Um maior número de cadeias são concentradas nessas zonas à medida que a temperatura diminui abaixo do ponto de gelificação, resultando em uma grande rede molecular na qual as moléculas de água podem ser aprisionadas <sup>11,27</sup>.

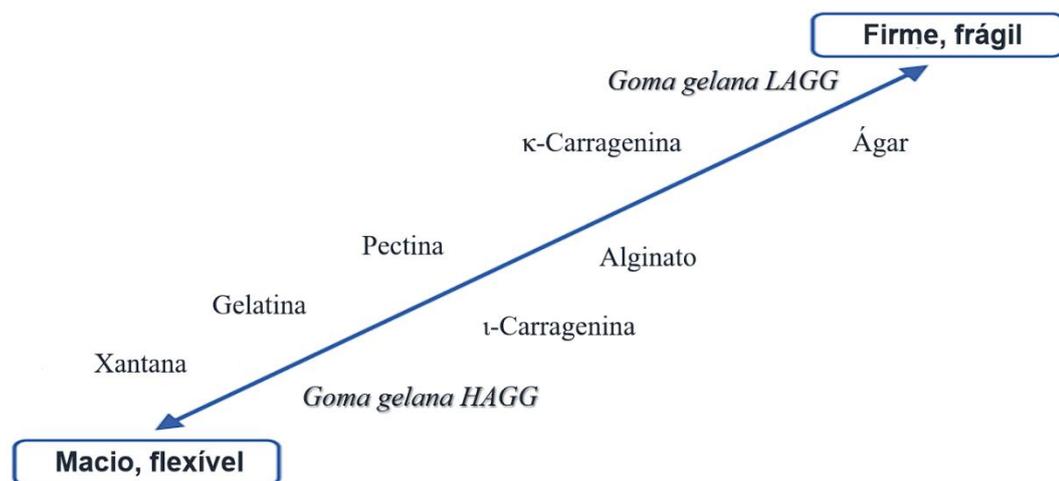


**Figura 3.** Ilustração do processo de gelificação da GG através da aglutinação de suas cadeias poliméricas, em um resfriamento com e sem a adição de cátions (círculos laranjas). Fonte: adaptado de Robinson et al. <sup>32</sup> e Miyoshi, et al. <sup>33</sup>.

Na HAGG, os substituintes acil têm um grande impacto no processo de ordenação e, conseqüentemente, nas características mecânicas dos géis, sendo que o glicerato estabiliza a dupla hélice à medida que a solução é resfriada enquanto o acetato provoca a agregação entre as hélices, tornando os géis macios, elásticos e não quebradiços. Estes gelificam entre 50 °C e 80 °C, dependendo da concentração de polímero, uma vez que esta GG é capaz de formar géis autossustentáveis em concentrações acima de 0,2% <sup>24,34</sup>.

Já na LAGG, a ausência dos grupos acil resulta em um comportamento de gelificação muito diferente em comparação ao anterior. Nesta, a agregação das duplas hélices para formar uma rede tridimensional é facilitada pelo intermédio de cátions, geralmente monovalentes ou divalentes, em um processo conhecido como gelificação ionotrópica, onde íons, de modo mais notório o sódio, potássio e cálcio, aumentam significativamente o número de zonas de junção,

fazendo com que a gelificação ocorra em temperaturas mais baixas, entre 30 °C e 50 °C<sup>35,36</sup>. Géis auto suportáveis e moldáveis podem ser formados em concentrações acima de 0,05% de GG, sendo eles rígidos, não elásticos e quebradiços, ou seja, com características tão diferentes de géis formados por HAGG que ambos podem ser colocados em extremidades opostas do espectro de textura de géis hidrocoloides (Figura 4)<sup>24</sup>. A consistência dos géis pode ser alterada de acordo com suas aplicações, estes podem ser formulados para endurecer com ou sem aquecimento, permitindo o design e a produção de géis resistentes ao calor e géis que podem liquefazer durante um certo período de tempo<sup>22,37</sup>.



**Figura 4.** Comparação esquemática da textura do gel de HAGG e LAGG com outros agentes gelificantes. Fonte: adaptado de Sworn e Stouby<sup>24</sup>.

Além de ser empregada na indústria de alimentos como estabilizante e espessante, a GG é aplicada em formulações médicas através de hidrogéis utilizados na cultura de tecidos vegetais e na cultura bacteriana, sendo recentes os estudos como um componente de um material compósito para engenharia de tecido em humanos<sup>22,38</sup>. O gel de GG já foi usado de forma eficiente na liberação e no crescimento de condrócitos articulares humanos, devido à similaridade estrutural com glicosaminoglicanos nativos que constituem a matriz extracelular de tecidos animais, compatíveis com os resíduos de ácido glucurônico presentes na estrutura da GG<sup>13,39</sup>.

Filmes de GG podem ser usados para regeneração óssea guiada (GBR), onde materiais com características bioabsorvíveis têm sido empregados em procedimentos cirúrgicos isolando regiões com tecidos defeituosos e prevenindo a invasão de tecido conjuntivo fibroso no espaço do defeito, podendo assim promover a cicatrização óssea<sup>40</sup>. Em um estudo relatado por Chang

<sup>41</sup> avaliando esse potencial cicatrizante, defeitos cranianos padronizados de nível crítico foram feitos em ratos, para em seguida aplicar um filme de GG, obtido a partir de um gel preparado em água a uma concentração de 2% (m/v), ao modelo de estudo. A Figura 5 mostra os cortes transversais com corante dos defeitos ósseos experimentais dois meses após a cirurgia. No controle, o tecido conjuntivo (colágeno em azul) cresceu na área do defeito ósseo, fazendo com que as células ósseas, com uma taxa de crescimento muito mais lenta, não pudessem crescer em seu espaço original, impedindo o crescimento ósseo novo natural. Já no grupo experimental, diferentes graus de cicatrização óssea foram observados em filmes de variadas concentrações de GG em comparação com o grupo controle. Nas regiões cobertas pelo filme, a GG impediu o crescimento de colágeno (Figura 5 -b), isolando com sucesso o defeito ósseo da entrada de células do tecido conjuntivo e fornecendo o espaço onde as células do tecido ósseo pudessem crescer.



**Figura 5.** Filmes de GG para regeneração óssea guiada eficaz: ferimentos após dois meses de início dos testes: (a) controle e (b) ferimento coberto com filme 2% GG. Fonte: adaptado de Chang, S-J. et al. <sup>41</sup>.

O defeito ósseo foi reparado em tempo e espaço críticos de cicatrização para ser preenchido por osso recém-formado, tecido esse que pode proliferar em regiões protegidas pelo filme de GG, que impediu que qualquer tecido conjuntivo invadisse o defeito. Portanto, uma estrutura morfológica densa na fase inicial de cicatrização pode impedir a migração apical de fibroblastos para locais de defeitos ósseos, e na fase posterior uma estrutura porosa foi essencial para adaptação celular e permeação suficiente de nutrientes. Na imagem, o filme que cobriu o defeito ainda era visível parcialmente degradado no meio da porção de corte do crânio, assim como em testes de degradação, não se dissolvendo completamente mesmo após 30 dias, o que evidencia uma boa biodegradabilidade do material já que esse deve resistir a um período

suficientemente longo para que o tecido ósseo atinja um estágio de cicatrização ideal, geralmente entre 4 e 6 semanas. Além disso, nenhuma resposta inflamatória foi observada ao redor do filme GG durante o estágio inicial do estudo, confirmando que a utilização das características apresentadas da GG pode torná-la um material promissor para aplicação de GBR.

No entanto, os hidrogéis de GG simples, mesmo sendo estáveis, podem se dissolver sem controle em fluidos fisiológicos levando a um desempenho mecânico pífio. Modificações químicas permitem superar algumas limitações dos géis tradicionais, melhorando a funcionalidade mecânica e a estabilidade a longo prazo <sup>13</sup>. Porém, já é relatado na literatura que modificações físicas também são empregadas para melhorar as propriedades físico-químicas e biológicas, como na combinação com outros polímeros com a matriz, dependendo do seu método de preparação <sup>11</sup>. Um interessante grupo de materiais que pode ser incorporado às matrizes poliméricas para aplicação como fase de reforço é o de CNC.

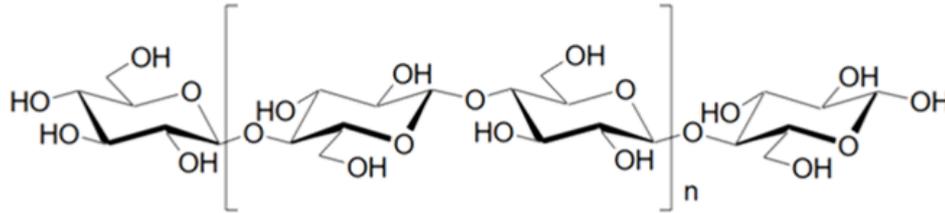
### **1.1.2. Nanocristais de celulose**

Os nanocristais de celulose (CNC), também chamados de celulose nanocristalina ou *nanowhiskers* de celulose, são os domínios cristalinos de fibras celulósicas isolados por meio de hidrólise ácida, e tem atraído grande interesse como um material de reforço funcional no desenvolvimento de biocompósitos, devido ao seu potencial em melhorar as propriedades mecânicas em matrizes poliméricas, que é resultado de sua estrutura altamente ordenada <sup>42</sup>. Esse material é definido como nano por pelo menos uma dimensão da sua estrutura ser observada em nanoescala, ou seja, de 1 a 100 nm <sup>43,44</sup>.

A celulose é o polímero natural e biodegradável mais abundante na Terra, podendo ser sintetizada por uma variedade de organismos, incluindo plantas, animais marinhos, fungos e bactérias <sup>45,46</sup>. Isso apresenta uma vantagem em relação a outros materiais por existirem na natureza de forma vasta, uma vez que estão presentes em todas as fibras celulósicas, não havendo a necessidade de síntese, apenas de extração, o que levou um aumento do interesse em sua aplicação nas últimas décadas como um material renovável, visando valores de sustentabilidade e química verde <sup>47,48</sup>.

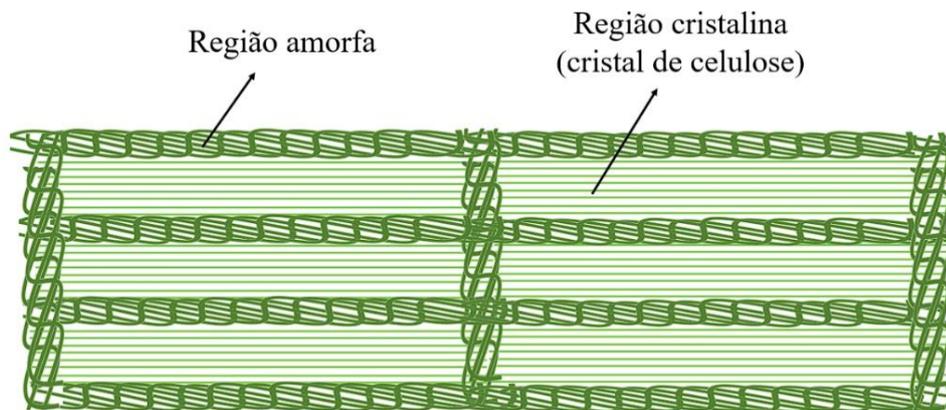
Os CNCs são constituídos por polímeros de celulose, um polissacarídeo formado por uma cadeia de D-glicopiranoose que são unidas por ligações  $\beta$ -1,4 glicosídicas, estrutura que

conta com três grupos hidroxilas livres: OH secundário nas posições C2 e C3 e um OH primário em C6 (Figura 6) <sup>48,49</sup>. Estes participam de interações intermoleculares dando origem à compactação da estrutura cristalina e às propriedades físicas da celulose, além das hidroxilas serem suscetíveis a tratamentos químicos para uma funcionalização específica do material.



**Figura 6.** Estrutura química básica da celulose mostrando a sua unidade de repetição. Fonte: Siqueira et al. <sup>50</sup>.

Tais fibras de celulose são compostas por microfibrilas de superfície não regular formadas por regiões cristalinas e amorfas (Figura 7). Na primeira, o arranjo das moléculas de celulose é altamente ordenado, resultado da ação combinada da biopolimerização e cristalização da celulose comandada por processos enzimáticos, e mantida por meio de ligações de hidrogênio intra e intermoleculares <sup>51,52</sup>. Por meio dessas mesmas interações, essa região ordenada se conecta às regiões amorfas, que são orientadas aleatoriamente, resultado da má formação da estrutura devido à alteração no processo de cristalização <sup>53</sup>. O alto ordenamento nas regiões cristalinas, com um arranjo geométrico que se repete nos eixos principais de sua estrutura, confere mudanças significativas em propriedades mecânicas, elétricas, ópticas, magnéticas, ferromagnéticas, dielétricas e de condutividade em materiais em que esses cristais de celulose são inseridos <sup>54</sup>, sendo que os CNCs com maior relação comprimento/diâmetro apresentam efeitos de reforço mais eficazes.



**Figura 7.** Esquema ilustrativo mostrando as regiões cristalinas e amorfas da fibra de celulose. Fonte: adaptado de Silva et al. <sup>52</sup>.

Dentre diversos métodos de extração, o mais eficaz e amplamente estudado é o isolamento dessas regiões cristalinas por meio da hidrólise ácida <sup>55</sup>. Neste processo, os domínios amorfos distribuídos na microfibrila são removidos, uma vez que são suscetíveis ao ataque ácido devido a desorganização natural das moléculas de celulose nessas regiões menos densas, onde os íons  $H_3O^+$  podem penetrar promovendo a clivagem hidrolítica das ligações glicosídicas e liberando cristalitos individuais <sup>52</sup>. As regiões cristalinas são insolúveis em ácidos por conta da inacessibilidade provocada pela elevada organização das moléculas de celulose na microfibrila. Portanto, o isolamento dos CNCs é facilitado pela cinética de hidrólise mais rápida apresentada pelas regiões amorfas em relação às regiões cristalinas <sup>46,56</sup>.

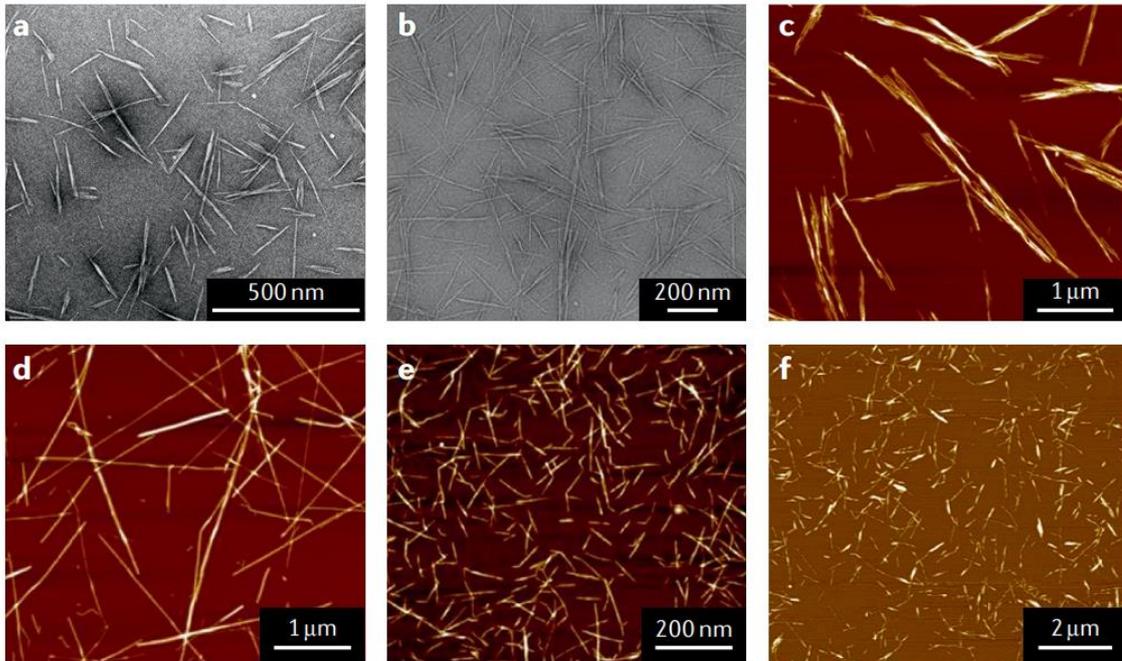
Tal processo é realizado com o emprego de ácidos fortes, como o ácido sulfúrico, ocorrendo a esterificação dos grupos hidroxila com a introdução de grupos sulfato ( $-OSO_3$ ) distribuídos aleatoriamente na superfície da celulose, o que leva a suspensões aquosas estáveis de CNCs carregados negativamente que tendem a se dispersar devido à repulsão eletrostática entre as partículas individuais <sup>55,57</sup>. A presença de grupos sulfato residuais na superfície da celulose catalisa a sua degradação por meio da reação de desidratação, diminuindo fortemente a estabilidade térmica do material, o que conseqüentemente limita a temperatura máxima que um sistema nanocompósito pode ser submetido e restringe a sua aplicação <sup>58</sup>. A extração da celulose também pode ser realizada com ácido clorídrico, resultando em cristais de alta estabilidade térmica, porém sem carga superficial, o que promove a agregação dos CNCs em suspensões aquosas por meio de ligações de hidrogênio <sup>58,59</sup>. Em vista disso, os grupos sulfatos podem ser removidos por diálise ou dessulfatação, porém uma alternativa proposta por

Vasconcelos et al.<sup>43</sup> foi o uso concomitante de ácido sulfúrico e ácido clorídrico combinando as propriedades resultantes de ambos os métodos para produzir suspensões aquosas de CNC estáveis e termicamente resistentes.

O processo de extração se inicia com a forte hidrólise ácida da celulose, controlando-se a concentração de ácido e sua proporção para celulose, assim como o tempo e a temperatura de reação, fatores estes que influenciam diretamente na morfologia e nas propriedades do material final, sendo os CNCs mais finos obtidos com ácido mais concentrado e temperaturas mais altas em reações mais longas<sup>58</sup>. Em seguida, a reação é interrompida com a diluição com água gelada e o ácido é removido por repetidas lavagens e centrifugações, podendo ainda remover o ácido residual por meio de uma diálise. Outro ponto para obter uma suspensão estável de CNC é a sonicação e, caso se queira produzir nanocelulose sólida, ela pode passar por um processo de secagem<sup>49</sup>.

A hidrólise ácida preserva os domínios cristalinos e leva à formação de CNC individuais de alta pureza, menores do que em outros métodos de extração, no formato de agulhas de diâmetros de 5 a 50 nm e comprimentos de fibra variando de 100 nm a várias centenas de nanômetros<sup>60</sup>, semelhante à um bigode, o que dá então o nome dessas estruturas também de *whiskers*<sup>44</sup>. Em suspensão, eles apresentam tendência em se alinharem devido a sua elevada rigidez e elevada relação de comprimento por diâmetro, o que causa uma tendência a birrefringência.

Mesmo constituídos pelas mesmas moléculas de celulose, os CNCs podem ser obtidos com particularidades nas suas características dimensionais e superficiais, o que afeta diretamente o seu desempenho como partícula de reforço em compósitos. Além das já citadas diferentes condições nos processos de extração, a proporção entre as regiões cristalina e amorfa pode variar dependendo da fonte da fibra celulósica, o que pode resultar em nanocristais de aspectos diferentes<sup>47,61</sup>, como os exemplos mostrados na Figura 8, com mudanças na razão entre o comprimento e a espessura, parâmetros decisivos na eficiência que esse material pode ter ao ser utilizado como fase de reforço em uma matriz compósita<sup>62</sup>.



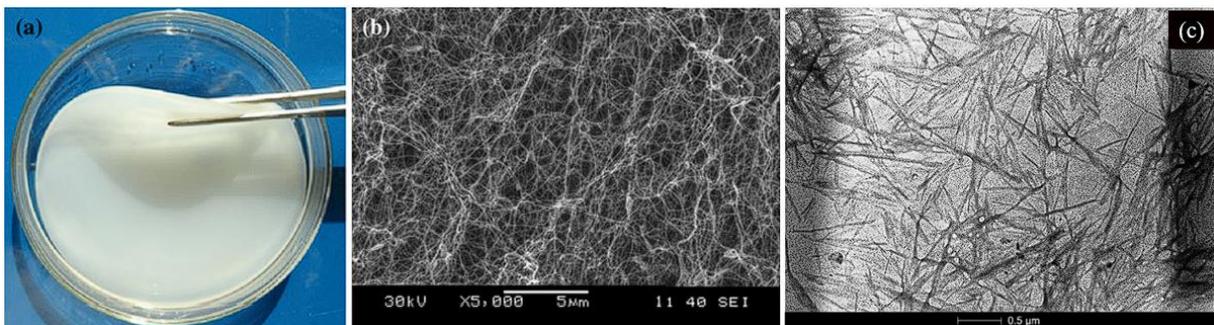
**Figura 8.** Microscopia eletrônica de transmissão e microscopia de força atômica de suspensões diluídas mostrando as diferentes morfologias de CNCs de várias fontes de celulose: CNC de (a) madeira macia, (b) fibras de sisal, (c) celulose bacteriana e (d) celulose de tunicado hidrolisadas com ácido sulfúrico; CNCs produzidos por (e) ultrassom de nanofibrilas de celulose oxidada com (2,2,6,6-tetrametilpiperidin-1-il)oxil e (f) hidrólise de ácido fosfórico de algodão (f). Fonte: Vanderfleet e Cranston <sup>47</sup>.

O preparo de matrizes de CNCs com outros tipos de polímeros é tema de várias linhas de pesquisas, com casos de resultados de alto desempenho na indústria de plástico (PVC), na preparação de filmes finos e também em matrizes com outros polímeros naturais. No caso da elaboração de filmes, é importante a compatibilização do meio de dispersão dos CNCs com o polímero que será empregado na confecção da matriz, sendo o meio aquoso o mais usual. Porém, o tratamento químico da superfície da fibra pode ser necessário para melhorar a aderência na interface fibra-matriz e aumentar o desempenho delas como elementos de reforço de matrizes poliméricas. A presença de grupos hidroxila na superfície nos CNCs pode permitir modificações adicionais para alterar sua hidrofiliicidade, através do uso de surfactantes, agentes de acoplamento ou da acetilação da superfície, por exemplo <sup>46</sup>.

Dentre celulosas de diversas fontes, a celulose bacteriana (CB), sintetizada por algumas espécies de bactérias como a *Acetobacter xylinum*, <sup>63</sup> ganhou particular interesse por ser uma excelente matriz para a produção de nanocompósitos para aplicações tecnológicas, em áreas

como de biomedicina e farmacologia e na indústria de papel, sendo ela um produto biocompatível, não tóxico e biodegradável. Essas diversas aplicações se dão pelas características citadas e também por possuírem alta pureza, uma alta resistência mecânica no estado úmido, mesmo com sua baixa densidade, e por serem altamente porosas, o que possibilita alta capacidade de retenção de água <sup>43,64</sup>.

A CB é obtida por fermentação e foi inicialmente relatada em 1886 por Brown, que já identificava a alta resistência mecânica de sua membrana <sup>65</sup>. Tais bactérias produzem celulose para proteção contra radiação ultravioleta e ambiente químico agressivo, sendo que apenas uma célula da bactéria pode polimerizar até 200.000 moléculas de glicose por segundo em cadeia seguindo em um processo de automontagem <sup>66</sup>. Essa bactéria, em um meio de cultura estático rico em polissacarídeos, produz uma membrana altamente hidratada de CB na interface líquido/ar, contendo até 99% de água e formada por uma estrutura tridimensional que consiste em uma rede altamente reticulada de nanofibras de celulose pura (Figura 9). Por conta disso, apesar da similaridade de estrutura química com celuloses de outras fontes, a organização estrutural da CB proporciona a ela propriedades mecânicas diferentes, e sua alta área superficial tem potencial para aplicações em engenharia de tecidos, por exemplo <sup>64</sup>.



**Figura 9.** (a) CB produzida em cultivo estático, (b) microscopia eletrônica de varredura da CB e (c) microscopia eletrônica de transmissão CNCs produzidos a partir de BC com uma combinação de  $H_2SO_4$  e HCl. Fonte: adaptado de Huang et al. <sup>66</sup> e Vasconcelos et al. <sup>43</sup>.

Enquanto a celulose de origem vegetal é parte da composição da fibra celulósica (bagaço de cana entre 40 e 50%, madeira 50% e algodão 90% de celulose), estando associada a outros tipos de biopolímeros como lignina, hemiceluloses, pectina <sup>49,66</sup>, a CB é composta praticamente apenas de celulose, sendo purificada somente com processos leves envolvendo solução de hidróxido de sódio <sup>43</sup>. A alta pureza da CB a torna ideal para a extração de CNCs, porém sua estrutura de rede altamente cristalina requer fortes condições de hidrólise para que haja a quebra

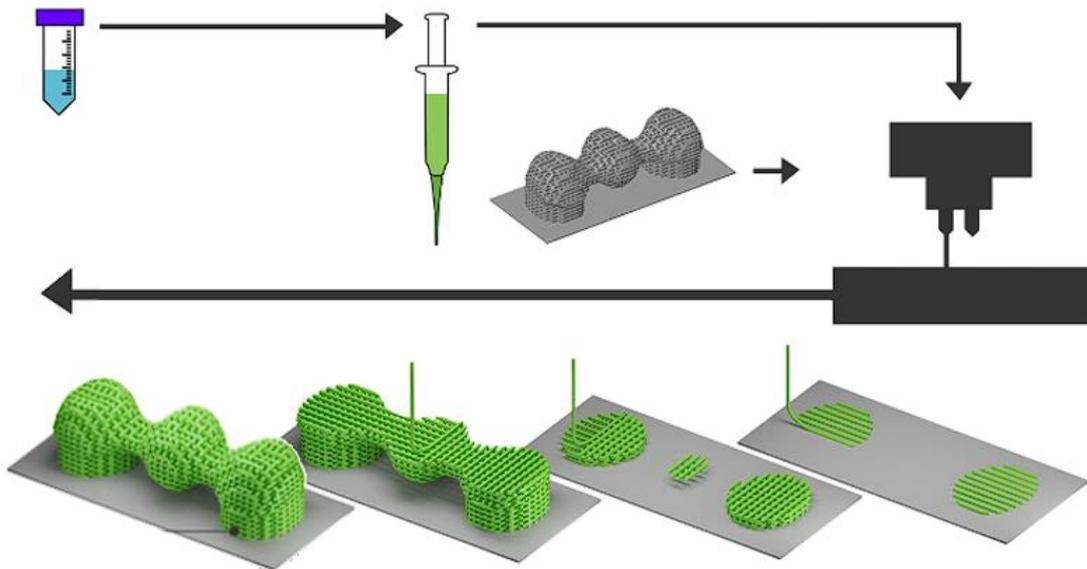
da morfologia dos feixes de fibrilas e nanofibrilas individuais, resultando em nanocristais de diâmetro variando entre 5 e 50 nm e comprimento entre 100 e 1000 nm <sup>64</sup>.

### 1.1.3. Impressão 3D de biomateriais

A impressão 3D, também conhecida como manufatura aditiva, é uma técnica que envolve a deposição controlada de camadas sucessivas de um material com posicionamento preciso para a formação de uma estrutura tridimensional de forma automatizada, permitindo um melhor controle do formato e da porosidade do objeto em comparação com outros métodos de fabricação <sup>67</sup>. Dentro dessa área está a bioimpressão, que é usada para fabricar estruturas tridimensionais multicamadas a partir de materiais biológicos, geralmente células e biomoléculas, por meio da manufatura aditiva, para a obtenção de materiais com geometrias altamente complexas, alta resolução e tamanhos de poros controlados com precisão e distribuídos uniformemente pelos objetos, podendo ser aplicada em diversas áreas <sup>68</sup>. Esse método é um campo de estudo emergente que faz parte do campo mais amplo da engenharia de tecidos e medicina regenerativa, unindo diversas áreas do conhecimento, como tecnologias de bioengenharia, ciência dos materiais, biologia celular, físico-química e medicina, garantindo grandes inovações para a biotecnologia e a biomedicina <sup>69</sup>.

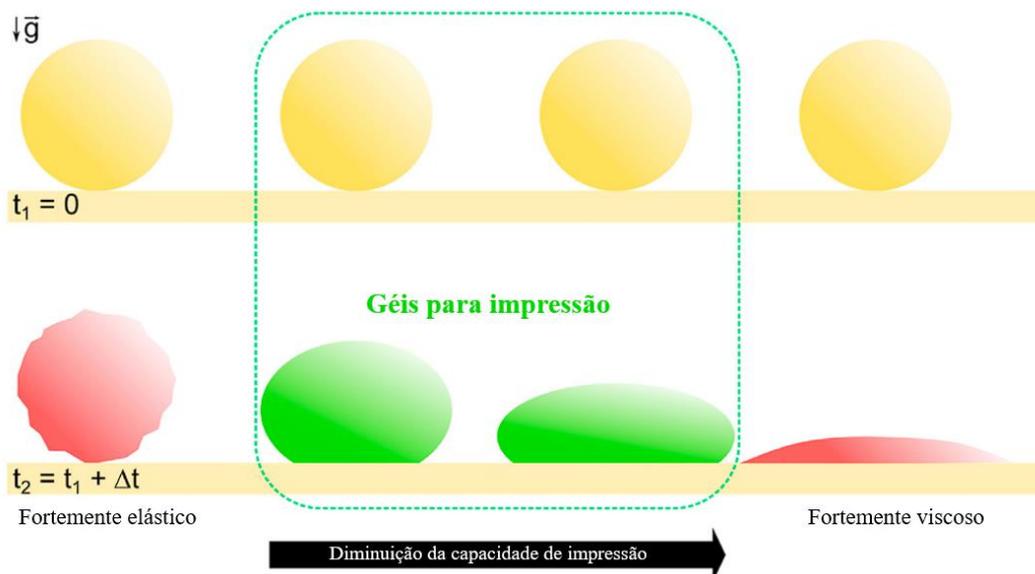
O conceito de engenharia de tecidos surgiu em 1993, com um estudo de Langer e Vacanti <sup>70</sup> que descreve as características e aplicações de *scaffolds* tridimensionais biodegradáveis pela primeira vez <sup>71</sup>. Os *scaffolds* poliméricos 3D são utilizados na engenharia de tecidos para fornecer suporte biomecânico às células até que estas estejam organizadas em um tecido funcional com uma arquitetura que simule as características do tecido nativo <sup>72</sup>. Após o primeiro relato, vários métodos convencionais de fabricação foram aplicados à fabricação desse tipo de estrutura, como ligação de fibras ou moldagem, porém nenhum permitia o controle suficiente da forma do material ou da porosidade, o que resultava em *scaffolds* inconsistentes, não ideais para aplicação <sup>71</sup>. Contudo, a partir de 2003, pesquisadores iniciaram o uso de métodos de impressão 3D para a fabricação dessas estruturas de formatos personalizados com distribuição de poros controlados. Com a popularização dessa técnica, cada vez mais estudos abrangeram a otimização dos processos envolvidos, as comparações de métodos, a caracterização e aplicações *in vitro* e *in vivo* de *scaffolds* obtidos por impressão 3D <sup>73</sup>.

A depender da aplicação do material, diferentes técnicas de impressão podem ser usadas, como impressões a jato de tinta, ou baseadas em laser ou ainda em extrusão. Esta última é um dos métodos mais utilizados nesse campo, onde os biomateriais são extrudados através de um cabeçote de impressão usando seringas com pontas ou bicos específicos que se movem ao longo dos eixos  $x$  e  $y$  e, por pressão pneumática ou força mecânica, utilizando-se ou não de aquecimento, são depositados em uma placa de construção que se move continuamente para baixo, permitindo o crescimento da estrutura de baixo para cima <sup>74</sup> (Figura 10).



**Figura 10.** Esquema mostrando as etapas principais da manufatura aditiva, desde a preparação do material, modelamento da geometria e obtenção de uma peça por deposição de camadas sucessivas de material. Fonte: adaptado de Daguano et al. <sup>67</sup>.

Para um gel ser impresso dessa forma, ele deve apresentar propriedades reológicas adequadas para que as estruturas tridimensionais pretendidas sejam obtidas e, desse modo, o gel em questão não deve apresentar características nem fortemente viscosas nem elásticas (Figura 11). A alta viscosidade se destaca, pois, com o decorrer do tempo, o material pode não manter sua forma filamentar e se deformar, não sendo possível formar camadas sucessivas de dimensões desejáveis; enquanto propriedades altamente elásticas formariam estruturas muito rígidas e frágeis, passíveis de desestruturação <sup>75</sup>. Portanto, um equilíbrio entre os comportamentos elástico e viscoso deve ser alcançado para um gel ser imprimível, característica que pode ser estudada por meio de testes de amplitude de tensão em análises de reologia oscilatória.



**Figura 11.** Representação de géis com comportamentos reológicos diferentes entre fortemente elásticos e viscosos e suas consequências esperadas no processo de bioimpressão. Fonte: adaptado de Amorim et al. <sup>75</sup>.

As chamadas biotintas podem ser semeadas com células vivas antes ou depois de serem impressas, porém no primeiro caso as propriedades reológicas do material de suporte devem ser adequadas de modo que a força de cisalhamento associada à extrusão não cause danos mecânicos às células <sup>73</sup>. O atual esforço nessa área busca biomateriais, ou misturas, com propriedades mecânicas que reduzam a força necessária para impulsionar a extrusão do material, para que assim, as células vivas permaneçam protegidas e não sejam alteradas durante a impressão. Biomateriais com a adição de CNCs geralmente exibem melhores comportamentos para essa propriedade, sem a adição de outros modificadores reológicos, já que os nanocristais são orientados preferencialmente na direção de impressão. Porém, esse tipo de modificação no material pode ocasionar no aumento da deformação de sua estrutura <sup>76</sup>.

Além da já citada “printabilidade”, ou seja, a capacidade de um gel ser imprimível, os biomateriais devem apresentar biocompatibilidade, para não causar efeitos indesejáveis no tecido hospedeiro; biodegradabilidade, uma vez que a maior parte dos materiais são usados como substratos provisórios para induzir a regeneração de tecidos recém-desenvolvidos, o que minimiza a presença material residual que possa ser fonte de infecção; absorção de água suficiente, o que facilita a difusão de nutrientes e resíduos; e resistência e estabilidade mecânica adequadas ao tecido original a ser reparado <sup>22,76</sup>.

O funcionamento da impressora 3D é auxiliado por um programa de computador, que contém o arquivo da forma que se quer obter em uma plataforma que controla todas as variáveis de todo o trabalho de impressão, desde a velocidade de movimentação do bico, a vazão do material, a temperatura do processo, dentre outros fatores que devem ser cuidadosamente ajustados de acordo com o material inicial para que se possa obter a estrutura com as características desejadas <sup>74</sup>.

A estrutura dos *scaffolds* também deve cumprir alguns requisitos para o seu uso em engenharia de tecido, um deles é o controle rigoroso da porosidade do material a depender de sua aplicação, o que pode ser alcançado pelo uso da impressão 3D nessa área. Com essa técnica, é possível se obter estruturas com porosidade gradiente, onde se varia o tamanho dos poros ao longo do *scaffold*, mantendo a interconectividade entre eles, a fim de imitar melhor a estrutura dos tecidos desejados. A utilização desse tipo de preenchimento é interessante, uma vez que a presença de poros grandes facilitam o crescimento de tecidos, o suprimento de nutrientes e a remoção de resíduos, e os pequenos facilitam a ligação celular <sup>72,77</sup>. O controle da geometria do objeto também é importante pois permite a presença de uma alta área superficial interna na estrutura em relação ao volume. Isso gera não só interações espaciais entre as células, o que promove uma melhor proliferação, migração e adesão entre elas, como também o controle da taxa de degradação do material ou até mesmo a taxa de liberação de um fármaco <sup>7</sup>.

O desafio atual se concentra no desenvolvimento de novos materiais com tamanhos clinicamente relevantes com o uso de compósitos de base biológica com a capacidade de fabricação de tecidos biomiméticos, com a otimização dessa tecnologia para atender a necessidades relacionadas a casos médicos específicos na chamada medicina personalizada, com um aperfeiçoamento almejando no futuro a impressão de órgãos funcionais, além do aumento da acessibilidade dessa técnica para que ela esteja difundida em ambientes médicos e, conseqüentemente, disponível para a sociedade <sup>71</sup>.

Atualmente os estudos de GG nessa área tem sido em aplicações como curativos, cartilagem artificial e osteogênese óssea <sup>39</sup>. Apesar de suas propriedades favoráveis, a dificuldade no uso de GG na engenharia tecidual se encontra em sua fragilidade estrutural e em suas propriedades sensíveis à temperatura, o que pode limitar suas aplicações específicas <sup>69</sup>. É importante saber como o gel responde ao corpo humano já que este pode apresentar propriedades diferentes ao longo do tempo com a estrutura se tornando mais forte ou mais fraca

*in vivo*, devido à interação com sais inerentes aos tecidos vivos e do contato prolongado à temperatura corporal, o que é decisivo para fins de curativo de feridas ou substituição de cartilagem.

A combinação com outro polímero é válida para que os requisitos de impressão do biomaterial possam ser alcançados, portanto, neste trabalho, foi desenvolvido um compósito preparado com GG e CNC. A adição de CNC pode influenciar positivamente as propriedades mecânicas do material, atingindo características mais satisfatórias ao esperado para a obtenção de uma estrutura por impressão 3D com uma aplicação como *scaffolds* nanofibrosos para engenharia de tecidos moles, permitindo obtenção de estruturas mais complexas em geometrias específicas.

A interação inédita da GG com o íon  $\text{Eu}^{3+}$  pode melhorar as suas propriedades mecânicas, mantendo a estrutura do gel mesmo com variação de temperatura, por agir como um forte agente gelificante para o polímero. Além disso, as propriedades espectroscópicas do íon tornam possível entender a cinética da degradação de um *scaffold* formado por essa matriz compósita em um fluido biológico, identificando o tempo em que ele será reabsorvido em um uso em engenharia de tecidos, por meio de uma resposta de variação da luminescência em relação ao tempo. Além disso, as propriedades resultantes da interação entre GG, CNC e  $\text{Eu}^{3+}$  podem possibilitar o desenvolvimento de novos materiais para aplicações em sistemas fotônicos biocompatíveis.

## 1.2. Lantanídeos

Os lantanídeos compreendem os elementos do Lantânio (La,  $Z = 57$ ) ao Lutécio (Lu,  $Z = 71$ ) e pertencem ao grupo de elementos de terras raras, nos quais ainda se incluem o Ítrio (Y,  $Z = 39$ ) e o Escândio (Sc,  $Z = 21$ ). Esses elementos são agrupados dessa forma pois apresentam propriedades químicas, ópticas e magnéticas particulares que são consequência de sua estrutura eletrônica característica <sup>78,79</sup>.

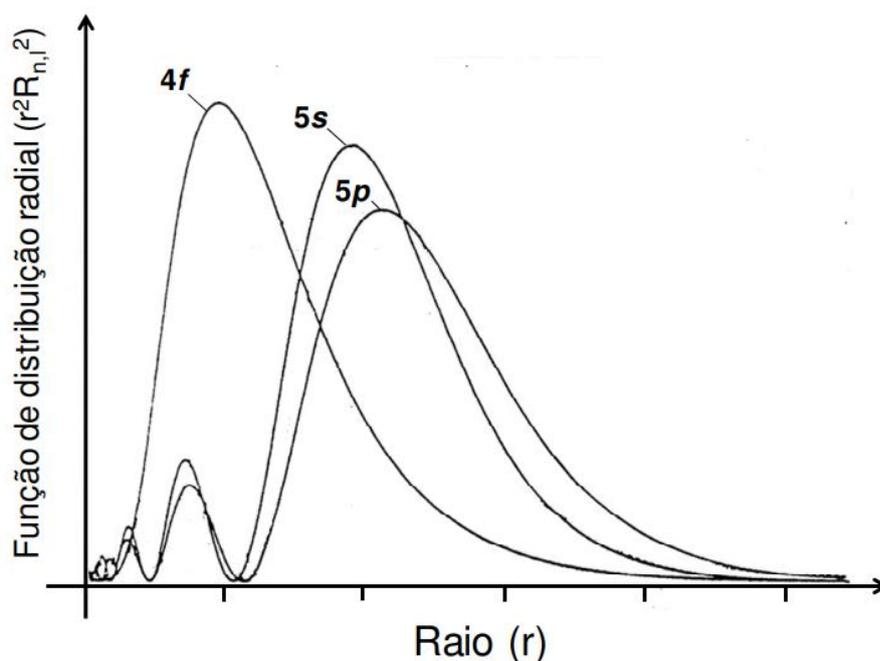
O termo terras-raras para esse grupo não é adequado para denominar tais elementos, já que eles foram assim nomeados, pois, à princípio, eram conhecidos na forma de seus óxidos, ou "terras" em uma nomenclatura mais antiga e, atualmente, sabe-se que não são raros, uma vez que a abundância desses na litosfera é relativamente alta <sup>80,81</sup>. O primeiro deles a ser isolado foi

o ítrio em 1794 por Johan Gadolin, um químico finlandês, a partir de um mineral chamado gadolinita encontrado em um local próximo a Ytterby, na Suécia. Mais de 100 anos se passaram até que o restante da série de elementos pudesse ser identificada, já que a obtenção de suas espécies puras exige uma separação trabalhosa já que tais elementos apresentam propriedades físicas e químicas muito semelhantes<sup>82,83</sup>.

Atualmente, os lantanídeos possuem ampla aplicabilidade, desde catalisadores no tratamento de emissões automotivas e no craqueamento do petróleo ao desenvolvimento de dispositivos fotônicos levando em consideração suas propriedades luminescentes específicas. Também se tem aumentado o interesse na aplicação deles no estudo de sistemas bioquímicos, principalmente como sondas espectroscópicas de biomoléculas<sup>80,84</sup>.

Essa semelhança dentro do grupo dos lantanídeos é devida principalmente às suas configurações eletrônicas, que podem ser escritas como  $[\text{Xe}] 4f^m 5s^2 5p^6 5d^{0-1} 6s^2$ . No sexto período da tabela periódica, após o orbital 6s ser ocupado por dois elétrons, os orbitais 5d e 4f se estabilizam, levando ao preenchimento dos orbitais 4f até sua capacidade de 14 elétrons, enquanto a configuração externa permanece inalterada nos 6s<sup>2</sup>. Desse modo, o grupo que compõe esses elementos pode ser chamado de "série interna de transição"<sup>78,85</sup>. Na forma iônica, eles se apresentam com estado de oxidação +3 como o mais estável, podendo também ser obtidos nos estados +2 (como Sm, Eu, Yb) ou +4 (como Ce, Pr, Tb) a depender do balanço entre as energias de ionização, reticular e de ligação do íon<sup>86</sup>. Uma propriedade que diferencia os lantanídeos de outros íons metálicos é em relação ao seu arranjo espacial, já que, por serem maiores, apresentam alto número de coordenação, geralmente 8 e 9, mas que variam entre 6 e 12, seja em solução ou no estado sólido<sup>79</sup>.

Os lantanídeos possuem então orbitais 5s<sup>2</sup> e 5p<sup>6</sup> preenchidos que são radialmente mais externos que os orbitais 4f e apresentam extensão radial limitada, não participando de modo efetivo das ligações (Figura 12)<sup>86,87</sup>. Isso causa um efeito de blindagem sobre elétrons 4f, fazendo com que estes interajam fracamente com o ambiente químico externo e por conta disso, os lantanídeos são classificados como ácidos duros de acordo com a classificação de Pearson e interagem com os ligantes predominantemente através de ligações iônicas ou de íon-dipolo, com baixo caráter covalente<sup>85,86</sup>.



**Figura 12.** Funções de distribuição radial para os orbitais 4f, 5s e 5p, no caso para o íon  $\text{Nd}^{3+}$  livre, ilustrando a natureza interna dos orbitais 4f. Fonte: Bünzli e Choppin <sup>87</sup>.

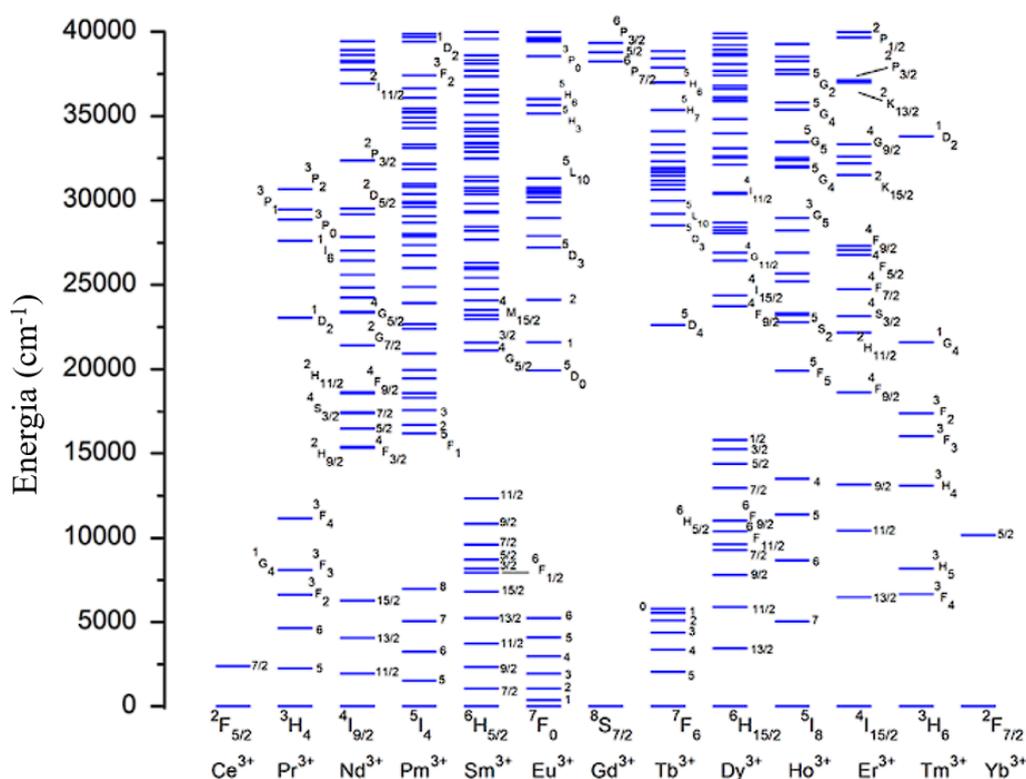
Desse modo, esses cátions se coordenam preferencialmente com bases duras, principalmente àquelas contendo como átomos doadores o oxigênio e o nitrogênio, então as estruturas das matrizes utilizadas nesse projeto, como os grupos carboxilato da GG ou as hidroxilas dos CNC, são sítios em potencial para coordenação dos íons lantanídeos.

A partir dessa distribuição eletrônica, pode se entender também a contração lantanídica, que é a diminuição progressiva dos raios atômicos e iônicos devido ao baixo poder de blindagem dos elétrons 4f, o que resulta em um aumento da carga nuclear efetiva sobre os elétrons  $5s^2$  e  $5p^6$  com o aumento do número atômico no período <sup>79,86</sup>. Como consequência disso, a basicidade dos elementos diminui ao longo da série e, além dessa diferença afetar sutilmente a solubilidade deles, essa mudança química é aproveitada na separação dos lantanídeos por métodos de fracionamento.

Apesar de suas distribuições eletrônicas induzirem propriedades químicas muito semelhantes, o preenchimento progressivo dos orbitais 4f ao longo da série dos lantanídeos resulta em propriedades físicas características ao grupo em relação à espectroscopia e magnetismo <sup>80</sup>. Como visto, suas propriedades eletrônicas são pouco perturbadas pela interação com ligantes, o que resulta em bandas finas de emissão em espectros eletrônicos comparáveis

às de transições atômicas; ademais, as transições apresentam tempos de vidas relativamente longos de seus estados excitados, de microssegundos a milissegundos <sup>78</sup>.

A baixa influência que o campo cristalino tem na quebra de degenerescência dos níveis eletrônicos faz com que os níveis 4f dos íons lantanídeos possuam energias específicas, variando pouco em um diagrama de energia (Figura 13). Porém, a interação do campo cristalino influencia diretamente na intensidade das transições f-f, uma vez que a maioria delas acontecem por mecanismo de dipolo elétrico, sendo proibidas pela regra de Laporte <sup>82,86,88</sup>. No entanto, caso o íon lantanídeo esteja em um sítio sem centro de inversão, tal regra é relaxada devido a termos de paridade ímpares no hamiltoniano de campo ligante e, por ser proibida, a transição apresenta um longo tempo de vida para o estado excitado <sup>82</sup>.



**Figura 13.** Níveis de energia calculados de íon lantanídeos trivalentes na faixa de energia até 40.000  $\text{cm}^{-1}$ . Fonte: adaptado de Ma et al. <sup>88</sup>.

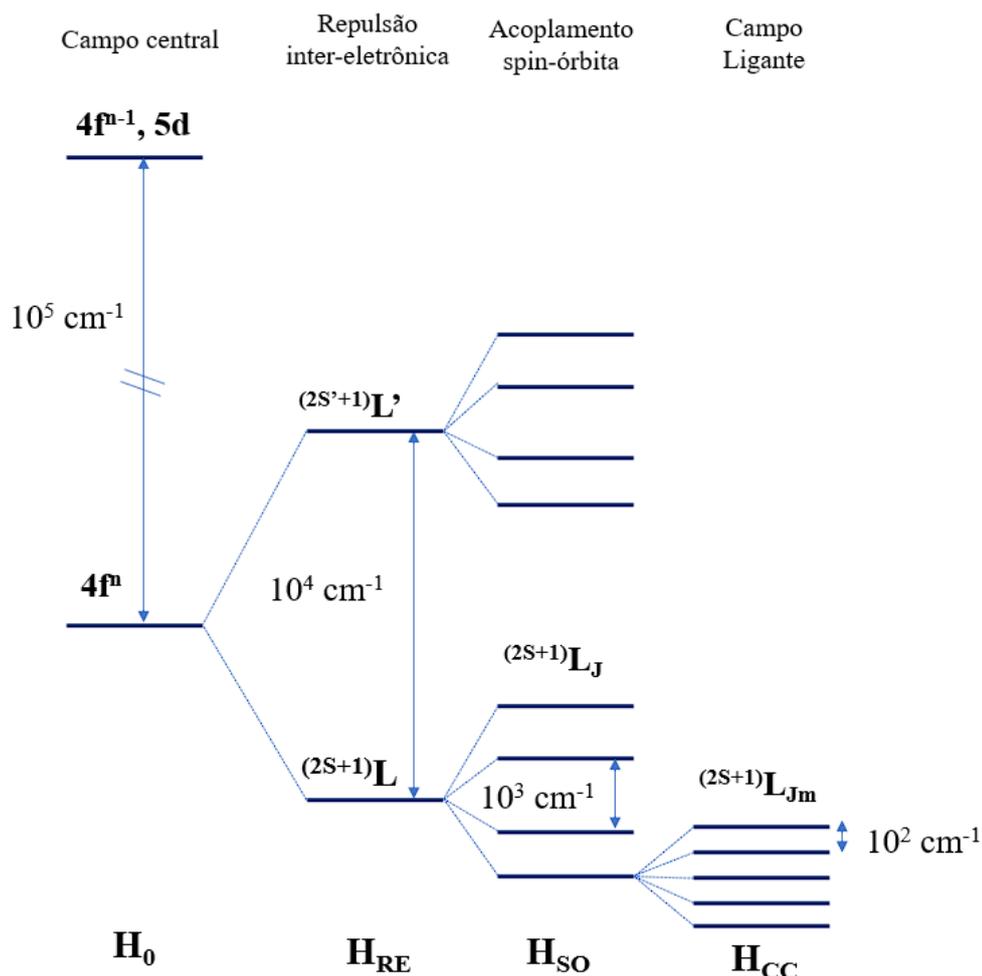
Nos íons livres, os níveis de energia dos lantanídeos são descritos por um Hamiltoniano considerando a interação resultante (Figura 14) do campo central ( $H_0$ ), o acoplamento spin-órbita ( $H_{SO}$ ) e a repulsão intereletrônica ( $H_{RE}$ ), de acordo com a equação 1.

$$H_{\text{íon livre}} = H_0 + H_{RE} + H_{SO} \quad (\text{Equação 1})$$

O  $H_0$  depende dos números quânticos principal e de momento angular e separa as diferentes configurações eletrônicas (5p, 4f, 5d) em aproximadamente  $10^5 \text{ cm}^{-1}$  em energia<sup>89,90</sup>. A degenerescência das configurações 4f é removida pela interação de repulsão intereletrônica ( $H_{RE}$ ), inerente aos sistemas multieletrônicos, resultando em termos  $(2S+1)L$ . Esses termos são afetados pelo acoplamento spin-órbita ( $H_{SO}$ ), que remove a degenerescência dos termos  $(2S+1)L$  em relação aos seus componentes  $2S+1$  do momento angular total, resultando nos níveis  $(2S+1)L_J$ .

A perturbação causada pelo ambiente químico ao redor do íon livre diminui a simetria do campo esférico e quebra a degenerescência desses níveis em  $J$  dando origem aos níveis Stark, que podem se dividir em um máximo de  $2J+1$  a depender da simetria do campo ligante<sup>89,91</sup>. Tal perturbação é descrita pelo Hamiltoniano de campo cristalino ( $H_{CC}$ ), que somado ao Hamiltoniano de íon livre resulta no Hamiltoniano total, como mostra a equação 2.

$$H = H_{\text{íon livre}} + H_{CC} \quad (\text{Equação 2})$$



**Figura 14.** Representação com as principais perturbações que levam ao desdobramento dos níveis de energia dentro de uma configuração  $4f^n$  dos lantanídeos. Fonte: adaptado de Sousa Filho et al. <sup>91</sup>.

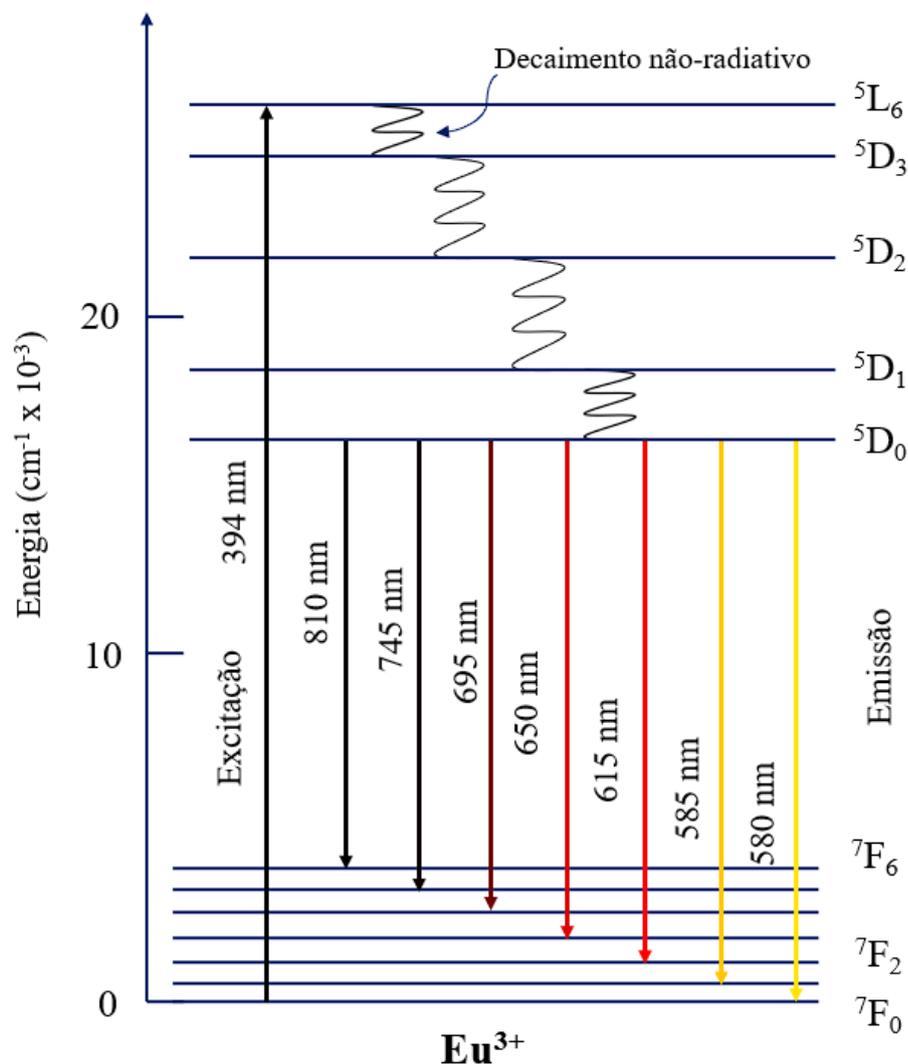
### 1.2.1. Íon Európio

O  $\text{Eu}^{3+}$  possui a configuração eletrônica  $[\text{Xe}]4f^6$ , com 54 dos seus 60 elétrons distribuídos nas camadas fechadas do átomo de xenônio e 6 elétrons na camada 4f, sendo estes protegidos do ambiente externo pelos orbitais  $5s^2$  e  $5p^6$ . Os seis elétrons na camada 4f podem ser organizados de 3003 microestados diferentes nos sete orbitais 4f, e distribuídos em 119 multipletos que por conta da interação spin-órbita originam 295 níveis de energia diferentes. Seu termo espectroscópico de menor energia é um septeto  $(2S + 1)$  e o momento orbital de menor energia é representado pela letra F ( $L = 3$ ), assim, tem-se  ${}^7F_J$  e J podendo assumir valores de  $0 < J < 6$  (entre  $|L + S|$  e  $|L - S|$ ), o que resulta no fundamental sendo  ${}^7F_0$  (Figura 15) <sup>92</sup>.

A partir da excitação do íon com uma fonte de energia referente ao ultravioleta, os níveis energéticos superiores relaxam não radiativamente e populam o estado  $^5D_0$ . A partir deste estado excitado então podem ser observadas as emissões atribuídas a transições para os estados  $^7F_J$  de mais baixa energia, exibindo uma luminescência característica de cor vermelha<sup>93,94</sup>. O estado  $^5D_0$  não é desdobrado pelo campo cristalino pois possui  $J = 0$  e os valores finais de  $J$  para os estados  $^7F_J$  são baixos, propriedades que tornam as análises dessas transições relativamente simples em um espectro eletrônico para a obtenção informações sobre a estrutura em que o íon está ocupando<sup>92</sup>. Desta forma, o uso do  $Eu^{3+}$  é muito interessante para o início da caracterização espectroscópica de novos materiais, o que o qualifica como uma sonda estrutural. O preparo de biocompósitos a base de CNC e GG com a presença de íons  $Eu^{3+}$ , além de ter o potencial para o desenvolvimento de novos sistemas fotônicos biocompatíveis, permite o estudo da mudança estrutural a nível molecular dessas matrizes através de análises espectroscópicas, via alteração na esfera de coordenação do íon lantanídeo.

A transição  $^5D_0 \rightarrow ^7F_0$  (Figura 15) ocorre por dipolo elétrico e aparece em um espectro entre 570 e 585 nm, com intensidade variando de muito fraca a forte, dependendo da simetria que o íon está inserido, porém apresentando apenas uma banda nessa região já que sua degenerescência é igual a 1 ( $J = 0$  e  $2J + 1 = 1$ ). Segundo a regra de seleção para  $J$ , essa transição é estritamente proibida pelo  $J$  inicial e final serem 0, porém ela ocorre devido a uma relaxação na regra pela mistura de  $J$  quando o  $Eu^{3+}$  está localizado em um ambiente de ligante não esfericamente simétrico<sup>94</sup>.

A transição  $^5D_0 \rightarrow ^7F_1$  é a única que ocorre unicamente por mecanismo de dipolo magnético e, por conta disso, sua intensidade integrada é independente da mudança do campo cristalino<sup>95</sup>. Ela pode então ser considerada como uma constante em um espectro eletrônico e usada como referência para a análise da intensidade das demais transições do  $Eu^{3+}$ , como na comparação da razão de intensidades entre as bandas  $^5D_0 \rightarrow ^7F_1$  e  $^5D_0 \rightarrow ^7F_2$  de diferentes compostos por exemplo, ou ainda permitindo a realização de cálculos de parâmetros de intensidade e de eficiência de emissão do nível  $^5D_0$ <sup>94</sup>. A banda dessa transição ocorre entre 585 e 600 nm, e pode ser desdobrada pelo campo cristalino em até três componentes, além de se apresentar mais intensa que a transição  $^5D_0 \rightarrow ^7F_2$  nos espectros de sólidos com estrutura cristalina de alta simetria.



**Figura 15.** Níveis de energia do íon  $\text{Eu}^{3+}$  e suas transições eletrônicas. Fonte: adaptado de Syamchand e Sony <sup>92</sup>.

A transição  ${}^5\text{D}_0 \rightarrow {}^7\text{F}_2$  é chamada de hipersensível, já que a intensidade desta é muito influenciada pelo ambiente químico em que o íon está inserido e pela natureza dos ligantes. Ocorre entre 610 e 630 nm e é usada, geralmente, para caracterizar o grau de simetria do sítio de coordenação do íon  $\text{Eu}^{3+}$ , ao passo que não é observada ou apresenta baixa intensidade quando o íon está em ambientes de alta simetria, por outro lado, sua intensidade é muito alta em ambientes fortemente assimétricos <sup>92,94</sup>.

Com os espectros de emissão do íon  $\text{Eu}^{3+}$ , e com base na intensidade da transição  ${}^5\text{D}_0 \rightarrow {}^7\text{F}_1$ , é possível obter valores de coeficientes de emissão espontânea ( $A_{0\lambda}$ ), a partir da intensidade integrada das bandas de emissão ( $S_{0\lambda}$ ) e do baricentro da transição f-f ( $\nu_{0\lambda}$ ). Os

cálculos seguem a equação 3<sup>90,96</sup>, utilizando como referência o coeficiente de emissão para a transição  ${}^5D_0 \rightarrow {}^7F_1$ , sendo equivalente à  $A_{01} = 15.n^3$ , e  $n$  é o índice de refração do meio em que o íon está inserido.

$$A_{0\lambda} = A_{01} \left( \frac{S_{0\lambda}}{S_{01}} \right) \left( \frac{v_{01}}{v_{0\lambda}} \right) \quad (\text{Equação 3})$$

Somando-se os valores calculados para cada uma das transições do espectro, tem-se o coeficiente de emissão espontânea ( $A_{total}$ ) para o nível  ${}^5D_0$  (equação 4) e o seu inverso é tido como o tempo de vida radioativo (equação 5).

$$A_{total} = \sum A_{0j} = A_{00} + A_{01} + A_{02} + A_{03} + A_{04} \quad (\text{Equação 4})$$

$$\tau_{RAD} = \frac{1}{A_{total}} \quad (\text{Equação 5})$$

Com este valor e os dados de tempo de vida experimental para a amostra, a eficiência quântica da emissão relativa ao nível  ${}^5D_0$  pode ser calculada pela equação 6.

$$\eta = \frac{\tau_{exp}}{\tau_{rad}} \quad (\text{Equação 6})$$

Também a partir desses espectros, podem ser determinados parâmetros de intensidade de Judd-Ofelt experimental  $\Omega_2$  e  $\Omega_4$  usando a equação 7 onde,  $\chi = n(n+2)^2/9$  é a correção de campo local de Lorentz e  $n$  novamente o índice de refração do meio,  $\omega$  é a frequência angular do campo de radiação incidente, e  $\langle {}^7F_\lambda || U^{(\lambda)} || {}^5D_0 \rangle$  são iguais a 0,0032 e 0,0023 para  $\Omega_2$  e  $\Omega_4$ , respectivamente:

$$\Omega_\lambda = \frac{3\hbar c^3 A_{0\lambda}}{4e^2 \omega^3 \chi \langle {}^7F_\lambda || U^{(\lambda)} || {}^5D_0 \rangle^2} \quad (\text{Equação 7})$$

Como geralmente a transição  ${}^5D_0 \rightarrow {}^7F_6$  não é detectada nos espectros, o valor experimental de  $\Omega_6$  não é considerado. No estudo espectroscópico de amostras dopadas com o íon európio, os parâmetros de Judd-Ofelt podem avaliar de modo comparativo o ambiente de coordenação do íon, em relação a simetria local ( $\Omega_2$ ) e à fatores de covalência ( $\Omega_4$ )<sup>90</sup>.

### 1.2.1. Transferência de energia

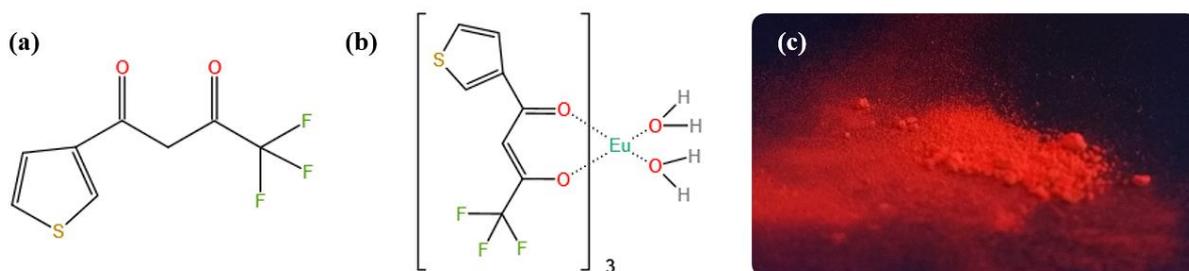
A luminescência por excitação direta do íon lantanídeo é limitada pela baixa capacidade de absorção de luz devido à natureza transição f-f, que é proibida por Laporte, diminuindo a probabilidade de transições f-f, e sendo um ponto a ser superado na preparação de materiais luminescentes. Tal propriedade resulta em coeficientes de absorção molar  $\epsilon$  baixos (menores que  $10 \text{ L mol}^{-1} \text{ cm}^{-1}$ ) para a maioria das transições nos espectros de absorção, ou seja, apenas uma pequena parte de radiação é absorvida por excitação direta nos níveis 4f<sup>97</sup>.

O nível emissor <sup>5</sup>D<sub>0</sub> do Eu<sup>3+</sup>, por exemplo, pode então ser povoado com maior eficiência pela sensibilização de um ligante orgânico de alto coeficiente de absorção molar, o qual apresenta maior eficiência de excitação pela absorção de luz na região do ultravioleta<sup>98</sup>. A coordenação do íon Eu<sup>3+</sup> ao ligante pode acarretar bandas de emissão relativamente intensas do íon lantanídeo por meio da transferência de energia intramolecular do ligante ao íon lantanídeo, em um fenômeno conhecido como efeito antena<sup>85</sup>.

A eficiência deste processo depende da seleção do ligante adequado para determinado íon lantanídeo, visando a formação de complexos. Os  $\beta$ -dicetonatos fazem parte de um grupo de ligantes comumente estudados em complexos trivalentes de lantanídeos devido à sua grande capacidade de atuar como sensibilizadores, exibindo uma alta eficiência quântica, bandas estreitas de emissão e boa estabilidade termodinâmica<sup>99,100</sup>. Embora complexos de  $\beta$ -dicetonato possam sofrer fotodecomposição sob irradiação UV de longo prazo, esse efeito pode ser atenuado incorporando esses complexos em híbridos orgânicos/inorgânicos ou ainda polímeros, o que permite ampliar o campo de aplicação desses complexos, como exemplo, em materiais emissores em novos tipos de OLEDs<sup>101</sup>. Sua intensa luminescência é também amplamente explorada para aplicações como sondas luminescentes em bioensaios, diagnóstico em análises clínicas por bioimageamento, dispositivos como sensores UV e como laser<sup>102</sup>.

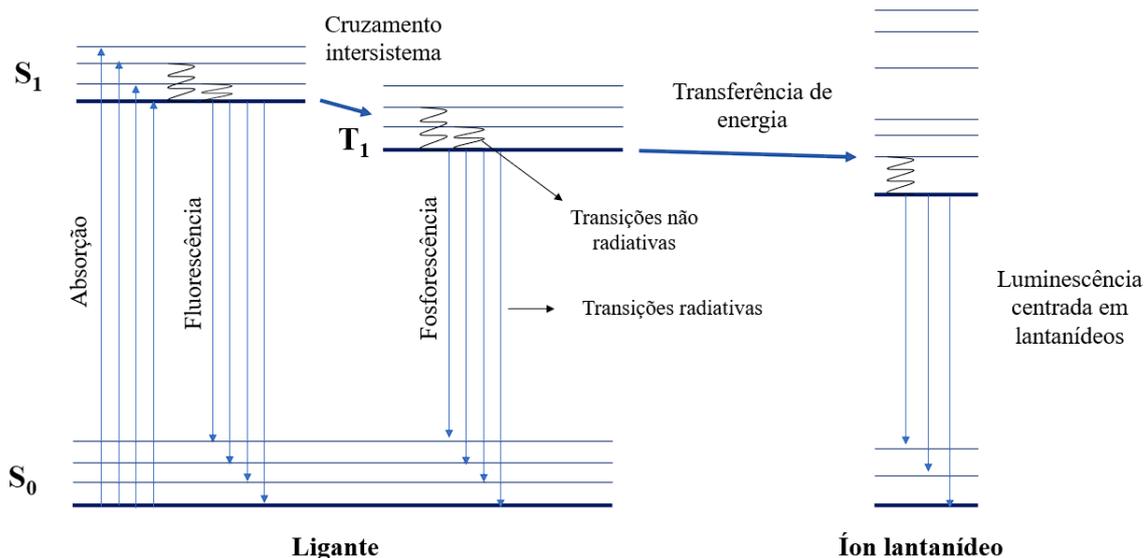
O Eu<sup>3+</sup> é um íon de grande importância para a formação desse tipo de sistema, recebendo grande atenção no estudo de materiais de alta intensidade de luminescência, e a sua interação com ligante  $\beta$ -dicetonato 2-tenoiltrifluoroacetona (TTA) resulta no complexo (Eu(TTA)<sub>3</sub>, ou Európio (III) tenoiltrifluoroacetonato (Figura 16), já amplamente relatado na literatura<sup>103-105</sup> e, também, utilizado nos estudos desse trabalho. O preparo de materiais de matriz a base de GG e CNC dopados com Eu<sup>3+</sup> e a sua interação com tal ligante buscou a obtenção desse complexo e,

consequentemente, um material com uma luminescência de emissões intensas, com base na transferência de energia do ligante orgânico para o íon európio.



**Figura 16.** (a) estrutura química do ligante TTA e do (b) complexo hidratado formado com interação com o Európio,  $\text{Eu}(\text{TTA})_3 \cdot 2 \text{H}_2\text{O}$  e a (c) luminescência vermelha característica do complexo em pó. Fonte: (a) e (b) adaptados de Forster et al. <sup>104</sup> e (c) o autor.

Quando um complexo é irradiado por luz ultravioleta, os seus ligantes orgânicos absorvem fortemente em uma ampla faixa de comprimento de onda e seus elétrons são excitados a um nível vibracional do primeiro estado singleto excitado, que sofre rapidamente conversão interna para níveis vibracionais mais baixos do estado S1 (Figura 17) <sup>106</sup>. Elétrons neste estado excitado podem decair para o estado fundamental (fluorescência) ou ocorrer um cruzamento intersistema (ISC) não radiativamente do estado singleto S1 para o estado tripleto T1 de menor energia. No estado excitado T1, o elétron pode decair radiativamente para o estado fundamental (fosforescência) ou via transferência de energia do estado tripleto do ligante ao estado excitado do íon lantanídeo <sup>99,107</sup>.



**Figura 17.** Esquema de níveis de energia mostrando a transferência de energia do ligante para o íon lantanídeo. Fonte: adaptado de Binnemans <sup>99</sup>.

Para que isso ocorra, é necessário que a energia do nível  $T_1$  esteja em ressonância com o nível excitado do íon lantanídeo. Outro fenômeno que pode também ocorrer é a retrotransferência de energia do íon lantanídeo para o estado tripleto, tendo a eficiência desses processos dependentes da energia dos níveis tripleto do ligante e nível emissor do lantanídeo. No caso do sistema TTA e  $\text{Eu}^{3+}$ , a energia é transferida para qualquer um dos níveis de  $^5D_J$ , sendo o nível emissor  $^5D_0$  ( $17227 \text{ cm}^{-1}$ ) <sup>94</sup> o mais provável, porém caso não seja, a energia de excitação é dissipada por processos não radiativos até esse nível <sup>108</sup>. A partir do  $^5D_0$  há o decaimento radiativo para qualquer um dos níveis  $^7F_J$  e a emissão ocorre em energias menores (ou seja, em comprimentos de onda maiores) do que aquela absorvida inicialmente pelo ligante.

## 2. Objetivos

### 2.1. Geral

Síntese de compósitos de Goma Gelana dopada com íons  $\text{Eu}^{3+}$  e nanocristais de celulose visando à obtenção de materiais para impressão 3D, seja na construção de *scaffolds* nanofibrosos ou sensores luminescentes.

### 2.2. Específicos

- Preparação de géis de dois tipos de goma gelana com várias concentrações de íons  $\text{Eu}^{3+}$ ;
- Preparação de filmes de dois tipos de goma gelana com apenas íons  $\text{Eu}^{3+}$  e complexos de íons  $\text{Eu}^{3+}$ ;
- Obtenção das nanocristais de celulose partindo de membranas de celulose bacteriana;
- Preparação de compósitos de nanocristais de celulose e goma gelana em diferentes composições;
- Avaliar as propriedades físicas, mecânicas e térmicas dos materiais obtidos;
- Estudos espectroscópicos utilizando os íons  $\text{Eu}^{3+}$  como sonda estrutural;
- Caracterização morfológica desses materiais;
- Obtenção de *scaffolds* nanofibrosos por impressão 3D.

### 3. Seção experimental

#### 3.1. Materiais

Amostras de LAGG Kelcogel CG-LA (Lote.0H6717A) e de HAGG Kelcogel CG-HA (Lote.9K4658A) foram gentilmente cedidas por CP Kelco (Limeira, SP) e utilizadas sem purificação adicional. Água deionizada de alta pureza (18,2 MΩ/cm), obtida de um sistema de purificação de água Millipore Milli-Q, foi utilizada para a preparação dos géis. Para a dopagem dos materiais, solução aquosa de cloreto de európio ( $\text{EuCl}_3 \cdot 6\text{H}_2\text{O}$ ) obtida por digestão com ácido clorídrico (HCl, Sigma Aldrich) do óxido de európio (III) ( $\text{Eu}_2\text{O}_3$ , Sigma Aldrich) foi empregada nos experimentos e o 2-tenoiltrifluoroacetona (TTA, Sigma Aldrich, pureza >99%) foi usado como ligante. Em adição ao HCl, o ácido sulfúrico ( $\text{H}_2\text{SO}_4$ , Sigma Aldrich) foi utilizado na extração dos CNC.

#### 3.2. Métodos de preparação

##### 3.2.1. Géis de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$

Géis dopados foram preparados com várias proporções em massa de  $\text{Eu}^{3+}$  em relação a massa de GG: 0,1; 0,2; 0,5; 1,0; 2,0; 3,0; 4,0 e 5,0% (% m/m,  $\text{Eu}^{3+}/\text{GG}$ ). Para cada formulação, um certo volume de  $\text{EuCl}_3$  (0,095 mol/L) (Tabelas 1 e 2) foi adicionado em 10,0 mL de água e homogeneizado, em seguida o GG foi adicionado lentamente sob agitação (400 rpm). O volume de água inicial foi mantido para todas as formulações, não havendo ajuste de acordo com os volumes de  $\text{EuCl}_3$  adicionados. Foram preparados géis dos dois tipos de GG: nos de LAGG foi adicionado 0,20 g de pó e nos de HAGG, 0,04 g de pó, para obter géis com concentração de GG de 2,0% e 0,4% (m/v), respectivamente<sup>10,109</sup>. A dispersão foi então aquecida a 70°C e mantida durante 15 minutos sob agitação. Após a obtenção de um sistema homogêneo, esta foi transferida para uma placa de petri plástica e resfriada 3°C por minuto a 25°C, o que resultou em géis uniformes. As amostras foram denominadas *LAGG\_EuX* ou *HAGG\_EuX*, sendo *X* as concentrações de  $\text{Eu}^{3+}$  adicionadas (% m/m). Géis sem adição de íons também foram preparados para comparação, denominados *LAGG\_pura* e *HAGG\_pura*.

**Tabela 1.** Volumes de solução de  $\text{EuCl}_3$  adicionados para cada amostra, com a quantidade e a massa de  $\text{Eu}^{3+}$  correspondente e a proporção final em relação a massa de LAGG.

| Amostra           | Volume solução ( $\mu\text{L}$ )<br>$\text{EuCl}_3$ 0,095 mol/L | $\text{Eu}^{3+}$<br>(mol) | Massa $\text{Eu}^{3+}$<br>(mg) | Massa GG<br>(mg) | Proporção<br>$\text{mEu}^{3+}/\text{mGG}$ (%) |
|-------------------|---|---------------------------|--------------------------------|------------------|---|
| <i>LAGG_Eu0.1</i> | 13,8  | $1,32 \cdot 10^{-6}$      | 0,2                            | 200              | 0,1   |
| <i>LAGG_Eu0.2</i> | 27,6  | $2,63 \cdot 10^{-6}$      | 0,4                            | 200              | 0,2   |
| <i>LAGG_Eu0.5</i> | 69  | $6,58 \cdot 10^{-6}$      | 1,0                            | 200              | 0,5   |
| <i>LAGG_Eu1.0</i> | 138   | $1,32 \cdot 10^{-5}$      | 2,0                            | 200              | 1,0   |
| <i>LAGG_Eu2.0</i> | 276   | $2,63 \cdot 10^{-5}$      | 4,0                            | 200              | 2,0   |
| <i>LAGG_Eu3.0</i> | 414   | $3,95 \cdot 10^{-5}$      | 6,0                            | 200              | 3,0   |
| <i>LAGG_Eu4.0</i> | 552   | $5,26 \cdot 10^{-5}$      | 8,0                            | 200              | 4,0   |
| <i>LAGG_Eu5.0</i> | 690   | $6,58 \cdot 10^{-5}$      | 10,0                           | 200              | 5,0   |

**Tabela 2.** Volumes de solução de  $\text{EuCl}_3$  adicionados para cada amostra, com a quantidade e a massa de  $\text{Eu}^{3+}$  correspondente e a proporção final em relação a massa de HAGG.

| Amostra           | Volume solução ( $\mu\text{L}$ )<br>$\text{EuCl}_3$ 0,095 mol/L | $\text{Eu}^{3+}$<br>(mol) | Massa $\text{Eu}^{3+}$<br>(mg) | Massa GG<br>(mg) | Proporção<br>$\text{mEu}^{3+}/\text{mGG}$ (%) |
|-------------------|---|---------------------------|--------------------------------|------------------|---|
| <i>HAGG_Eu0.1</i> | 2,8   | $2,63 \cdot 10^{-7}$      | 0,04                           | 40               | 0,1   |
| <i>HAGG_Eu0.2</i> | 5,5   | $5,26 \cdot 10^{-7}$      | 0,08                           | 40               | 0,2   |
| <i>HAGG_Eu0.5</i> | 13,8  | $1,32 \cdot 10^{-6}$      | 0,2                            | 40               | 0,5   |
| <i>HAGG_Eu1.0</i> | 27,6  | $2,63 \cdot 10^{-6}$      | 0,4                            | 40               | 1,0   |
| <i>HAGG_Eu2.0</i> | 55,3  | $5,26 \cdot 10^{-6}$      | 0,8                            | 40               | 2,0   |
| <i>HAGG_Eu3.0</i> | 82,9  | $7,90 \cdot 10^{-6}$      | 1,2                            | 40               | 3,0   |
| <i>HAGG_Eu4.0</i> | 110,5   | $1,05 \cdot 10^{-5}$      | 1,6                            | 40               | 4,0   |
| <i>HAGG_Eu5.0</i> | 138,2   | $1,32 \cdot 10^{-5}$      | 2,0                            | 40               | 5,0   |

### 3.2.2. Filmes de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$

Para obter filmes de GG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  na mesma concentração dos géis, as soluções foram preparadas conforme descrito no item anterior e a  $70^\circ\text{C}$  foram vertidas em placas de Petri plásticas (5,5 cm de diâmetro). Em seguida, foram deixados resfriar a  $25^\circ\text{C}$  por uma hora e secos em estufa a  $50^\circ\text{C}$  por 24 horas<sup>41</sup>. Visando preparar filmes uniformes, volumes maiores

de água foram necessários para os géis de LAGG com maior proporção de  $\text{Eu}^{3+}$ , utilizando-se 20,0 mL no preparo das amostras *\_Eu2.0*, *\_Eu3.0* e *\_Eu4.0*, sendo identificadas como amostras *\_B*.

### 3.2.3. Filmes de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ com ligante TTA

Os filmes de LAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  preparados no item anterior foram obtidos na presença do ligante TTA em cinco proporções diferentes. Cinco partes de cada um dos filmes obtidos no item anterior foram separadas e pesadas, nas dimensões 2 cm x 1 cm, para adição do ligante. A partir da quantidade de  $\text{Eu}^{3+}$  em mol conhecida para cada fração de filme, foram calculadas as quantidades de TTA a serem adicionadas em cada uma, para manter a razão de TTA em mol é de 0,25; 0,5; 1; 1,5 e 2 em relação à quantidade de  $\text{Eu}^{3+}$  em mol em cada amostra. Uma solução do ligante de TTA em acetona (1 mmol/L) foi preparada e cada fração de filme foi então imersa separadamente em diferentes volumes desta solução, correspondendo à quantidade calculada de TTA. As soluções foram secas à temperatura ambiente e as amostras obtidas foram denominadas *LAGG\_EuX\_TTA<sub>Y</sub>*, sendo *X* as concentrações de  $\text{Eu}^{3+}$  (% m/m) e *Y* as proporções de TTA (mol/mol) adicionadas.

### 3.2.4. CNC a partir de celulose bacteriana

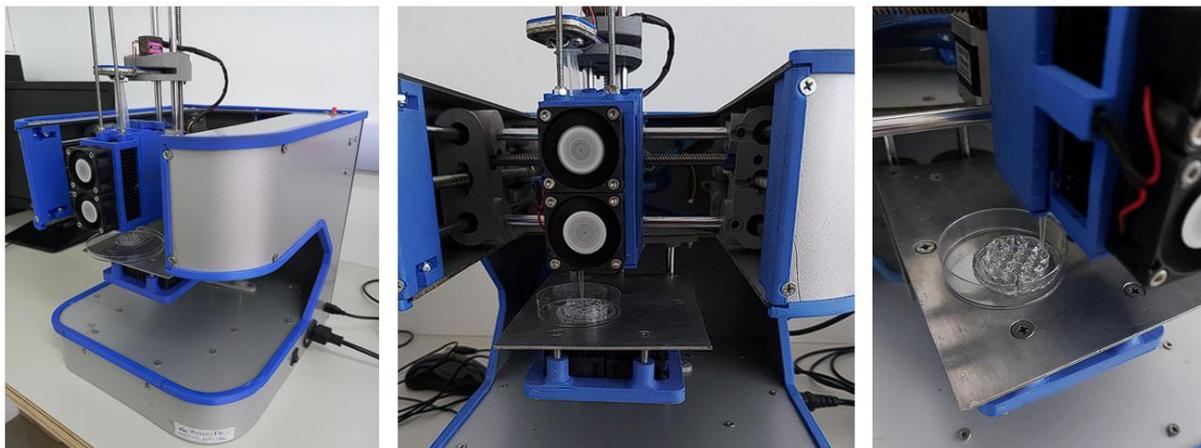
As membranas de celulose bacteriana foram cedidas pelo laboratório BioPolMat da Uniara e foi produzida em um cultivo das bactérias *Acetobacter xylinum* em meio de cultura estática de composição descrita por Iguchi et al. <sup>65</sup>. As membranas secas fragmentadas foram hidrolisadas em uma mistura de ácido sulfúrico ( $\text{H}_2\text{SO}_4$ ) 34% (m/m) com ácido clorídrico (HCl) 24% (m/m) a 50 °C sob agitação constante durante 60 minutos <sup>43</sup>. A reação foi cessada diluindo-se a mistura dez vezes com água gelada. A suspensão foi centrifugada à 3600 rpm durante 15 minutos e o sobrenadante resultante foi colocado em membranas para diálise contra água Milli-Q. A diálise foi mantida até que se atingisse pH 5 e a suspensão resultante foi sonicada em banho de ultrassom por 3 minutos a uma frequência de 40 kHz (ultrassom Thornton T7).

### 3.2.5. Géis e filmes de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ com adição de CNC

Esses nanocristais preparados anteriormente foram então incorporados aos materiais previamente caracterizados de LAGG dopados com 1 % de  $\text{Eu}^{3+}$ . A proporção de nanocristais variou entre 1; 5; 10 e 20 % m/m de maneira complementar à massa de GG, de modo que a massa total do gel se mantivesse em 200 mg. Então, foi diluído 138  $\mu\text{L}$  de uma solução aquosa de 0,095 mol/L de  $\text{EuCl}_3$  em água e depois foi adicionado o volume correspondente de suspensão de CNC 5,4 mg/mL, de modo que o volume final fosse de 10 mL. Depois, a LAGG foi adicionada e se procedeu da mesma forma que o descrito anteriormente.

### 3.2.6. Impressão de géis compósitos de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ e CNC

Os *scaffolds* foram obtidos por manufatura aditiva por meio de uma impressora 3D BioEdPrinter v.1 da BioEdTech (Figura 18), que usa um sistema de extrusão pneumática. Para isso, foram utilizados modelos tridimensionais obtidos no *website Tinkercad*<sup>110</sup>, os quais foram inseridos no *software Simplify3D*<sup>111</sup>, que foi responsável pelo fatiamento do modelo, ou seja, por dividi-lo em várias camadas em um arquivo denominado G-code, contendo os comandos que a impressora realiza. O *software* também foi usado para calibração e comunicação direta com o equipamento, podendo-se alterar as variáveis do procedimento. Os géis desenvolvidos neste trabalho eram então vertidos em seringas de 10 mL logo após o preparo, evitando-se o surgimento de bolhas que poderiam atrapalhar a uniformidade da extrusão. A impressão era feita quando os géis alcançavam temperatura ambiente, sendo extrudados por um bico de aproximadamente 0,8 mm de diâmetro. As peças circulares de 30 mm diâmetro foram impressas em placas de petri de 55 mm de diâmetro.



**Figura 18.** Bioimpressora EdBioPrinter.

### 3.3. Métodos de caracterização

As análises reológicas foram realizadas em um reômetro rotacional AR 1500ex da TA Instruments. As amostras de gel foram analisadas com uma geometria cone-placa de aço inoxidável (diâmetro de 40 mm; 2° cone), com o intervalo de medição definido em 52  $\mu\text{m}$ . A temperatura foi ajustada pelo equipamento com banho-maria recirculante, utilizando 30 segundos para equilíbrio térmico da amostra. Duas amostras recém-preparadas de aproximadamente 2,5 mL foram medidas para cada formulação. Para os testes de varredura de amplitude, as amostras foram expostas à tensão crescente de 0,01 a 400,0%, com frequência angular constante ( $\omega$ ) de 10,0 rad/s, em análises conduzidas à 25,0 °C e 37,0 °C. Nos testes de varredura de frequência, as amostras foram expostas a uma frequência crescente ( $\omega = 0,628$  a 628 rad/s) e uma tensão oscilatória constante (1%). Para os testes de varredura de temperatura, as amostras foram analisadas entre 20,0 °C e 50,0 °C, com uma taxa de aquecimento de 1 °C/minuto, tensão constante em 1,0% e frequência angular em ( $\omega = 10,0$  rad/s). Amostras de GG com mais de 3% de  $\text{Eu}^{3+}$  (m/m) não foram analisadas por reologia, pois ultrapassaram o limite de torque do equipamento durante os testes.

Os espectros de infravermelho com transformada de Fourier (FTIR) foram registrados à temperatura ambiente com as amostras na forma de filmes, usando o ar como branco, em um espectrômetro Spectrum Two da PerkinElmer no Departamento de Química da FFCLRP-USP. Todos os espectros foram obtidos com uma resolução de 1  $\text{cm}^{-1}$  na faixa de 4000 a 400  $\text{cm}^{-1}$  para uma média de 20 varreduras. Os filmes analisados foram preparados especificamente para

essa análise, pois buscou filmes mais finos para um melhor resultado na análise de FTIR. As soluções foram preparadas como descrito no item 2.3, mas em um volume final de 5 mL, e mantendo a proporção de 0,3% para LAGG e 0,2 para a HAGG (m/v), seguindo as mesmas concentrações finais em relação a GG de íons  $\text{Eu}^{3+}$ . Os géis foram secos em placas de petri com diâmetro maior (8,5 cm), nas condições já descritas e estes filmes foram denominados *LAGG0.3\_EuX* e *HAGG0.2\_X*, onde o *X* refere-se à concentração de íons  $\text{Eu}^{3+}$  como anteriormente descrito (% m/m).

As análises dos filmes por Espectroscopia Eletrônica na Região do UV-Visível foram realizadas em um Espectrofotômetro UV-Vis Evolution 60S da Thermo Scientific.

Os dados de fotoluminescência foram obtidos analisando as amostras na forma de filmes à temperatura ambiente usando um espectrofluorímetro FluoroLog 3 (FL3-122) da Horiba Scientific, no mesmo Departamento de Química, equipado com um monocromador de dupla excitação e emissão e um fotomultiplicador Hamamatsu R928. Uma lâmpada contínua de xenônio de 450 W foi usada para coletar espectros de excitação e emissão e uma lâmpada pulsada para medições tempo de vida.

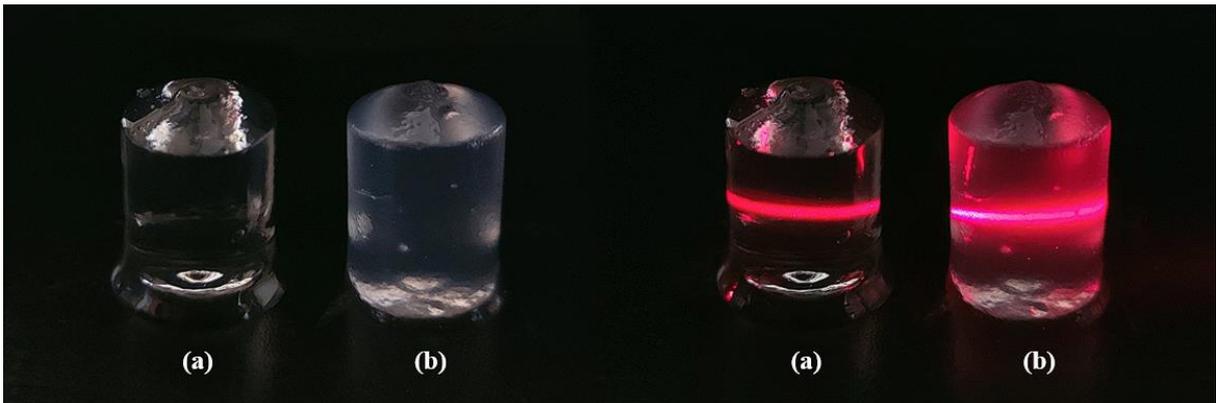
As imagens de microscopia eletrônica de transmissão foram adquiridas utilizando um microscópio JEOL JEM – II da FMRP - USP. As amostras foram preparadas a partir da secagem em temperatura ambiente da suspensão de CNC em água nas grades de análise. O comprimento e o diâmetro dos CNCs foram determinados por meio das imagens, a partir de 50 medidas.

A caracterização mecânica dos filmes foi realizada em máquina universal de ensaios (DL-2000, EMIC, EUA) de acordo com a norma ASTM D882-10 no Departamento de Engenharia de Bioprocessos e Biotecnologia da Unesp de Araraquara. Filmes com dimensões de 10 cm x 2,5 cm foram ajustados nas garras a uma distância de 50 mm e a espessura média foi calculada usando um micrômetro digital.

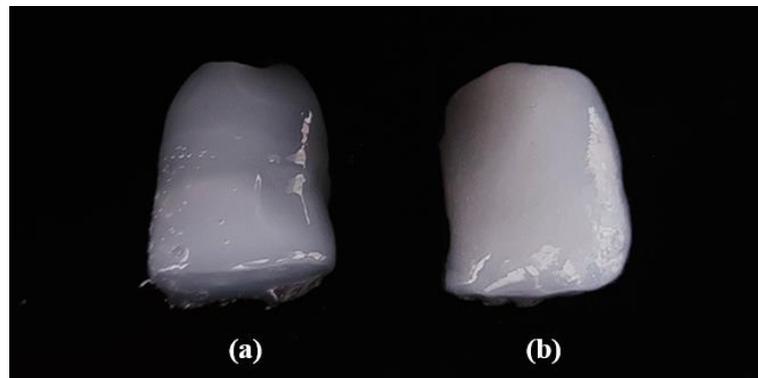
## 4. Resultados e discussão

### 4.1. Géis de GG dopados com $\text{Eu}^{3+}$

A Figura 19 traz as amostras dos géis de LAGG puro e dopado com 1%  $\text{Eu}^{3+}$ , onde ficou evidenciada a alteração no processo de gelificação pela adição do íon, dado os diferentes comportamentos de espalhamento de luz entre as amostras, além de serem capazes de manterem o formato do molde em que foram gelificados, ao contrário dos géis de HAGG, mostrados na Figura 20, com formas mais irregulares e de aparência esbranquiçada, característica desse tipo de GG.



**Figura 19.** Fotos dos géis de LAGG (a) puro e (b) dopado com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  à luz ambiente e com um feixe laser mostrando o espalhamento da luz.



**Figura 20.** Fotos dos géis de HAGG (a) puro e (b) dopado com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$ .

Os géis de GG dopados com íons  $\text{Eu}^{3+}$  foram formados por meio da reticulação iônica do polissacarídeo na presença dos íons lantanídeos, no qual, a quantidade e a natureza química dos cátions presentes em solução afetam substancialmente a gelificação da matriz. A literatura

comumente discute a influência de cátions mono e divalentes como mediadores da reticulação da GG, tais como  $\text{Na}^+$ ,  $\text{K}^+$ ,  $\text{Ca}^{2+}$  ou  $\text{Mg}^{2+}$ , já que estes são comuns em meios fisiológicos<sup>8,13</sup>. Em comparação, os íons  $\text{Eu}^{3+}$  possuem uma maior carga positiva e como resultado, neste trabalho, um maior poder de reticulação mediada por esse íon foi observado, como foi demonstrado pelos resultados a seguir. Experimentalmente, já durante a preparação dos géis, ficou evidente que a incorporação dos íons na solução alterou o comportamento do processo de gelificação quando comparado com a GG pura em meio aquoso, ou seja, ocorreu um aumento gradual da viscosidade. Para compreender como o íon  $\text{Eu}^{3+}$  atuou nesse processo, análises de comportamento reológico foram realizadas para obter propriedades físicas e mecânicas desses géis.

#### 4.1.1. Reologia

Análises de reologia oscilatória foram realizadas para avaliar as alterações nas propriedades físicas e mecânicas dos géis na presença e ausência do íon lantanídeo. Nas análises de tensão controlada, um torque oscilante é aplicado na placa superior e o deslocamento angular resultante é medido ( $\theta$ ), a partir do qual a deformação ( $\gamma$ ) é calculada multiplicada por uma constante de deformação ( $K_\gamma$ ), na equação 8.

$$\gamma = \theta \cdot K_\gamma \quad (\text{Equação 8})$$

A razão entre a tensão aplicada e a deformação medida fornece o módulo complexo ( $G^*$ ), que é uma medida quantitativa da rigidez do material ou resistência à deformação e pode ser dividido em dois componentes, segundo a equação 9<sup>112</sup>.

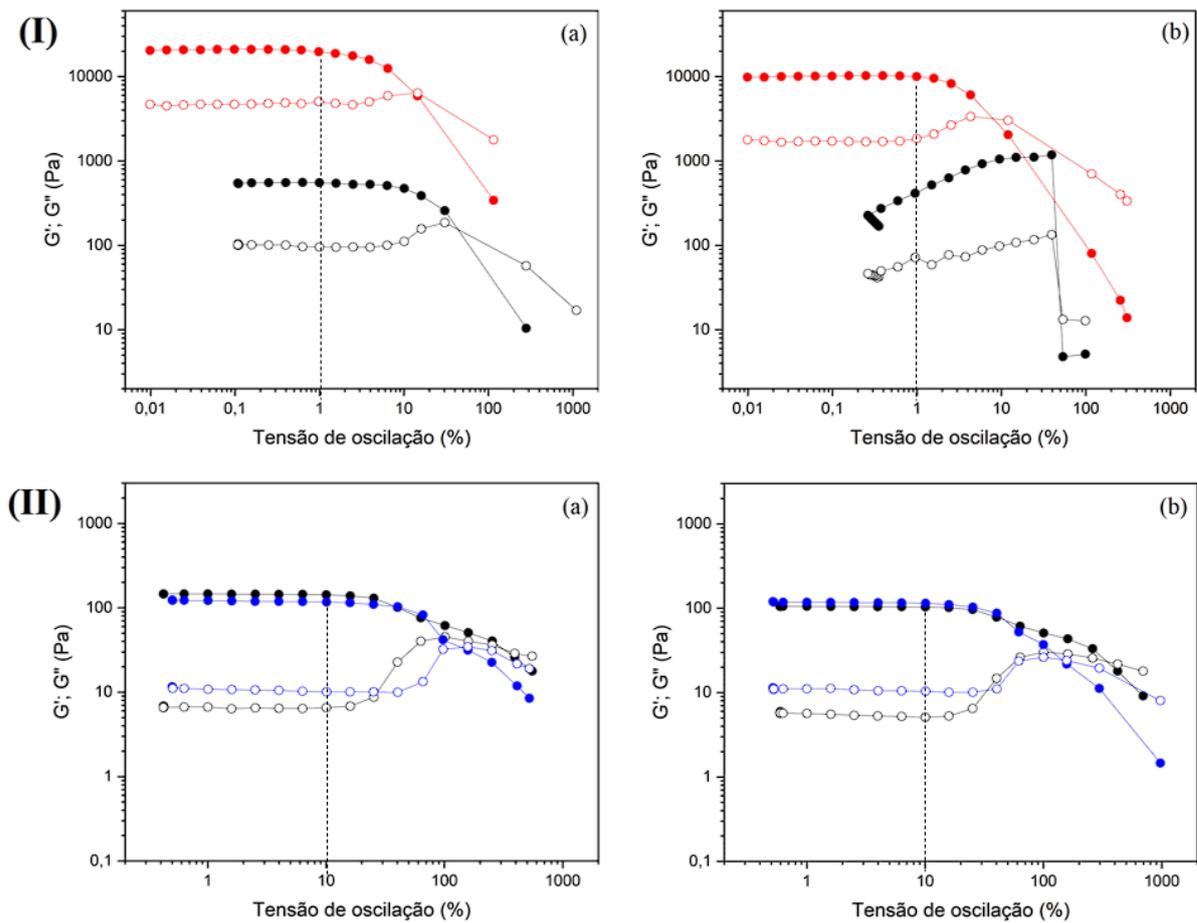
$$G^* = G' + iG'' \quad (\text{Equação 9})$$

Um dos componentes fornece o módulo de armazenamento ( $G'$ ), uma medida da energia de deformação armazenada pela amostra, aquela que atua como uma força que compensa a deformação sofrida pela estrutura durante o processo de cisalhamento, representando o comportamento elástico do material. A outra componente dá o módulo de perda ( $G''$ ), uma medida da energia de deformação utilizada pela amostra durante o processo de cisalhamento, aquela gasta durante o processo de alteração da estrutura do material, quando a amostra começa a fluir, representando o seu comportamento viscoso<sup>113</sup>.

#### **4.1.1.1. Varreduras de amplitude**

Durante o primeiro teste, uma deformação oscilatória crescente foi aplicada em todas as amostras para investigar o comportamento da estrutura da matriz, desde sua forma intacta até a quebra de sua rede polimérica, a fim de avaliar o efeito da inserção gradual do íon  $\text{Eu}^{3+}$  na estrutura do polissacarídeo. A região viscoelástica linear (LVE) representa a faixa de deformação na qual a estrutura do material é estável e preservada e pode ser determinada quando  $G'$  e curva  $G''$  têm valores constantes. Os dados reológicos para as amostras LAGG puro, HAGG puro, LAGG\_Eu2.0 e HAGG\_Eu2.0 nas temperaturas de 25 °C e 37 °C (Figura 21) apresentaram as curvas dos módulos em diferentes níveis, e  $G' > G''$ , ou seja, o comportamento elástico domina o viscoso, evidenciando um caráter de gel com estrutura consolidada <sup>114</sup>. As amostras LAGG apresentaram linearidade viscoelástica na região de 1% de tensão de oscilação, enquanto as amostras HAGG foram lineares até cerca de 10% de tensão de oscilação. A diferença na magnitude dos módulos desses dois tipos de GG pode ser explicada pela maior eficiência na agregação de duplas hélices no GG desacilado, o que gera géis mais firmes, devido à ausência de grupos acil <sup>115</sup>. Por outro lado, o crescimento dos valores de  $G'$  e  $G''$  entre LAGG\_P e LAGG\_Eu\_2.0 pode ser explicado pela alta concentração de íons  $\text{Eu}^{3+}$  no gel, o que aumentou as interações entre as duplas hélices causando maior conectividade da rede polimérica <sup>116</sup>.

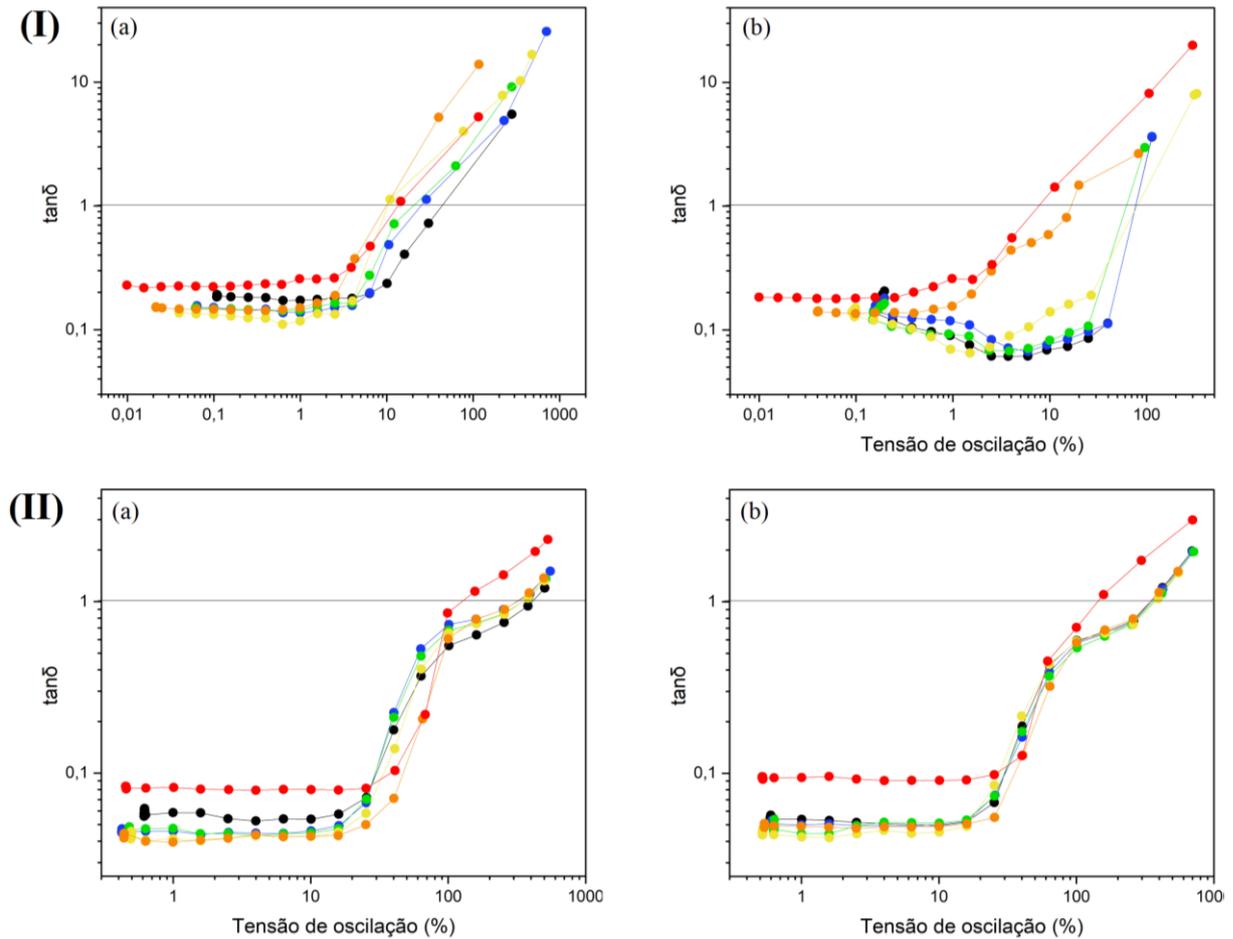
Após valores de tensão que ultrapassam a região LVE, os módulos de material começam a variar, passando para um regime não linear que corresponde ao colapso parcial da rede.  $G'$  e  $G''$  aproximaram-se até a intersecção das curvas, o que indica a ruptura da estrutura do gel, e as propriedades de fluido passaram a dominar <sup>117</sup>. Importante notar também que, como é mostrado na Figura 21, a faixa da LVE muda para as amostras de LAGG, isso porque, como foi discutido mais a frente, esta GG sofre mais o efeito do íon em sua estrutura, que se rompe a tensões menores com 2% de  $\text{Eu}^{3+}$ , o que por consequência, faz a região da LVE ser menor do que para a amostra pura.



**Figura 21.** Reograma de teste de varredura de amplitude a (a) 25 °C e (b) 37°C mostrando o  $G'$  (círculo preenchido) e  $G''$  (círculo delineado) ao longo da análise de (I) amostra LAGG\_Eu2.0 (vermelho) comparando com o gel LAGG puro (preto) e (II) Amostra HAGG\_Eu2.0 (azul) com o gel HAGG puro (preto).

A variação do módulo ao longo da análise pode ser melhor analisada pela relação entre o módulo de armazenamento e de perda, dado por  $\tan\delta$  ( $G''/G'$ ). Observando esses valores para as amostras de LAGG dopadas com  $\text{Eu}^{3+}$  a 25 °C (Figura 22 - a), aquela com 2% de  $\text{Eu}^{3+}$  apresenta valores de  $\tan\delta$  maiores (0,22) na região LVE do que as demais (0,14), então com  $G'$  e  $G''$  mais próximos entre si. Isso revela uma mudança do comportamento viscoelástico, resultado do aumento da componente viscosa do material, provavelmente provocada pela da grande quantidade de cátions no meio que alterou as características reticulares do gel. O grupo de amostras de LAGG a 37°C (Figura 22 - b) apresentou um comportamento diferente das curvas para amostras com até 0,5% de  $\text{Eu}^{3+}$ , com  $\tan\delta$  variando até 0,07, porém as amostras

com 1,0% e 2,0% de  $\text{Eu}^{3+}$  apresentaram um comportamento mais constante, semelhante à temperatura anterior.



**Figura 22.** Reogramas  $\tan \delta$  a (a) 25°C e (b) 37°C de amostras (I) LAGG e (II) HAGG, sendo elas pura (preto),  $_{\text{Eu}0,1}$  (azul),  $_{\text{Eu}0,2}$  (verde),  $_{\text{Eu}0,5}$  (amarelo),  $_{\text{Eu}1,0}$  (laranja) e  $_{\text{Eu}2,0}$  (vermelho).

Assim como a anterior, a amostra 2%  $\text{Eu}^{3+}$  também apresentou o maior LVE  $\tan \delta$  (0,08) entre os géis HAGG, enquanto os demais seguiram o mesmo perfil (0,04). O aumento de  $\tan \delta$  ao longo da tensão foi mais pronunciado do que os géis LAGG, comparável ao relatado por Osmałek<sup>34</sup>, e não houve diferenças significativas com o aumento da temperatura neste caso.

Valores de  $\tan \delta$  igual a 1 (Figura 22) ocorrem quando  $G' = G''$  e indica que a deformação promoveu a ruptura da estrutura do gel<sup>34</sup>. A deformação nestes pontos das curvas e o valor dos módulos onde  $G' = G''$  a 25,0 °C e a 37,0 °C (Tabela 3), calculados a partir dos dados numéricos da análise de varredura de amplitude, permitem observar a variação da força reticular dos géis em função da concentração do íon lantanídeo. De acordo com Carlfors et al.<sup>116</sup>, os módulos mais altos e conseqüentemente os altos valores de  $G' = G''$  são dependentes do aumento da

concentração de cátions na matriz, o que foi observado para as amostras de LAGG com maiores concentrações de  $\text{Eu}^{3+}$ . Comparativamente, há uma tendência de a tensão no ponto de cruzamento diminuir com o aumento da concentração de íons  $\text{Eu}^{3+}$  nas amostras. Quanto menor a tensão em que esse cruzamento ocorre, o sistema se apresenta menos resistente à tensão, então o íon está sendo incorporado na rede do polissacarídeo e a tornando gradualmente mais fraca. Tal efeito já foi relatado por Gibson<sup>30</sup> para  $\text{Ca}^{2+}$  que revelou que maiores concentrações iônicas resultaram em géis mais frágeis. No entanto, cátions monovalentes como o  $\text{Na}^+$  precisam estar em maior quantidade para induzir esse mesmo efeito, então a natureza do cátion tem grande influência neste caso. Portanto, para  $\text{Eu}^{3+}$  uma concentração relativamente baixa do íon é suficiente para causar uma diminuição na força do gel.

É importante notar que, enquanto para os géis LAGG os valores de deformação diminuem com uma concentração de  $\text{Eu}^{3+}$  a partir de 0,1%, para os géis HAGG isso acontece mais significativamente a partir de 1,0% de  $\text{Eu}^{3+}$ , em ambas as temperaturas estudadas. No entanto, apesar dessa influência na estrutura, o  $\text{Eu}^{3+}$  não desestrutura nenhum dos géis, confirmado pela predominância de  $G'$  sobre  $G''$ .

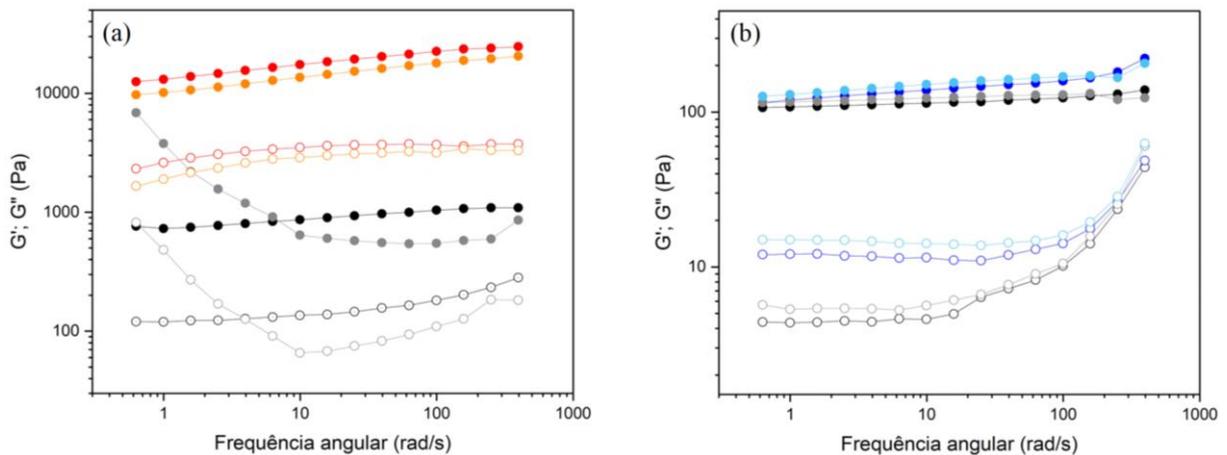
**Tabela 3.** Parâmetros calculados a partir dos pontos de interseção das curvas  $G'$  e  $G''$  das amostras LAGG e HAGG variando as concentrações de  $\text{Eu}^{3+}$  dos géis na análise de varredura de amplitude a 25,0 e 37,0 °C.

| Amostra       | LAGG                      |      |               |        | HAGG                      |       |               |      |
|---------------|---------------------------|------|---------------|--------|---------------------------|-------|---------------|------|
|               | Tensão em $G'=G''$<br>(%) |      | $G'=G''$ (Pa) |        | Tensão em $G'=G''$<br>(%) |       | $G'=G''$ (Pa) |      |
|               | 25°C                      | 37°C | 25°C          | 37°C   | 25°C                      | 37°C  | 25°C          | 37°C |
| <i>Pura</i>   | 42,3                      | 59,1 | 154,8         | 32,7   | 329,6                     | 344,1 | 25,9          | 23,4 |
| <i>Eu_0.1</i> | 25,9                      | 58,6 | 297,5         | 30,0   | 316,6                     | 350,5 | 32,2          | 20,9 |
| <i>Eu_0.2</i> | 20,1                      | 36,5 | 324,9         | 41,6   | 350,2                     | 365,1 | 26,4          | 10,9 |
| <i>Eu_0.5</i> | 10,5                      | 73,6 | 527,5         | 98,7   | 355,3                     | 346,5 | 25,3          | 23,9 |
| <i>Eu_1.0</i> | 10,7                      | 16,5 | 615,5         | 362,6  | 314,1                     | 340,9 | 30,5          | 21,8 |
| <i>Eu_2.0</i> | 15,5                      | 8,0  | 5734,7        | 3158,0 | 139,6                     | 143,0 | 33,9          | 24,5 |

#### 4.1.1.2. Varreduras de frequência

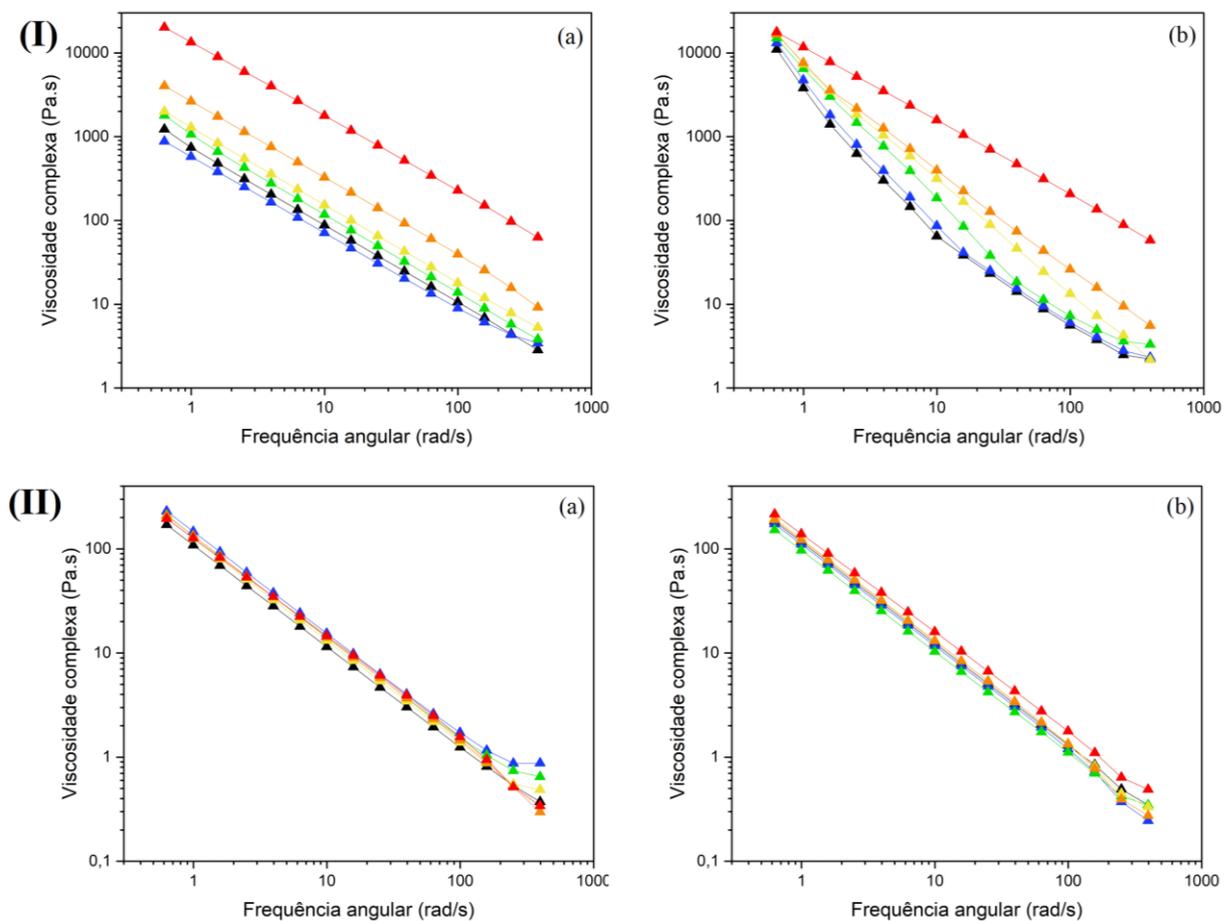
Gel pode ser definido pela predominância do comportamento tipo sólido, ou seja, a predominância do comportamento elástico sobre o viscoso, com  $G' > G''$  em uma faixa de frequência <sup>75,113</sup>. As amostras de gel LAGG puro e dopado com  $\text{Eu}^{3+}$  (Figura 23 - a) mostram os módulos independentes de frequência nos testes de varredura a 25,0 °C, e as curvas  $G'$  e  $G''$  apresentaram apenas uma ligeira inclinação ascendente, não havendo cruzamento. Confirmando que as estruturas da rede apresentam alto grau de reticulação e possuem rigidez estrutural praticamente constante em toda a faixa de frequência analisada.

No entanto, o teste dos géis a 37,0 °C indicou uma mudança no perfil reológico dos géis puros e com baixas concentrações de  $\text{Eu}^{3+}$ . Com o aumento da temperatura, a amostra LAGG pura teve a estrutura do gel alterada, com curvas de diferentes inclinações, módulos caindo até 10 rad/s e subindo para valores de frequência maiores, indicando aproximação dos módulos e tendendo a um comportamento mais viscoso. A adição de  $\text{Eu}^{3+}$  levou a uma estabilização gradual dos módulos das amostras, a concentração de 2,0% de  $\text{Eu}^{3+}$  apresentou curvas independentes com a variação da frequência angular, enfim, a presença do íon evitou a desestruturação do material.



**Figura 23.** Reograma de teste de varredura de frequência mostrando o  $G'$  (círculos preenchidos) e  $G''$  (círculos delineados) com as amostras (a) LAGG\_Eu2.0 (25 °C - vermelho e 37 °C - laranja) e LAGG puro (25 °C - preto e 37 °C - cinza) e (b) HAGG\_Eu2.0 (25 °C - azul e 37 °C - ciano) e o HAGG puro (25 °C - preto e 37 °C - cinza).

As amostras HAGG dopadas com  $\text{Eu}^{3+}$  (Figura 23 - b) apresentaram uma razão de módulo menor que a amostra HAGG pura, porém, todas essas amostras não apresentaram alteração significativa no comportamento das curvas de módulo nas temperaturas analisadas. A resistência ao fluxo em função da frequência angular, definida como viscosidade complexa ( $\eta^* = G^*/\omega$ )<sup>113</sup>, foi determinada, também, para os géis LAGG (Figura 24 - I) e HAGG (Figura 24 - II), e os valores apresentaram uma diminuição com o aumento da frequência aplicada. Em ambas as temperaturas, a viscosidade do LAGG puro foi menor que a dos materiais dopados, ou seja, com a adição de  $\text{Eu}^{3+}$  em concentrações crescentes, a viscosidade complexa dos materiais aumentou gradativamente. O comportamento não linear das amostras de LAGG com baixas concentrações de  $\text{Eu}^{3+}$  neste teste a 37 °C foi evidenciado pelas curvas  $\eta^*$ . Nos géis HAGG, não houve variação significativa dependendo da concentração de íons lantanídeos, em ambas as temperaturas.

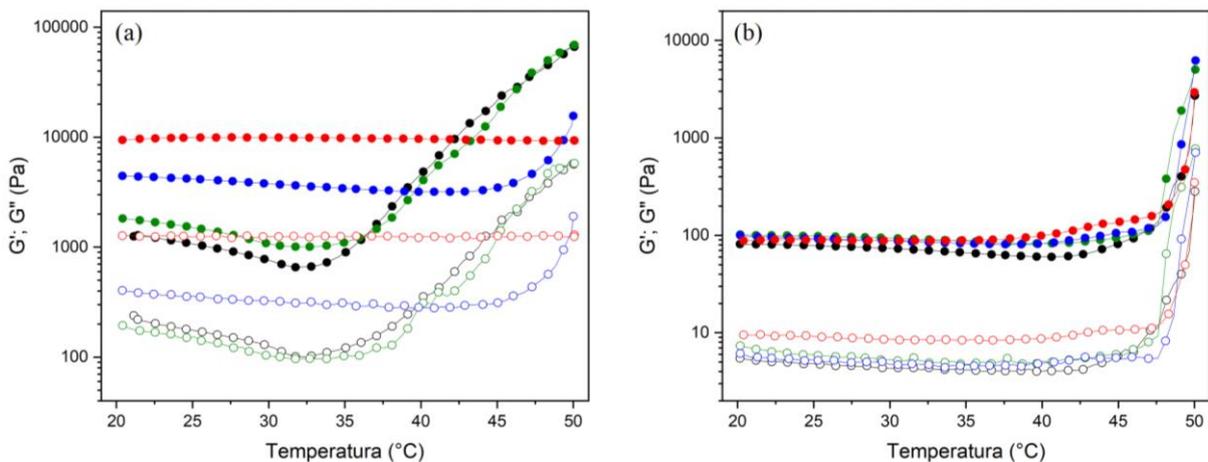


**Figura 24.** Viscosidades complexas a (a) 25°C e (b) 37°C de amostras (I) LAGG e (II) HAGG, sendo elas pura (preto), \_Eu0.1 (azul), \_Eu0.2 (verde), \_Eu0.5 (amarelo), \_Eu1.0 (laranja) e \_Eu2.0 (vermelho).

#### 4.1.1.3. Varreduras de temperatura

Os testes de varredura de temperatura indicaram que o LAGG puro (Figura 25 -a) apresentou uma variação notável nos módulos, atingindo o menor valor de  $G'$  e  $G''$  à 32,0 °C, com aumento linear em temperaturas superiores. Novamente, diferenças foram observadas para amostras dopadas a partir de 1,0%  $\text{Eu}^{3+}$ , nesta os valores de  $G'$  e  $G''$  apresentaram um perfil independente da temperatura até 45 °C, já a amostra dopada com 2,0%  $\text{Eu}^{3+}$ , os valores de  $G'$  e  $G''$  foram constantes em todas as temperaturas analisadas. A interação do íon  $\text{Eu}^{3+}$  levou ao enrijecimento da matriz e assim estabilização a estrutura do gel contra a variação de temperatura.

O mesmo efeito não foi observado para os géis HAGG (Figura 25 - b), pois a amostra pura já apresenta módulo de armazenamento e perda praticamente constante até 38 °C, conforme já relatado por Osmałek <sup>34</sup>, uma vez que os substitutos de glicerato presentes nesta GG promovem uma conformação de dupla hélice com estabilidade térmica muito maior que LAGG <sup>115</sup>. Diferenças podem ser notadas a partir de 38 °C, quando um leve aumento nos módulos foi notado nas amostras contendo  $\text{Eu}^{3+}$  antes da amostra pura (44,0 °C), com todos eles subindo abruptamente a 48,0 °C.



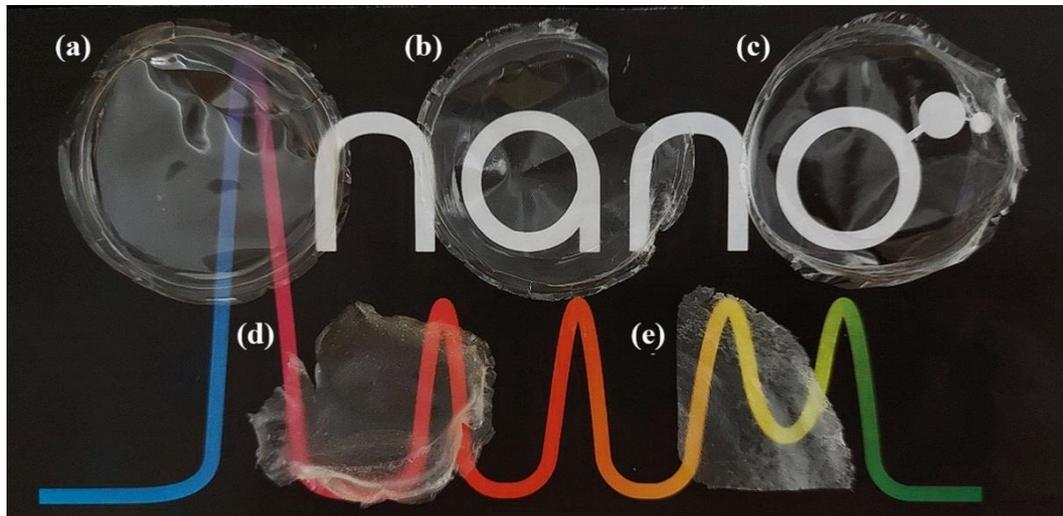
**Figura 25.** Reograma de teste de varredura de temperatura mostrando  $G'$  (pontos preenchidos) e  $G''$  (pontos vazios) ao longo da análise de amostras (a) LAGG e (b) HAGG, sendo elas puras (preto),  $\text{Eu}^{3+}$  0.5 (verde),  $\text{Eu}^{3+}$  1.0 (azul) e  $\text{Eu}^{3+}$  2.0 (vermelho).

Em conclusão, os resultados de reologia oscilatória indicaram a influência do íon lantanídeo na manutenção da estrutura do gel com as variações de temperatura, principalmente,

nos géis LAGG frente aos géis HAGG. Esta influência já foi descrita por Mazen et al.<sup>115</sup> em estudos com íon  $\text{Na}^+$ , nos quais demonstrou que a transição conformacional para dupla hélice em LAGG era mais sensível à concentração de íons. Esses resultados podem indicar que a coordenação do íon  $\text{Eu}^{3+}$  altera as propriedades viscoelásticas da forma desacetilada, ou seja, o íon lantanídeo atua nas interações entre as duplas hélices, no processo conhecido com gelificação ionotrópica, mimetizando a interação já existente nos géis HAGG.

## 4.2. Filmes de GG dopados com $\text{Eu}^{3+}$

Uma amostragem representativa dos filmes autossuportados obtidos a partir da secagem dos géis LAGG estão ilustrados na Figura 26, e estes são transparentes no visível.



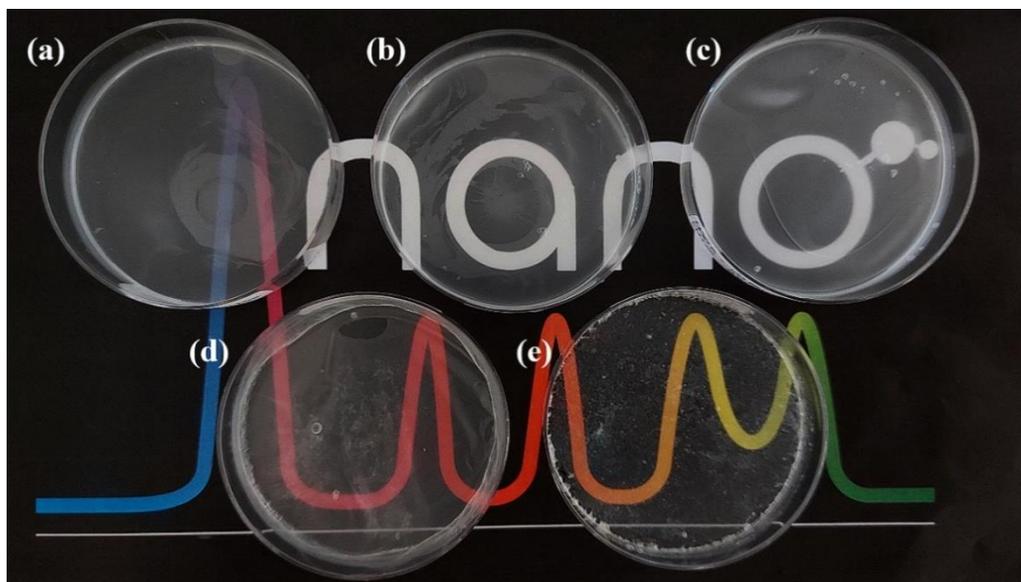
**Figura 26.** Foto dos filmes de LAGG puro dopados com  $\text{Eu}^{3+}$ . Amostras (a) *LAGG\_puro*, (b) *LAGG\_Eu0.2*, (c) *LAGG\_Eu1.0*, (d) *LAGG\_Eu2.0\_B* e (e) *LAGG\_Eu4.0\_B*.

Conforme descrito no procedimento experimental, no preparo das amostras de LAGG com concentração de  $\text{Eu}^{3+}$  superior à 2% (m/m), foi necessário utilizar a solução de GG mais diluída (amostras “\_B”). O efeito do íon  $\text{Eu}^{3+}$  na estruturação tridimensional do gel para a obtenção dos filmes autossuportados foi ilustrada na Figura 27. Se a concentração de GG foi equivalente a utilizada nas amostras com dopagem inferior à 2%, como resultado teremos filmes com redução acentuada de volume ou depósito de precipitados (sem formação de filme).



**Figura 27.** Foto dos materiais de LAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  preparados mantendo o volume de água igual a 10 mL. Amostras (a) *LAGG\_Eu2.0*, (b) *LAGG\_Eu3.0*, (c) *LAGG\_Eu4.0* e (d) *LAGG\_Eu5.0*.

A Figura 28 ilustra as amostras representativas para os filmes obtidos a partir da HAGG. Diferente da amostra LAGG, o preparo não resultou em material particulado para maiores concentrações de íons  $\text{Eu}^{3+}$ , contudo é visível a olho nu que as amostras ficam turvas com o aumento da concentração do íon lantanídeo, além do filme apresentar menor resistência a manipulação.

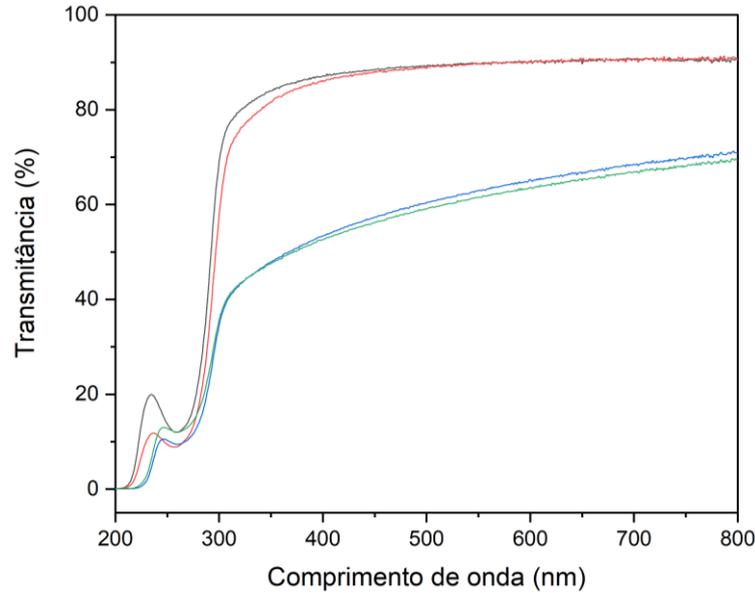


**Figura 28.** Foto dos filmes de HAGG puro dopados com  $\text{Eu}^{3+}$ . Amostras (a) *HAGG\_puro*, (b) *HAGG\_Eu0.2*, (c) *HAGG\_Eu1.0*, (d) *HAGG\_Eu2.0* e (e) *HAGG\_Eu4.0*.

Estes filmes foram caracterizados por espectroscopia de absorção na região do UV-visível, espectroscopia vibracional na região do infravermelho e por análises de fotoluminescência.

#### 4.2.1. Espectroscopia de absorção na região do UV-visível

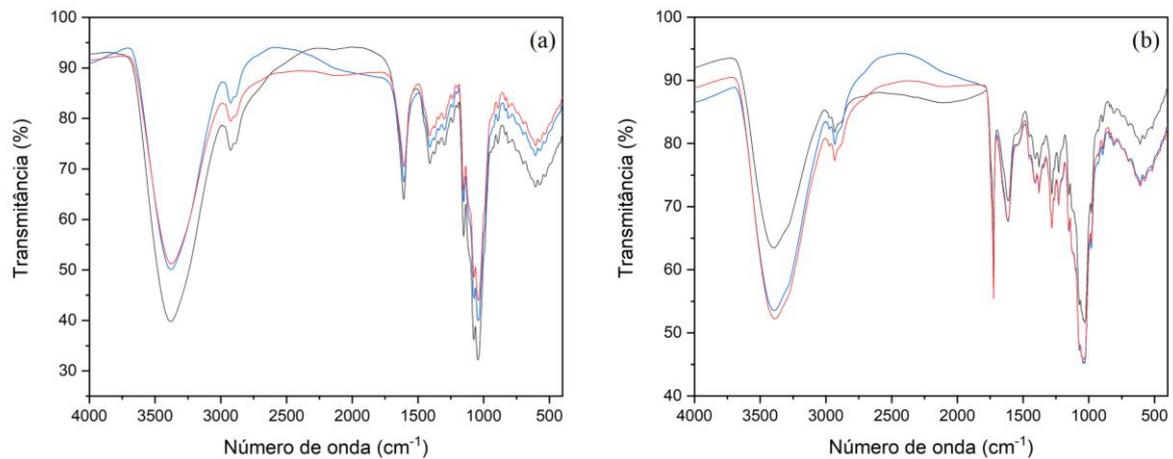
Corroborando com as imagens anteriores, os espectros de absorção no UV-Visível (Figura 29) confirmaram a transparência na região espectral do visível para as amostras LAGG (transmitância na ordem de 90%), enquanto as amostras HAGG apresentaram uma redução na transmitância, na ordem de 60% (em 500 nm). Para ambos os tipos de amostra, a presença do  $\text{Eu}^{3+}$  na concentração de 1% não alterou de forma significativa a transmitância das matrizes. Foi possível ainda notar uma banda de absorção na região de 270 nm para as amostras de ambos os tipos de GG, característico das matrizes, que pode ser atribuída ao grupo ácido glucurônico da estrutura do polissacarídeo conforme dados da literatura <sup>118</sup>.



**Figura 29.** Espectro de absorção na região do UV-visível das amostras LAGG e HAGG puras (preto e azul) e dessas matrizes dopadas com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  (vermelho e verde, respectivamente).

#### 4.2.2. Espectroscopia vibracional na região do infravermelho

Na Figura estão apresentados os espectros de FTIR para as amostras de LAGG e HAGG (Figura 30) na forma de filmes, com diferentes concentrações de íons  $\text{Eu}^{3+}$ .



**Figura 30.** Espectros de FTIR das amostras dos filmes (a) *LAGG0.5\_puro* (preto); *LAGG0.5\_Eu0.5* (azul) e *LAGG0.5\_Eu2.0* (vermelho). (b) Espectros de FTIR das amostras dos filmes *HAGG0.2\_puro* (preto); *HAGG0.2\_Eu0.5* (azul) e *HAGG0.2\_Eu2.0* (vermelho).

Os espectros das amostras de LAGG analisadas confirmaram o perfil espectral esperado para a estrutura desse tipo de GG conforme descrito na literatura<sup>8,119,120</sup>. As principais bandas

são características aos grupos vibracionais presentes na estrutura do polissacarídeo (Tabela 4), como nas regiões de  $3380\text{ cm}^{-1}$ , referente à vibração de estiramento O – H dos grupos hidroxila,  $2925\text{ cm}^{-1}$ , vibração de estiramento C – H do grupo  $\text{CH}_2$ . E ainda em  $1608$  e  $1409\text{ cm}^{-1}$  identificadas como alongamento assimétrico e simétrico do grupo carboxilato, e por fim em  $1044\text{ cm}^{-1}$ , do alongamento C – O.

Já nos espectros das amostras do tipo HAGG, além de pequenas variações nas bandas já atribuídas, foi também identificada a banda em  $1724\text{ cm}^{-1}$  referente ao alongamento C – O característico do grupo acil encontrado exclusivamente nessa forma de GG <sup>10</sup>, como já esperado. Nenhuma alteração espectral foi observada pela adição dos íons  $\text{Eu}^{3+}$  na preparação das amostras, independentemente das proporções estudadas.

**Tabela 4.** Atribuições de bandas dos espectros FTIR das amostras de LAGG e HAGG, de acordo com Silva-Correia et al. <sup>8</sup> e Pereira et al. <sup>10</sup>.

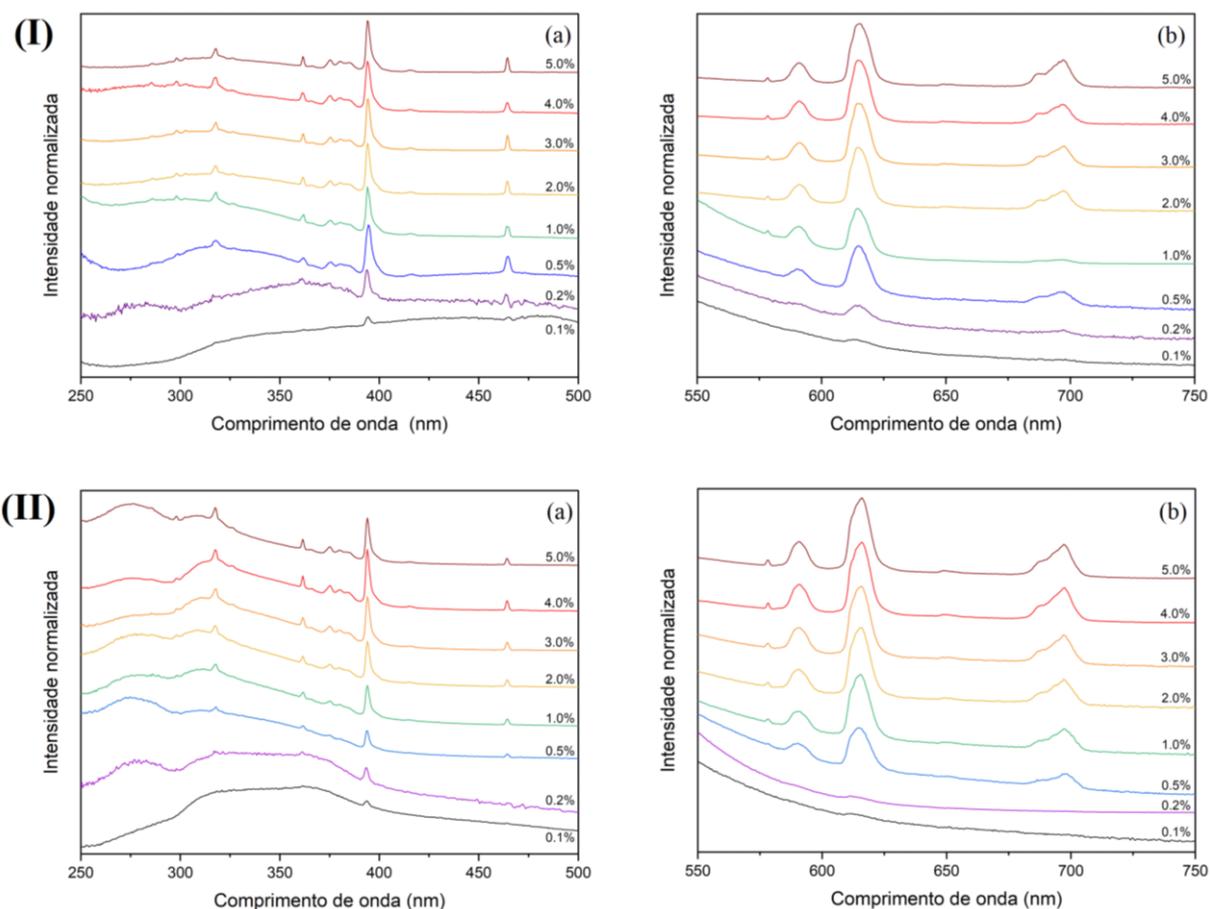
| Atribuições                  | Número de onda ( $\text{cm}^{-1}$ ) |               |
|------------------------------|-------------------------------------|---------------|
|                              | Amostras LAGG                       | Amostras HAGG |
| Alongamento O-H              | 3380                                | 3389          |
| Alongamento C-H              | 2925                                | 2933          |
| Alongamento C-O              | -                                   | 1724          |
| Alongamento assimétrico COO- | 1608                                | 1613          |
| Alongamento simétrico COO-   | 1409                                | 1406          |
| Alongamento C-O              | 1044                                | 1030          |

#### 4.2.1. Espectroscopia de Fotoluminescência

##### 4.2.1.1. Filmes de GGs dopados com $\text{Eu}^{3+}$

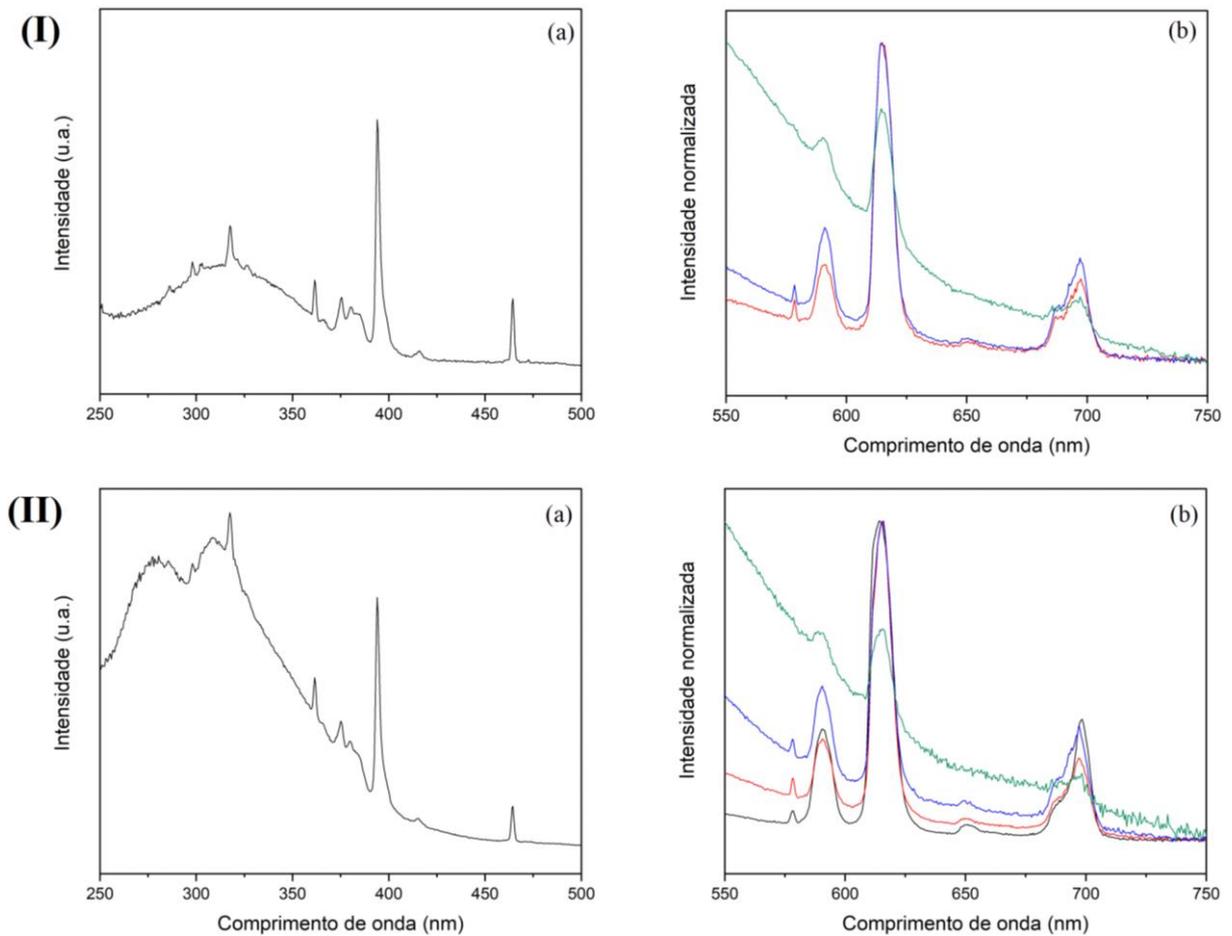
Os filmes obtidos a partir de géis de GG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  foram caracterizados por espectroscopia de fotoluminescência. As amostras de 0,1 e 0,2 %  $\text{Eu}^{3+}$  (Figura 31) apresentaram baixa intensidade nas análises para ambos os tipos de GG, o que dificultou atribuição das bandas de excitação e emissão de íons. Este polissacarídeo é uma matriz desafiadora para a produção de filmes com alta intensidade de emissão, uma vez que o íon  $\text{Eu}^{3+}$  coordenado nesta matriz pode ter seu nível de emissor  $^5\text{D}_0$  rapidamente desexcitado via osciladores como os grupos OH, que são eficientes em promover decaimento não radiativo, e conseqüentemente, redução da

eficiência de emissão quântica. Conforme estudado por Horrocks e colaboradores <sup>121</sup>, deve-se, também, considerar outros osciladores X – H que atuam na redução do tempo de meia-vida para o estado excitado, ou seja, além dos grupos O – H, podem existir grupos N – H e C – H, que podem suprimir a luminescência quando estão próximos à esfera de coordenação do íon lantanídeo. Especificamente, o íon  $\text{Eu}^{3+}$  pode coordenar-se através dos átomos de O e N, e em polissacarídeos, o oxigênio carboxílico pode coordenar-se facilmente ao íon európio. Nas amostras dopadas com  $\text{Eu}^{3+}$  na proporção de 0,5%, os espectros de excitação mostraram uma banda larga na região de 320 nm para o filme a base de LAGG <sup>118</sup> referente a transferência de carga ligante-metal (LMCT) de  $\text{O} \rightarrow \text{Eu}^{3+}$ , porém a baixa intensidade relativa para as bandas de excitação f-f indicou uma reduzida eficiência no processo de transferência de energia entre a matriz e o íon lantanídeo. Contudo para as amostras de HAGG, esta banda estava centrada em torno de 275 nm e apresentou uma transferência de energia relativamente mais eficiente, devido à maior intensidade desta banda em relação às transições de íons lantanídeos.



**Figura 31.** (a) Espectros de excitação ( $\lambda_{em}$  612 nm) e (b) espectros de emissão ( $\lambda_{ex}$  394 nm) de filmes (I) LAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  (% m/m,  $\text{Eu}^{3+}/\text{GG}$ ) e (II) HAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  (% m/m,  $\text{Eu}^{3+}/\text{GG}$ ).

Os espectros de excitação (Figura 32 – a) também mostraram as bandas características do íon  $\text{Eu}^{3+}$ , em 317,5 nm, 361,5 nm, 380 nm, 394 nm, 416 nm e 464 nm referentes às transições  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{H}_3$ ,  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{D}_4$ ,  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{L}_7$ ,  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{L}_6$ ,  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{D}_3$  e  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{D}_2$ , respectivamente <sup>94,122</sup>. Nos espectros de emissão (Figura 32 – b), as bandas de emissão características do  $\text{Eu}^{3+}$  foram observadas em 578 nm, 591 nm, 614 nm, 648 nm e 697 nm, referentes às transições  ${}^5\text{D}_0 \rightarrow {}^7\text{F}_0$ ;  ${}^7\text{F}_1$ ;  ${}^7\text{F}_2$ ;  ${}^7\text{F}_3$  e  ${}^7\text{F}_4$  do íon  $\text{Eu}^{3+}$ , respectivamente, e o perfil espectral indicou que o íon estava um ambiente de baixa simetria <sup>94</sup>, devido alta intensidade relativa da transição  ${}^5\text{D}_0 \rightarrow {}^7\text{F}_2$  e pela presença da transição  ${}^5\text{D}_0 \rightarrow {}^7\text{F}_0$ . Em adição, o alargamento inhomogêneo das bandas foi típico da presença de íons  $\text{Eu}^{3+}$  em uma ampla distribuição de ambientes de coordenação distintos, dentre aqueles disponíveis para serem ocupados nas matrizes.



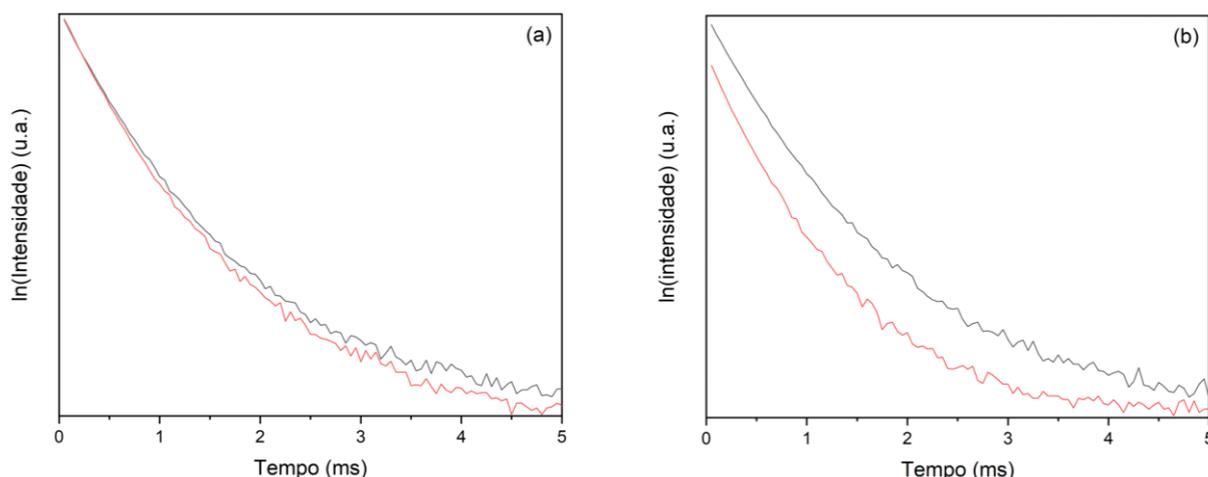
**Figura 32.** (a) Espectros de excitação ( $\lambda_{\text{em}}$  612 nm) e (b) espectros de emissão em  $\lambda_{\text{ex}}$  275 nm (preto), 330 nm (vermelho), 394 nm (azul) e 464 nm (verde) dos filmes **(I)** LAGG\_Eu2.0 e **(II)** HAGG\_Eu2.0.

A análise do tempo de vida para o estado excitado  $^5D_0$  para o íon  $\text{Eu}^{3+}$  nas amostras LAGG e HAGG resultou em valores muito próximos, de 0,42 ms à 0,27 ms (Tabela 5), com pequena variação para as diferentes concentrações dos íons lantanídeos.

**Tabela 5.** Tempo de vida médio dos filmes de GG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  excitando em  $\lambda_{\text{ex}}$  330 nm e 394 nm e monitorando em  $\lambda_{\text{em}}$  612 nm.

| Amostra       | Tempo de vida (ms)             |                                |                                |                                |
|---------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|
|               | LAGG                           |                                | HAGG                           |                                |
|               | $\lambda_{\text{ex}} = 330$ nm | $\lambda_{\text{ex}} = 394$ nm | $\lambda_{\text{ex}} = 330$ nm | $\lambda_{\text{ex}} = 394$ nm |
| <i>Eu_0.1</i> | 0,42                           | 0,38                           | 0,39                           | 0,28                           |
| <i>Eu_0.2</i> | 0,34                           | 0,33                           | 0,43                           | 0,35                           |
| <i>Eu_0.5</i> | 0,31                           | 0,30                           | 0,42                           | 0,37                           |
| <i>Eu_1.0</i> | 0,36                           | 0,34                           | 0,39                           | 0,34                           |
| <i>Eu_2.0</i> | 0,32                           | 0,30                           | 0,37                           | 0,31                           |
| <i>Eu_3.0</i> | 0,32                           | 0,31                           | 0,36                           | 0,30                           |
| <i>Eu_4.0</i> | 0,34                           | 0,30                           | 0,38                           | 0,31                           |
| <i>Eu_5.0</i> | 0,28                           | 0,27                           | 0,36                           | 0,29                           |

Estes valores foram calculados a partir da razão  $I_0/e$ , uma vez que as curvas de decaimento de  $\ln(I)$  vs tempo (Figura 33) não puderam ser ajustadas a uma regressão linear em toda a sua extensão, devido à existência de diferentes sítios de coordenação com diferentes tempos de vida, este perfil corrobora com o alargamento inhomogêneo dos espectros.



**Figura 33.** Curvas de tempo de vida (escala ln) das amostras (a) *LAGG\_Eu2.0* e (b) *HAGG\_Eu2.0* (linha preta –  $\lambda = 330$  nm e linha vermelha –  $\lambda = 394$  nm).

Apesar da baixa intensidade de luminescência observada nos espectros de emissão, os tempos de vida para o estado excitado  $^5D_0$  foram relativamente altos, quando comparados a matrizes com alta concentração de grupos OH, que promovem a desexcitação eficiente dos níveis emissores via mecanismos vibracionais, conforme descrito por Horrocks <sup>121</sup>. Contrário de ambientes altamente hidratados, como  $\text{Eu}^{3+}$  em uma solução aquosa de  $\text{EuCl}_3$ , no qual o tempo de vida para o estado excitado  $^5D_0$  igual a  $0,14$  ms <sup>93</sup>, ou em zeólitas X <sup>123</sup>, em que o  $\text{Eu}^{3+}$  está parcialmente hidratado e dentro de uma cavidade de sodalita, mas fortemente ligados à rede de aluminossilicatos, com tempo de vida igual a  $0,25$  ms, ou mesmo íons  $\text{Eu}^{3+}$  coordenados na superfície das lamelas da estrutura boehmita, com tempo de vida igual a  $0,16$  ms <sup>93</sup>; aqui os íons  $\text{Eu}^{3+}$  na estrutura polissacarídica apresentaram um tempo de vida para o estado excitado  $^5D_0$  variando de  $0,27$  à  $0,42$  ms.

Conforme Horrocks <sup>114</sup> e estudos prévios no grupo de pesquisa <sup>93,124</sup>, a probabilidade de decaimento não-radiativo ( $A_{N\text{-rad}}$ ) aumenta em  $0,44$  ms<sup>-1</sup> por cada grupo OH na primeira esfera de coordenação do íon  $\text{Eu}^{3+}$ . A partir dos cálculos dos parâmetros de emissão determinados para as amostras (Tabela 6) e considerando que  $A_{N\text{-rad}} = (1/\tau_{\text{exp}}) - A_{\text{total}}$  <sup>124</sup>, o ambiente de coordenação na GG apresenta entre 6 e 7 grupos OH na esfera de coordenação do íon, o que foi condizente com o número de moléculas de água obtidos a partir da relação de Horrocks. Portanto, os dados espectroscópicos confirmam que as matrizes possuem grupos capazes de promover a desexcitação dos níveis emissores e reduzir a intensidade de emissão observada, contudo, os íons lantanídeos estão coordenados em regiões com baixa concentração

moléculas de água, visto que na esfera de coordenação do íon lantanídeo em meio aquoso são observadas 8 moléculas de água em simetria  $D_{4d}$ <sup>125</sup>, nossos cálculos determinaram aproximadamente 3 moléculas de  $H_2O$ , assim a baixa intensidade de emissão pode resultar da baixa eficiência de excitação via transições f-f, uma vez que essas transições têm um baixo coeficiente de absorção molar<sup>126</sup>.

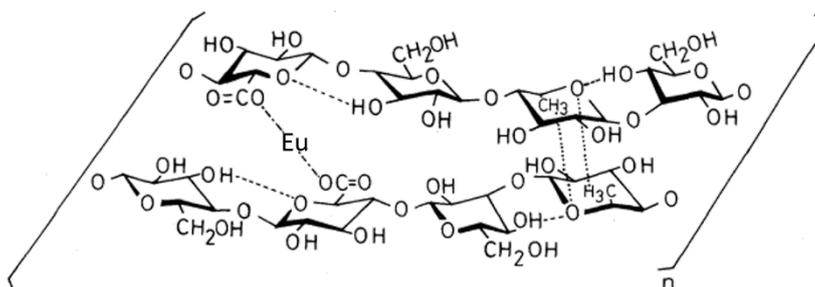
**Tabela 6.** Coeficiente de emissão espontânea total ( $A_{total}$ ), coeficiente de decaimento não radiativo ( $A_{N-rad}$ ), parâmetros de intensidade experimental de Judd-Ofelt ( $\Omega_n$ ), tempo de vida radiativo ( $\tau_{rad}$ ), tempo de vida experimental ( $\tau_{exp}$ ), eficiência quântica ( $\eta$ ) e número de moléculas de água na primeira esfera de coordenação ( $q$ ) das amostras LAGG e HAGG dopadas com  $Eu^{3+}$  excitadas à 394 nm.

| Amostra           | $A_{total}$<br>( $ms^{-1}$ ) | $A_{N-rad}$<br>( $ms^{-1}$ ) | $\Omega_2$<br>( $\times 10^{-20} cm^2$ ) | $\Omega_4$<br>( $\times 10^{-20} cm^2$ ) | $\tau_{rad}$<br>(ms) | $\tau_{exp}$<br>(ms) | $\eta$<br>(%) | $q$  |
|-------------------|------------------------------|------------------------------|--|--|----------------------|----------------------|---------------|------|
| <i>LAGG_Eu1.0</i> | 0,193                        | 2,75                         | 3,56                                     | 0,53                                     | 5,17                 | 0,34                 | 6,6           | 2,70 |
| <i>LAGG_Eu2.0</i> | 0,346                        | 2,98                         | 6,08                                     | 3,32                                     | 2,89                 | 0,30                 | 10,4          | 2,97 |
| <i>LAGG_Eu3.0</i> | 0,357                        | 2,88                         | 6,30                                     | 3,53                                     | 2,80                 | 0,31                 | 11,1          | 2,84 |
| <i>LAGG_Eu4.0</i> | 0,361                        | 2,97                         | 6,43                                     | 3,56                                     | 2,77                 | 0,30                 | 10,8          | 2,95 |
| <i>LAGG_Eu5.0</i> | 0,366                        | 3,33                         | 6,10                                     | 4,26                                     | 2,73                 | 0,27                 | 9,9           | 3,36 |
| <i>HAGG_Eu1.0</i> | 0,301                        | 2,64                         | 5,01                                     | 2,89                                     | 3,32                 | 0,34                 | 10,1          | 2,62 |
| <i>HAGG_Eu2.0</i> | 0,316                        | 2,91                         | 5,32                                     | 3,21                                     | 3,16                 | 0,31                 | 9,8           | 2,88 |
| <i>HAGG_Eu3.0</i> | 0,309                        | 3,02                         | 4,99                                     | 3,34                                     | 3,23                 | 0,30                 | 9,2           | 3,04 |
| <i>HAGG_Eu4.0</i> | 0,323                        | 2,90                         | 5,15                                     | 3,71                                     | 3,10                 | 0,31                 | 10,1          | 2,85 |
| <i>HAGG_Eu5.0</i> | 0,327                        | 3,12                         | 5,27                                     | 3,77                                     | 3,05                 | 0,29                 | 9,6           | 3,09 |

Em adição, a razão de intensidade  ${}^5D_0 \rightarrow {}^7F_1/{}^5D_0 \rightarrow {}^7F_2$  dos filmes LAGG (0,36) e HAGG (0,42) dopados com  $Eu^{3+}$  estão próximos do  $Eu^{3+}$  coordenado na superfície da matriz de boehmita (0,33)<sup>93</sup>. Os parâmetros de intensidade de Judd-Ofelt foram calculados<sup>90</sup> e as amostras apresentaram maiores valores de  $\Omega_2$  quando comparados com  $Eu^{3+}$  em solução aquosa ( $1,6 \times 10^{-20} cm^2$ )<sup>95</sup>, semelhante ao  $Eu(phen)_2(NO_3)_3$  ( $6,7 \times 10^{-20} cm^2$ )<sup>127</sup>, corroborando que a interação do íon  $Eu^{3+}$  na matriz da GG leva à redução de simetria do íon  $Eu^{3+}$  altamente hidratado  $D_{4d}$  (precursor na preparação dos filmes). Os valores de  $\Omega_4$  estão na mesma ordem de grandeza aos observados para o íon  $Eu^{3+}_{aq}$  ( $5,6 \times 10^{-20} cm^2$ )<sup>95</sup> e em  $Eu_2O_3$  ( $5,0 \times 10^{-20} cm^2$ )<sup>128</sup>. Contudo os baixos valores obtidos para  $\Omega_4$  foram coerentes, e como descrito por Malta<sup>90</sup> e

possibilita analisar os efeitos de coordenação, mesmo a longa distância, ou seja, a interação  $\text{Eu}^{3+}$ -GG foi fraca, mas suficiente para estabilizar o íon  $\text{Eu}^{3+}$  na matriz híbrida, e como demonstrado pelas análises de reologia, estabilizar a estrutura do gel e impor um ambiente de baixa simetria. E por fim, eficiência quântica determinada foi comparável a outros biomateriais baseados em proteínas dopado com  $\text{Eu}^{3+}$  (18,6%)<sup>129</sup>.

Com base nos dados espectroscópicas pode-se sugerir que o íon  $\text{Eu}^{3+}$  está coordenando nas matrizes considerando as estruturas já propostas por Tako et al.<sup>130</sup> para a interação de íons  $\text{K}^+$  e  $\text{Ca}^{2+}$  em GG. Ou seja, o íon lantanídeo deve estar formando pontes entre várias moléculas de GG através dos átomos de oxigênio carboxil dos resíduos de D-glucuronosil, mantendo as diferentes moléculas do polímero fortemente ligadas através de sua alta força iônica, além das ligações de hidrogênio intra e intermoleculares e a força de van der Waals já nativa do polímero, para a agregação de duplas hélices (Figura 34).



**Figura 34.** Interações entre cadeias de GG intermediada pelo íon  $\text{Eu}^{3+}$ . Fonte: adaptado de Tako et al.<sup>130</sup>.

#### 4.2.1.2. Filmes de LAGGs dopados com $\text{Eu}^{3+}$ com adição do ligante TTA

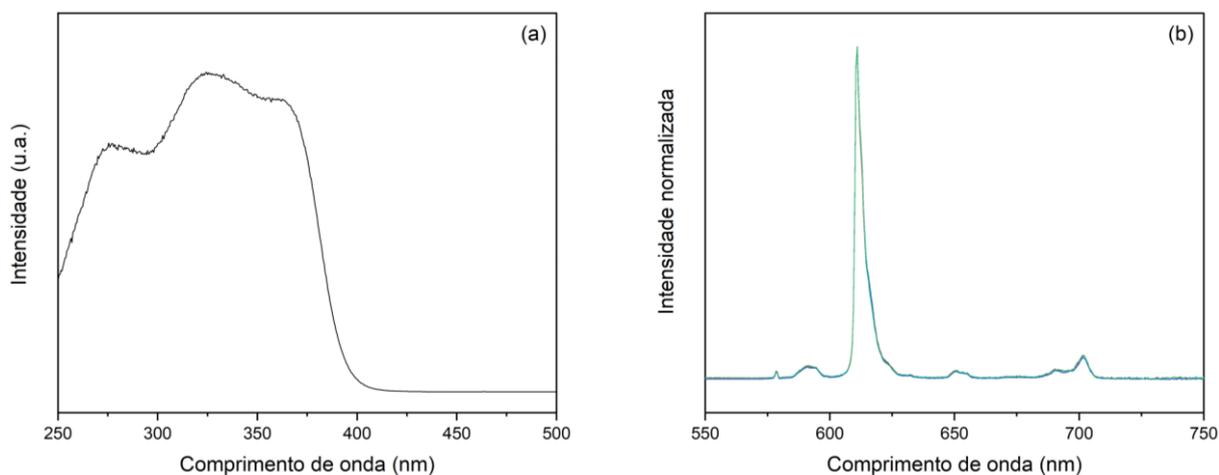
A estratégia adotada neste trabalho para aumentar a intensidade de emissão se baseou na utilização de ligantes orgânicos com altos coeficientes de absorção molar, levando a formação de complexos com os íons lantanídeos expostos na matriz. Os filmes LAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  previamente preparados, que estavam mais bem caracterizados, foram interagidos com uma solução do ligante TTA em acetona. O solvente orgânico não causou a dissolução do filme de GG e permitiu que o ligante interagisse com íons  $\text{Eu}^{3+}$  na superfície dos filmes, levando à complexação e criando mecanismos de transferência de energia do ligante orgânico para o  $\text{Eu}^{3+}$ . O TTA absorve a energia na região ultravioleta e, como apresenta nível tripleto ressonante com os níveis emissores  $^5\text{D}_j$  do íon  $\text{Eu}^{3+}$ , transfere de forma eficiente a energia para o íon

lantânídeo, aumentando a população nos estados excitados e, conseqüentemente, aumentando a intensidade de emissão, no fenômeno do efeito antena <sup>80</sup>. O resultado desta estratégia foi observado na Figura 35, que ilustra emissão do íon lantânídeo visível a olho nu do filme LAGG dopado com  $\text{Eu}^{3+}$  após interação com o ligante TTA.



**Figura 35.** Imagem do filme *LAGG\_Eu1.0\_TTA1* ilustrando a luminescência característica da emissão do complexo  $\text{Eu}(\text{TTA})_3$  no filme quando irradiado com um feixe de luz de comprimento de onda relativo à absorção do complexo.

Os perfis dos espectros de excitação das amostras de LAGG dopadas com  $\text{Eu}^{3+}$  e após interação com o ligante TTA (Figura 36) confirmaram uma banda intensa e larga abaixo de 400 nm, com intensidade máxima em 320 nm, característica da beta-dicetona, atribuída à transição singlete-singlete do ligante <sup>80</sup>. A alta intensidade desta banda impediu a observação das bandas características das transições f-f do íon  $\text{Eu}^{3+}$ , como a banda em 394 nm (transição  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{L}_6$ ).



**Figura 36.** (a) Espectro de excitação do filme *LAGG\_Eu2.0\_TTA1* monitorando a transição  $\text{Eu}^{3+} \ ^5\text{D}_0 \rightarrow \ ^7\text{F}_2$ . ( $\lambda_{\text{em}} \ 611 \ \text{nm}$ ) e (b) espectro de emissão em  $\lambda_{\text{ex}} \ 280 \ \text{nm}$  (preto),  $320 \ \text{nm}$  (vermelho),  $370 \ \text{nm}$  (azul) e  $394 \ \text{nm}$  (verde).

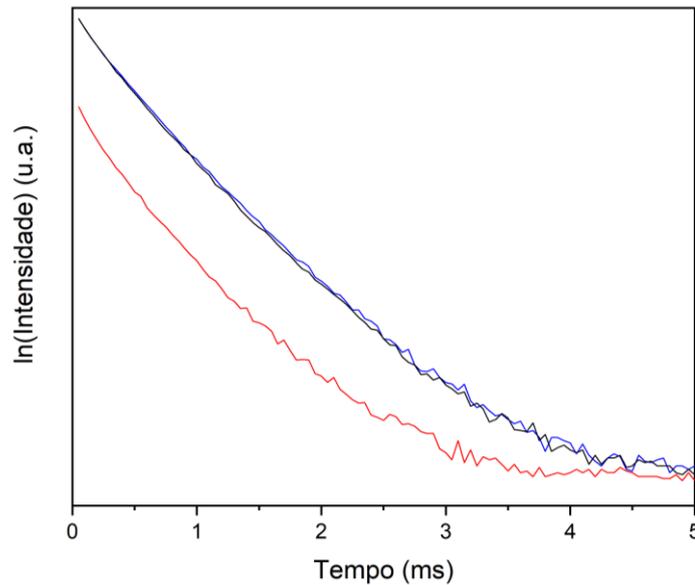
Os espectros de emissão apresentaram um perfil de luminescência distinto e mais intenso em relação às amostras sem ligantes, mas ainda característicos do íon  $\text{Eu}^{3+}$ . Como resultado da mudança na esfera de coordenação do íon pela presença de TTA, corroborando a coordenação de íons  $\text{Eu}^{3+}$  expostos em na superfície do filme em contato com a solução do ligante. No espectro estão presentes as bandas em  $578,5 \ \text{nm}$ ,  $591 \ \text{nm}$ ,  $611 \ \text{nm}$ ,  $650 \ \text{nm}$  e  $701 \ \text{nm}$  referentes, respectivamente, às transições  $\ ^5\text{D}_0 \rightarrow \ ^7\text{F}_0$ ,  $\ ^7\text{F}_1$ ,  $\ ^7\text{F}_2$ ,  $\ ^7\text{F}_3$  e  $\ ^7\text{F}_4$  do  $\text{Eu}^{3+}$  <sup>103</sup>, ainda inserido em um ambiente de baixa simetria <sup>94</sup>.

Os tempos de vida médios para o estado excitado  $\ ^5\text{D}_0$  calculados para LAGG e TTA dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  na proporção 1:1 (mol/mol) (Tabela 4) foram ligeiramente maiores quando comparadas as mesmas amostras sem o ligante. Eles foram superiores ao observado para o complexo  $\text{Eu}(\text{TTA})_3(\text{H}_2\text{O})_2$ , ( $0,27 \ \text{ms}$ ) <sup>97</sup>, e semelhantes ao tempo de vida para o complexo  $\text{Eu}(\text{TTA-Si})_3$  sem água na esfera de coordenação ( $0,56 \ \text{ms}$ ) <sup>101</sup>. Ao considerar os valores de  $A_{\text{N-rad}}$  e números de moléculas de água na esfera de coordenação do íon  $\text{Eu}^{3+}$  (Tabela 7) obtidos a partir dos dados experimentais, a interação com o ligante TTA leva a redução de grupos OH na esfera de coordenação do íon lantanídeo, o que reduz a probabilidade de decaimento não radiativo do nível  $\ ^5\text{D}_0$ .

**Tabela 7.** Tempo de vida médio dos filmes de GG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  e ligante TTA na proporção 1:1 excitando em  $\lambda_{\text{ex}}$  280, 370 e 394 nm e monitorando em  $\lambda_{\text{em}}$  611 nm.

| Amostra              | Tempo de vida (ms)                     |  |  |
|----------------------|--|--|--|
|                      | $\lambda_{\text{ex}} = 280 \text{ nm}$ | $\lambda_{\text{ex}} = 370 \text{ nm}$ | $\lambda_{\text{ex}} = 394 \text{ nm}$ |
| <i>GG_Eu0.1_TTA1</i> | 0,45                                   | 0,44                                   | 0,32                                   |
| <i>GG_Eu0.5_TTA1</i> | 0,42                                   | 0,44                                   | 0,42                                   |
| <i>GG_Eu1.0_TTA1</i> | 0,54                                   | 0,50                                   | 0,46                                   |
| <i>GG_Eu2.0_TTA1</i> | 0,43                                   | 0,42                                   | 0,36                                   |
| <i>GG_Eu3.0_TTA1</i> | 0,47                                   | 0,53                                   | 0,61                                   |
| <i>GG_Eu4.0_TTA1</i> | 0,55                                   | 0,30                                   | 0,48                                   |

Ademais, no caso de filmes com TTA, foi possível ajustar uma regressão linear às curvas de decaimento via excitação em 280 nm e 370 nm, enquanto para a excitação em 394 nm, o ajuste da equação da reta para maiores concentrações não é linear, como esperado, pois, somente os íons na superfície foram coordenados, e a excitação na transição  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{L}_6$  sensibiliza todos os íons na matriz e não somente aqueles coordenados pelo TTA (Figura 37).



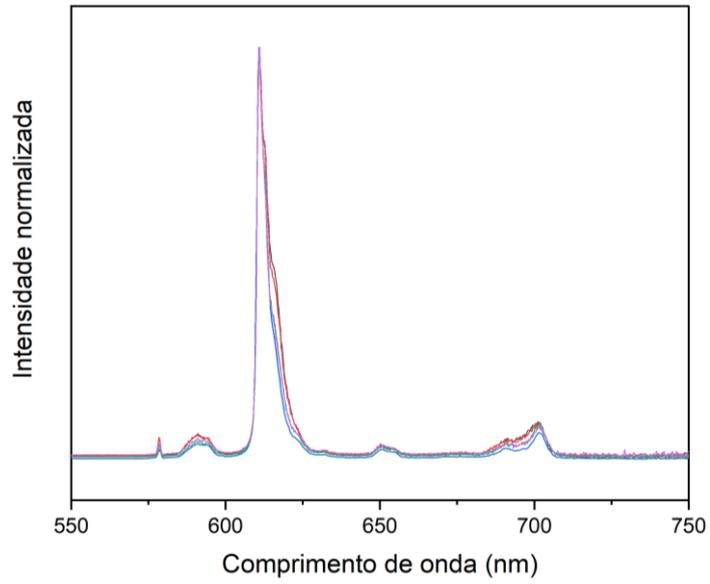
**Figura 37.** Curvas de vida (escala ln) das amostras *LAGG\_Eu2.0\_TTA1* ( $\lambda = 280 \text{ nm}$  - azul;  $\lambda = 370 \text{ nm}$  - preto e  $\lambda = 394 \text{ nm}$  - vermelho).

Os parâmetros de intensidade de Judd-Ofelt calculados (Tabela 8), após a adição do ligante, foram comparáveis com os valores de  $\Omega_2$  e  $\Omega_4$  encontrados para o  $\text{Eu}(\text{TTA})_3(\text{H}_2\text{O})_2$  ( $33,0 \times 10^{-20} \text{ cm}^2$  e  $4,6 \times 10^{-20} \text{ cm}^2$ , respectivamente) <sup>97</sup>, o que pode confirmar a formação do complexo na superfície dos filmes. No entanto, essas amostras apresentaram maior eficiência quântica quando comparadas aos filmes sem tratamento com TTA e menor número de moléculas de água na primeira esfera de coordenação, ambos parâmetros comparáveis ao complexo  $\text{Eu}(\text{TTA-Si})_3$  (64% e 0,4) <sup>101</sup>.

**Tabela 8.** Coeficiente de emissão espontânea total ( $A_{\text{total}}$ ), parâmetros de intensidade experimental de Judd-Ofelt ( $\Omega_n$ ), tempo de vida radiativo ( $\tau_{\text{rad}}$ ), tempo de vida experimental ( $\tau_{\text{exp}}$ ), eficiência quântica ( $\eta$ ) e número de moléculas de água na primeira esfera de coordenação ( $q$ ) das amostras de LAGG dopadas com  $\text{Eu}^{3+}$  tratadas com TTA a 394 nm.

| Amostra                | $A_{\text{total}}$<br>( $\text{ms}^{-1}$ ) | $A_{\text{N-rad}}$<br>( $\text{ms}^{-1}$ ) | $\Omega_2$<br>( $\times 10^{-20} \text{ cm}^2$ ) | $\Omega_4$<br>( $\times 10^{-20} \text{ cm}^2$ ) | $\tau_{\text{rad}}$<br>(ms) | $\tau_{\text{exp}}$<br>(ms) | $\eta$<br>(%) | $q$  |
|------------------------|--|--|--|--|-----------------------------|-----------------------------|---------------|------|
| <i>LAGG_Eu0.1_TTAI</i> | 1,300                                      | 1,82                                       | 32,46  | 4,51   | 0,77                        | 0,32                        | 41,6          | 1,68 |
| <i>LAGG_Eu0.5_TTAI</i> | 1,135                                      | 1,25                                       | 28,00  | 4,19   | 0,88                        | 0,42                        | 47,7          | 1,04 |
| <i>LAGG_Eu1.0_TTAI</i> | 1,115                                      | 1,06                                       | 27,40  | 4,18   | 0,90                        | 0,46                        | 51,3          | 0,83 |
| <i>LAGG_Eu2.0_TTAI</i> | 1,098                                      | 1,68                                       | 26,34  | 4,93   | 0,91                        | 0,36                        | 39,5          | 1,52 |
| <i>LAGG_Eu3.0_TTAI</i> | 1,105                                      | 0,53                                       | 26,90  | 4,53   | 0,90                        | 0,61                        | 67,4          | 0,25 |
| <i>LAGG_Eu4.0_TTAI</i> | 1,016                                      | 1,07                                       | 24,39  | 4,40   | 0,98                        | 0,48                        | 48,8          | 0,84 |

De forma similar, os filmes LAGG dopados com  $\text{Eu}^{3+}$  tratados com diferentes proporções do ligante TTA apresentaram perfis de emissão comparáveis a complexação ao ligante  $\beta$ -dicetona (Figura 38) sob excitação em 370 nm. Mesmo a menor proporção de ligante utilizada (0,25) induziu o aumento de intensidade desejado na luminescência, considerando a razão estequiométrica entre o íon Eu e o ligante TTA. A transição  $^5\text{D}_0 \rightarrow ^7\text{F}_2$  em 611 nm apresentou melhor resolução para amostras com menor proporção de TTA (0,25 e 0,5), já aumentando a proporção de ligante (1, 1,5 e 2), o perfil desta banda foi mais intenso e com menor largura a meia altura.



**Figura 38.** Espectro de emissão em  $\lambda_{ex}$  370 nm de filmes *LAGG\_Eu2.0\_TTA0.25* (preto); *\_TTA0.5* (vermelho); *\_TTA1* (azul); *\_TTA1.5* (verde) e *\_TTA2* (roxo).

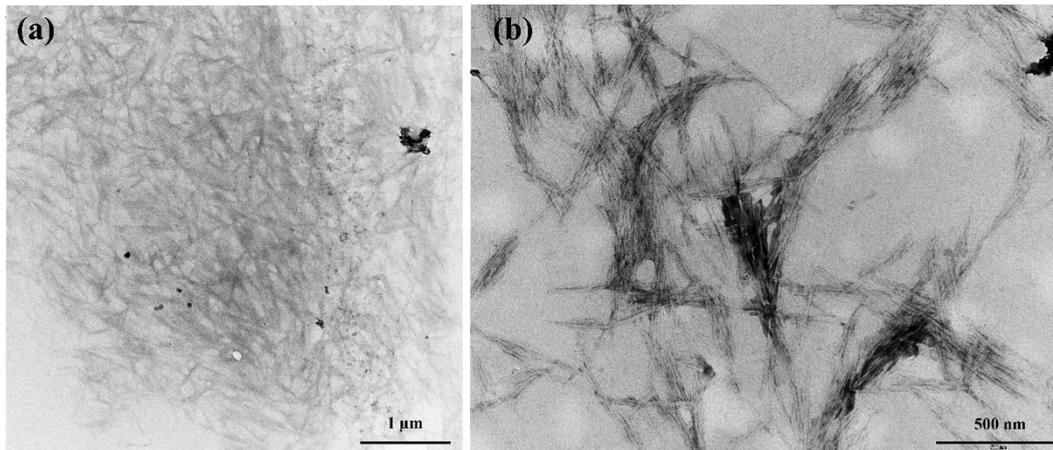
### 4.3. Filmes de CNC com GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$

A suspensão de CNC utilizada nesse trabalho (Figura 39), como descrito no item 3.2.4, foi obtida pela hidrólise ácida de membranas de celulose bacteriana tratadas com uma mistura de ácido clorídrico e sulfúrico, o que possibilitou um equilíbrio das propriedades entre nanocristais obtidos por ácido clorídrico, que não possuem carga e por isso se aglomeram com maior facilidade, e por ácido sulfúrico, que possuem a tendência de se dispersarem por conta da maior carga de superfície do material. Essa rota foi resultado de testes anteriores, já que a partir do uso somente de ácido sulfúrico, os CNC obtidos, quando em contato com íons lantanídeos, não apresentam luminescência, provavelmente o excesso de grupos sulfato na superfície do cristal de celulose interagia com o íon lantanídeo, ocasionando a supressão da luminescência.



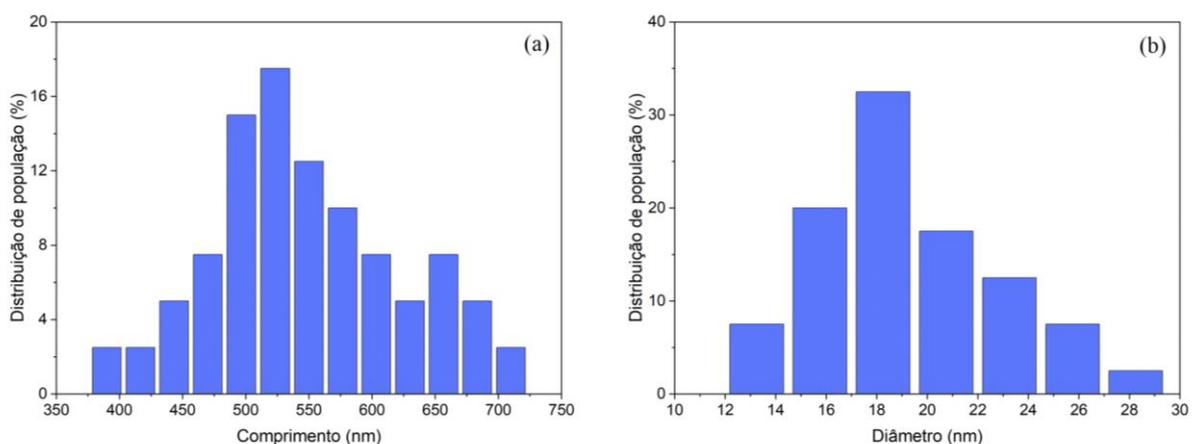
**Figura 39.** Suspensão de CNC a 1,35 mg/mL obtida com a hidrólise com os ácidos sulfúrico e clorídrico a partir de membrana de celulose bacteriana.

As imagens de microscopia eletrônica de transmissão (Figura 40) revelaram a morfologia das estruturas dos nanocristais na forma de agulhas com algumas regiões de aglomeração, o que é esperado para CNC obtidos via hidrólise com a mistura de ácidos utilizada<sup>43,66</sup>, ao contrário de extrações utilizando-se somente de ácido sulfúrico que teriam a tendência de serem encontrados mais dispersos.



**Figura 40.** Microscopia eletrônica de transmissão de suspensões de CNC nas concentrações de (a) 0,148 mg/mL e (b) 0,074 mg/mL, obtidos a partir da hidrólise ácida de membranas de celulose bacteriana.

O comprimento dessas estruturas variou entre 380 nm e 700 nm e a largura entre 14 e 28 nm (Figura 41), o que representou um comprimento médio de  $545 \pm 75$  nm e largura média de  $19,1 \pm 3,8$  nm, tais valores são comparáveis com os nanocristais obtidos a partir de celulose bacteriana da literatura<sup>43,64,66</sup>. As dimensões obtidas para os CNCs correspondem a uma razão de aspecto média (comprimento em relação a largura, C/L) de 28,5. Esta relação no tamanho dos nanocristais é um parâmetro importante a ser analisado quando esse material se destina ao reforço de matrizes poliméricas, já que essa característica influencia o ordenamento dessas estruturas<sup>64,131</sup> e, segundo a literatura<sup>43</sup>, valores maiores que 13 resultam em materiais com melhores propriedades para esse fim.



**Figura 41.** Distribuição do (a) comprimento e (b) diâmetro dos nanocristais de celulose mensurados por meio da microscopia.

Os CNC foram incluídos nas matrizes de GG dopada com európio, de modo a reforçar mecanicamente esse polissacarídeo, assim como avaliar as mudanças nas propriedades espectroscópicas resultantes das interações nesse compósito. Respectivamente, para isso foram realizados testes de tração, espectroscopia no UV-Visível e análises de fotoluminescência dos filmes obtidos.

#### 4.3.1. Testes de tração

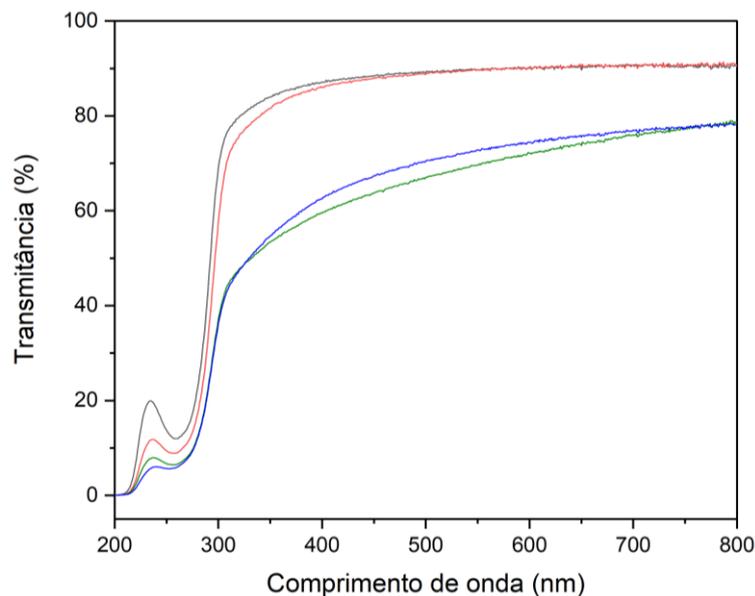
As propriedades mecânicas dos filmes compósitos de GG dopada com  $\text{Eu}^{3+}$  com a adição de diferentes proporções de CNC foram avaliadas por testes de tração. Esta análise consiste na aplicação de uma força de tração axial no material, que o alonga na direção do esforço até a sua fratura<sup>132</sup>. O limite de resistência à tração é a tensão máxima que o material pode suportar ao ser submetido à essa força antes de ocorrer a ruptura<sup>132,133</sup>. Os dados de resistência à tração mostrados na Tabela 9 indicaram valores crescentes à medida que se aumentou a quantidade de CNC na matriz, evidenciando-se uma melhora dessa propriedade mecânica com maiores proporções da fase de reforço nos filmes. Uma vez que esse propósito foi alcançado, pode-se afirmar que as proporções de CNC incorporados à matriz compósita com LAGG podem ser ajustados a depender da resistência necessária a aplicação desejada do material.

**Tabela 9.** Valores de resistência à tração das amostras de filme de LAGG dopadas com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  e várias proporções de CNC em sua composição.

| Amostra              | Resistência à tração (MPa) |
|----------------------|----------------------------|
| <i>LAGG_pura</i>     | 3,59                       |
| <i>LAGG_Eu1</i>      | 3,80                       |
| <i>LAGG_Eu1_Wh1</i>  | 5,33                       |
| <i>LAGG_Eu1_Wh5</i>  | 10,54                      |
| <i>LAGG_Eu1_Wh10</i> | 54,24                      |
| <i>LAGG_Eu1_Wh20</i> | 67,71                      |

### 4.3.2. Espectroscopia de absorção na região do UV-visível

Os materiais compósitos mostram uma menor transparência na região do visível quando comparados com as amostras de LAGG, com uma redução na transmitância de 90% para 70% em 500 nm (Figura 42), comparável com os valores relatados para as suspensões de CNC<sup>134</sup> e um espectro na região do UV-Visível característico de filmes autossuportados compostos de nanocristais<sup>135</sup>. A banda de absorção em 270 nm, embora coincida com a banda atribuída nos filmes de GG aos seus grupos específicos, pode ter contribuição de componentes da estrutura da celulose, podendo se referir também aos grupos carboxila dos CNC ou ainda aos grupos acetal da celulose<sup>135</sup>.

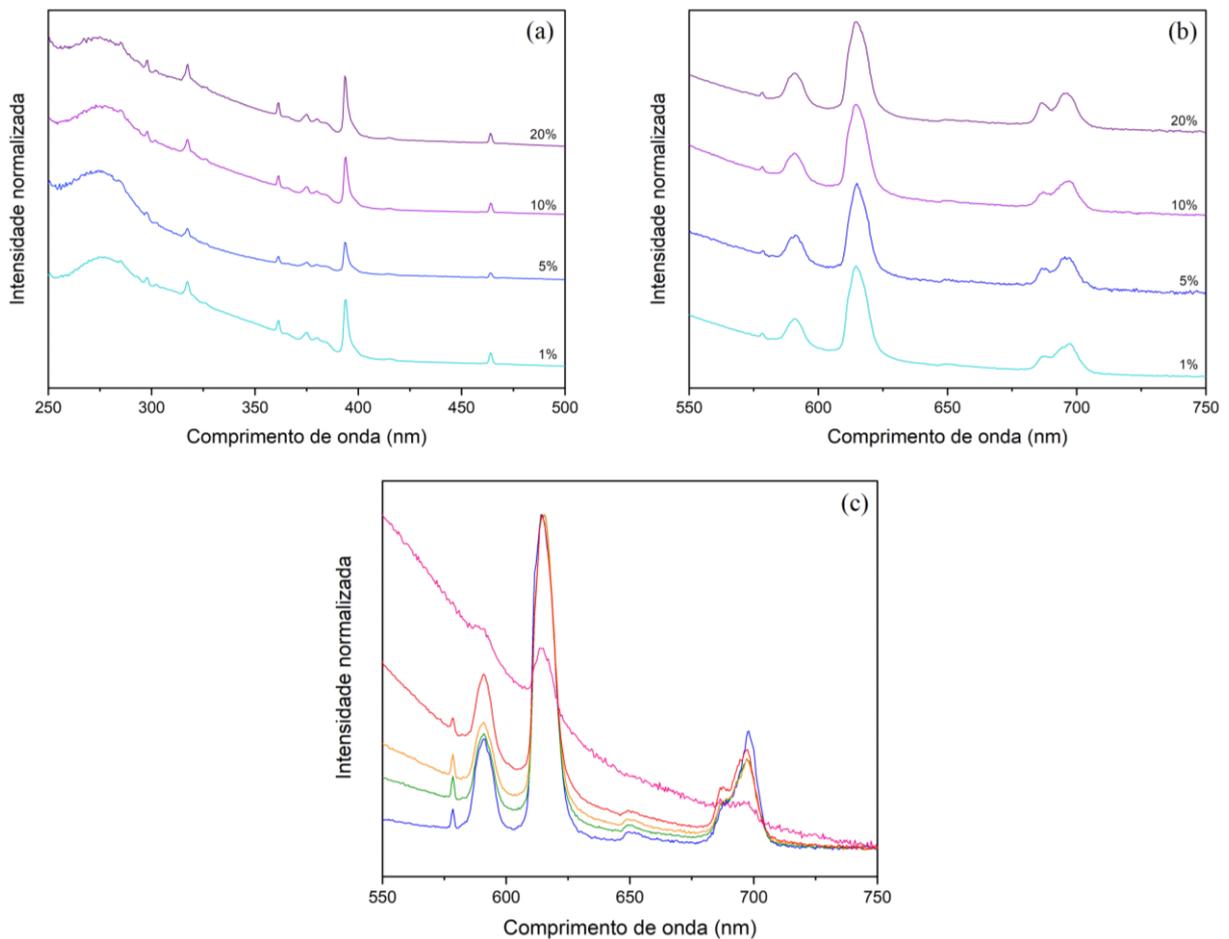


**Figura 42.** Espectros de absorção na região do UV-visível das amostras de *LAGG\_pura* (preto), *LAGG\_Eu1.0* (vermelho), *LAGG\_Eu1\_Wh1* (azul) e *LAGG\_Eu1\_Wh20* (verde).

### 4.3.1. Espectroscopia de Fotoluminescência

Ao contrário do observado anteriormente pelo nosso grupo com CNC extraídos somente com ácido sulfúrico, nesta preparação de dois ácidos as propriedades luminescentes do európio foram mantidas ao se adicionar os CNC na GG dopada. Os espectros de excitação (Figura 43 – a) dos filmes compósitos obtidos apresentaram perfis semelhantes, independente da variação da proporção de CNC inserida na matriz compósita, com uma banda larga em torno de 275 nm relativamente mais intensa que as transições f-f. Essa banda indica uma transferência de energia

da matriz para o  $\text{Eu}^{3+}$  foi mais intensa do que para os materiais de LAGG sem a nanocelulose, ou seja, houve uma melhora na eficiência dessa sensibilização devido a inserção dos CNC na matriz. As bandas referentes ao íon lantanídeo em 317 nm, 361,5 nm, 380 nm, 394 nm, 416 nm e 464 nm podem ser atribuídas respectivamente às transições  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{H}_3$ ,  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{D}_4$ ,  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{L}_7$ ,  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{L}_6$ ,  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{D}_3$  e  ${}^7\text{F}_0 \rightarrow {}^5\text{D}_2$  do  $\text{Eu}^{3+}$  <sup>94,122</sup>. Os espectros de emissão (Figura 43 – b,c) também apresentaram perfis próximos entre as amostras e as bandas alargadas de modo inhomogêneo, como anteriormente na matriz de LAGG, o que ainda indica o íon em uma grande distribuição de ambientes de coordenação. As bandas características do  $\text{Eu}^{3+}$  foram identificadas em 578,5 nm, 591 nm, 614,5 nm, 649 nm e 696,5 nm referentes respectivamente às transições  ${}^5\text{D}_0 \rightarrow {}^7\text{F}_0$ ;  ${}^7\text{F}_1$ ;  ${}^7\text{F}_2$ ;  ${}^7\text{F}_3$  e  ${}^7\text{F}_4$  do íon <sup>94</sup>.



**Figura 43.** (a) Espectros de excitação ( $\lambda_{em}$  612 nm) e (b) espectros de emissão ( $\lambda_{ex}$  394 nm) de filmes LAGG dopados com 1 % de  $\text{Eu}^{3+}$  e com adição de CNC na matriz (% m/m, CNC/GG) e (c) espectros de emissão da amostra *LAGG\_Eu1\_Wh1* em diferentes comprimentos de onda de excitação: 275 nm (azul); 317 nm (verde); 330 nm (laranja); 394 nm (vermelho) e 464 nm (rosa).

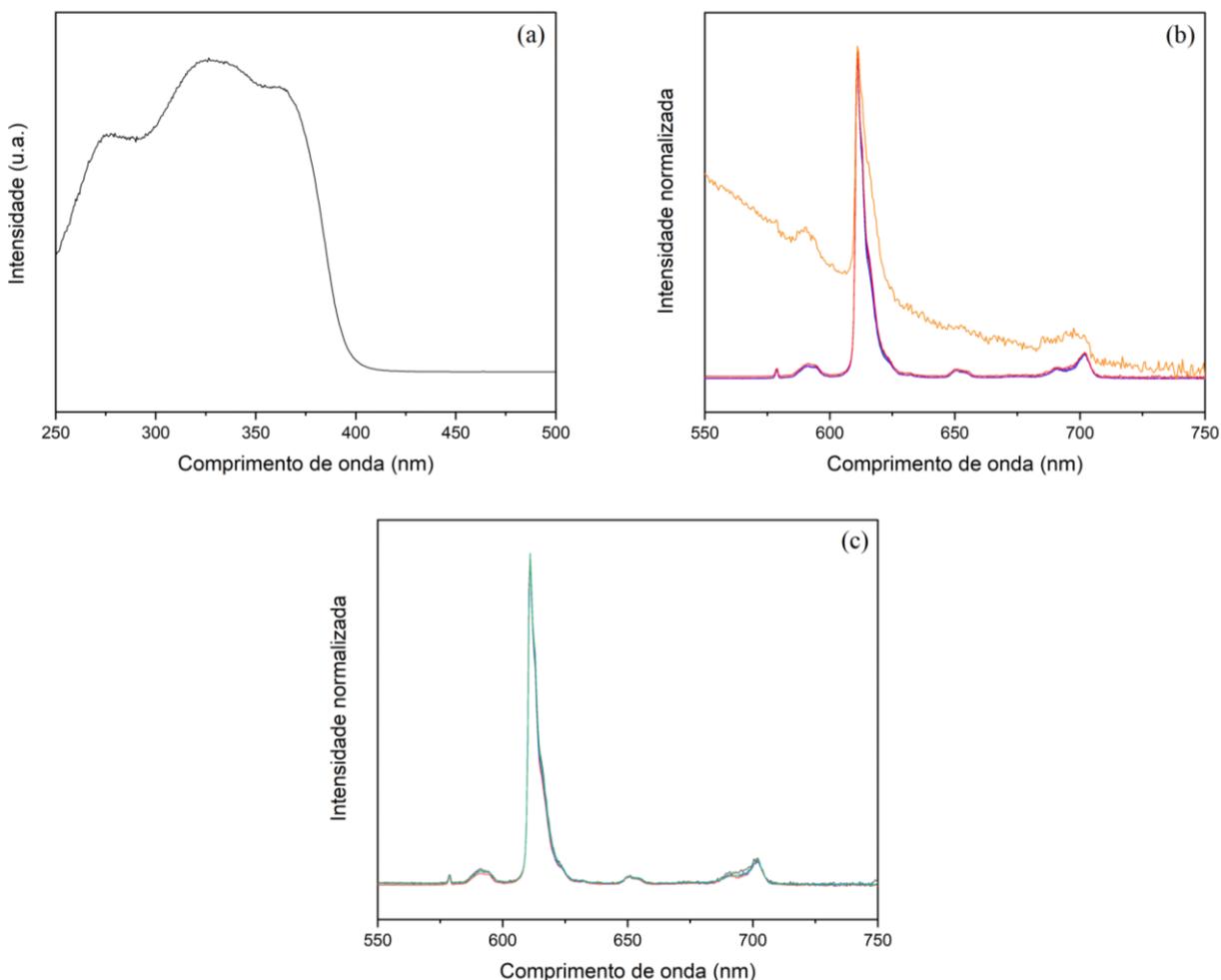
As curvas de decaimento de  $\text{Ln}(I)$  vs tempo não puderam ser ajustadas a uma regressão linear e os tempos de vida médio do estado excitado  ${}^5\text{D}_0$  (Tabela 10), como calculado anteriormente, foram semelhantes entre as amostras, com uma média de 0,32 ms, valor dentro da faixa obtida para os materiais dopados sem CNC. Os valores calculados de  $A_{\text{N-rad}}$  se mostraram correspondentes à presença de 6 a 7 grupos OH na esfera de coordenação e também não houve mudanças significativas para a eficiência quântica, mostrando que a adição da celulose não prejudicou no processo de luminescência já identificado. Os parâmetros  $\Omega_2$  e  $\Omega_4$  calculados apresentaram a mesma ordem de grandeza dos materiais anteriores, ainda indicando uma coordenação do  $\text{Eu}^{3+}$  em um sítio de baixa simetria e uma interação fraca com a matriz compósita.

**Tabela 10.** Coeficiente de emissão espontânea total ( $A_{\text{total}}$ ), parâmetros de intensidade experimental de Judd-Ofelt ( $\Omega_n$ ), tempo de vida radiativo ( $\tau_{\text{rad}}$ ), tempo de vida experimental ( $\tau_{\text{exp}}$ ), eficiência quântica ( $\eta$ ) e número de moléculas de água na primeira esfera de coordenação ( $q$ ) das amostras de LAGG dopadas com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  com adição de CNC e também tratadas com TTA.

| Amostra                  | $A_{\text{total}}$<br>( $\text{ms}^{-1}$ ) | $A_{\text{N-rad}}$<br>( $\text{ms}^{-1}$ ) | $\Omega_2$<br>( $\times 10^{-20} \text{ cm}^2$ ) | $\Omega_4$<br>( $\times 10^{-20} \text{ cm}^2$ ) | $\tau_{\text{rad}}$<br>(ms) | $\tau_{\text{exp}}$<br>(ms) | $\eta$<br>(%) | $q$  |
|--------------------------|--|--|--|--|-----------------------------|-----------------------------|---------------|------|
| <i>LAGG_Eu1_Wh1</i>      | 0,307                                      | 2,92                                       | 5,27   | 2,85   | 3,25                        | 0,31                        | 9,6           | 2,89 |
| <i>LAGG_Eu1_Wh5</i>      | 0,288                                      | 2,74                                       | 4,75   | 2,87   | 3,46                        | 0,33                        | 9,4           | 2,75 |
| <i>LAGG_Eu1_Wh10</i>     | 0,292                                      | 2,93                                       | 4,90   | 2,78   | 3,42                        | 0,31                        | 9,0           | 2,93 |
| <i>LAGG_Eu1_Wh20</i>     | 0,290                                      | 2,74                                       | 4,72   | 3,03   | 3,44                        | 0,33                        | 9,6           | 2,68 |
| <i>LAGG_Eu1_Wh1_TTA</i>  | 1,052                                      | 1,89                                       | 24,67  | 5,45   | 0,95                        | 0,34                        | 35,5          | 1,78 |
| <i>LAGG_Eu1_Wh5_TTA</i>  | 1,134                                      | 1,99                                       | 27,44  | 4,85   | 0,88                        | 0,32                        | 36,3          | 1,87 |
| <i>LAGG_Eu1_Wh10_TTA</i> | 1,041                                      | 2,08                                       | 25,07  | 4,42   | 0,96                        | 0,32                        | 33,3          | 1,97 |
| <i>LAGG_Eu1_Wh20_TTA</i> | 1,089                                      | 1,94                                       | 25,96  | 5,09   | 0,92                        | 0,33                        | 36,3          | 1,78 |

A estratégia do uso do ligante TTA, já utilizada para os filmes de LAGG, foi estendida aos filmes compósitos para a obtenção de materiais de emissões mais intensas. O espectro de emissão (Figura 44 – a) mostrou a banda larga abaixo de 400 nm, característica do ligante <sup>80</sup>, e sua alta intensidade encobriu as transições f-f do lantanídeo, não sendo possível identificá-las. Como a banda referente transição em 464 nm apresentou uma intensidade relativamente baixa, o espectro de emissão (Figura 44 – b) excitando nesse comprimento de onda foi o único a destoar dos demais, com bandas largas e um nível maior de ruído. No restante, o perfil do

espectro obtido foi compatível com a interação resultante do TTA com o  $\text{Eu}^{3+}$ , com bandas em 579 nm, 591,5 nm, 611 nm, 650,5 nm e 702 nm referentes às transições  $^5\text{D}_0 \rightarrow ^7\text{F}_0, ^7\text{F}_1, ^7\text{F}_2, ^7\text{F}_3$  e  $^7\text{F}_4$  do íon, respectivamente <sup>136</sup>. Comparativamente entre as amostras excitando em 394 nm, os espectros mostraram pouca alteração apesar da mudança na proporção de CNC na matriz (Figura 44 – c).



**Figura 44.** (a) Espectro de excitação ( $\lambda_{\text{em}}$  612 nm) e (b) espectros de emissão com  $\lambda_{\text{ex}}$  em 280 nm (preto), 320 nm (azul), 355 nm (verde), 370 nm (roxo), 394 nm (vermelho) e 464 nm (laranja) da amostra *LAGG\_Eu1\_Wh20\_TTA* e (c) espectros de emissão ( $\lambda_{\text{ex}}$  394 nm) das amostras *LAGG\_Eu1\_Wh1\_TTA* (preto); *\_Wh5\_TTA* (vermelho); *\_Wh10\_TTA* (azul) e *\_Wh20\_TTA* (verde).

Os tempos de vida médios para o estado excitado  $^5\text{D}_0$  para as amostras tratadas com TTA também são mostrados na Tabela 10 com valores em torno de 0,32, semelhante as amostras sem tratamento e menor que aquelas sem CNC, mas com TTA, o que por consequência resultou em um  $A_{\text{N-rad}}$  que corresponde de 4 a 5 grupos OH em sua esfera de

coordenação e aproximadamente 2 moléculas de água. A formação do complexo do  $\text{Eu}^{3+}$  com o ligante nos filmes compósitos foi confirmada pelos parâmetros de intensidade  $\Omega_2$  e  $\Omega_4$  e esses materiais apresentaram eficiência quântica entre 33 e 36%.

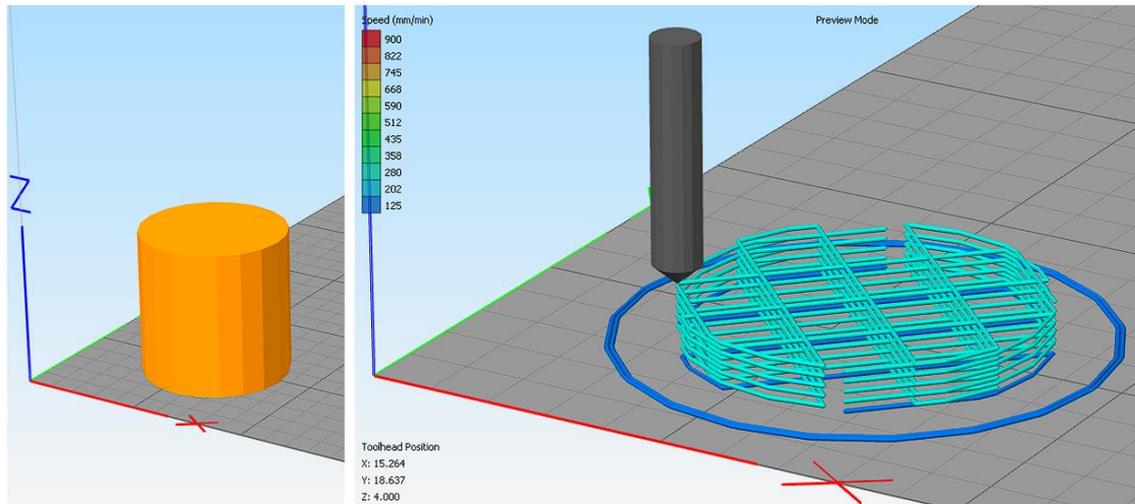
#### 4.4. Obtenção de *scaffolds* de GG dopada com $\text{Eu}^{3+}$ e CNC via impressão 3D

Objetivo inicialmente proposto, estruturas tridimensionais foram obtidas por meio da manufatura aditiva dos materiais desenvolvidos, demonstrando a potencialidade destes na aplicação com base no uso dessa tecnologia.

Os parâmetros de impressão podem ser ajustados de acordo com o material que se trabalha e o objeto a ser construído. Partindo-se do modelo tridimensional desejado, neste trabalho um cilindro, deve ser ajustada a densidade de preenchimento, ou seja, a porcentagem volumétrica da parte interna da peça que contém o material, neste caso 6%, como também a distribuição dos espaços vazios, seja na forma de triângulos, hexágonos ou quadrados. Existe ainda a possibilidade de se formar uma camada externa para envolver o objeto, mas esse recurso não foi utilizado uma vez que se pretendia avaliar a sua estrutura interna.

Desta forma, às variáveis da impressora são: a temperatura do material e da plataforma, para o controle de sua fluidez; o multiplicador de extrusão que controla a pressão que é feita no pistão para que a amostra seja extrudada, o que depende diretamente de suas propriedades viscoelásticas; o tamanho do bico de impressão, por meio do qual o sistema calcula a vazão em  $\text{mm}^3/\text{min}$ ; a altura de cada camada e a velocidade da impressão, ou seja, o quanto de material é impresso por minuto ( $\text{mm}/\text{min}$ ).

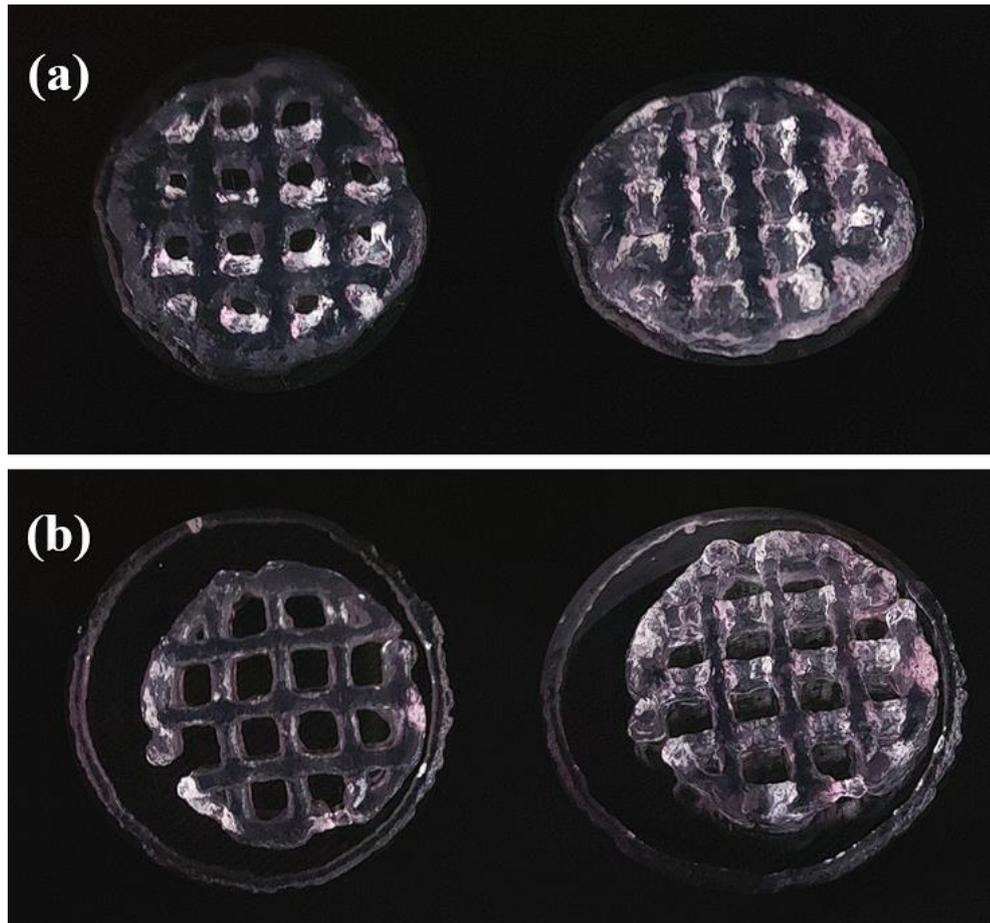
Depois dos ajustes destas variáveis foi dada uma prévia do processo de impressão (Figura 45), mostrando o caminho e a velocidade em que o cabeçote se moveria e, conseqüentemente, os traços das cinco camadas para formar a estrutura tridimensional. Pode se notar uma circunferência ao redor do objeto, com traços mais escuros referentes à uma velocidade maior de impressão, que foi programado para ser impresso no início do processo, sendo essa etapa um procedimento normalmente utilizado para que a vazão do material seja estabilizado e atinja uma constância antes que se dê início à impressão da estrutura principal. Essa circunferência foi vista (Figura 46) mais a frente nas imagens das peças obtidas, de uma maneira irregular como esperado.



**Figura 45.** Visualizações geradas pelo *software* de impressão Simplify3D do objeto modelo a ser impresso e a prévia da impressão dado pelo programa.

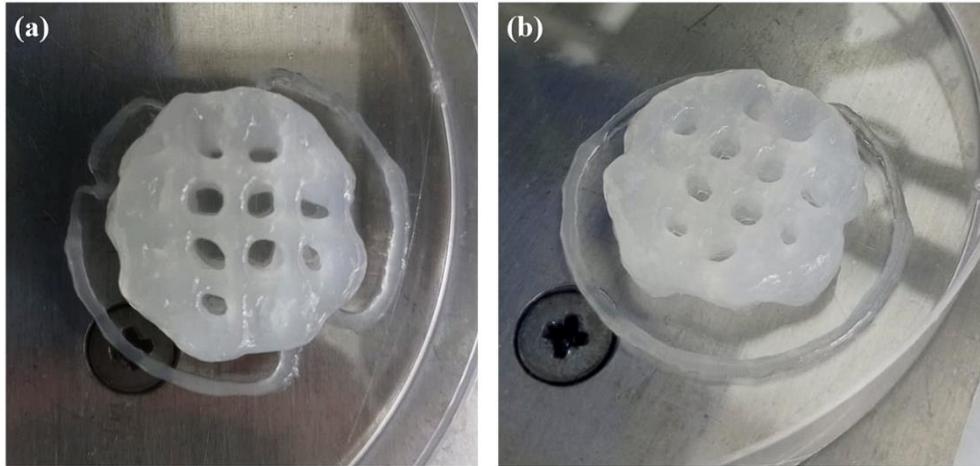
Primeiramente, o procedimento foi feito com uma amostra em temperatura ambiente do gel LAGG a 2% (m/v) dopado com 1%  $\text{Eu}^{3+}$  (m/m). O multiplicador que define a pressão do pistão foi ajustado com valores específicos para cada amostra, enquanto os outros parâmetros foram mantidos nos padrões do equipamento. Em adição ao que foi avaliado nos estudos de reologia, nesses testes o material tinha características adequadas para impressão, uma vez que ele era extrudado na forma de filamento contínuo e não de uma gota, característica essencial para formação de camadas sucessivas, conforme relatado por Dávila et al. <sup>137</sup>. Após cerca de 8 minutos, a peça tridimensional da Figura 46 (a) foi obtida, porém, os traços não tiveram uma definição desejada, o que fez com que o quadriculado em seu interior ficasse deformado, além de não se poder delimitar visualmente uma camada de material da outra.

A peça mostrada na Figura 46 (b) tem uma melhora visível nos contornos da forma impressa, reflexo de ajustes finos nos parâmetros de impressão. Durante a impressão, notou-se que, no processo anterior, muito material foi extrudado em um pequeno intervalo de tempo, gerando traços alargados, não compatíveis com a estrutura desejada. Portanto, a velocidade de impressão foi aumentada de 200 para 300 mm/minuto e o multiplicador de extrusão diminuído de 5,0 para 3,0, o que possibilitou a obtenção de uma quantidade adequada de material por comprimento na estrutura.



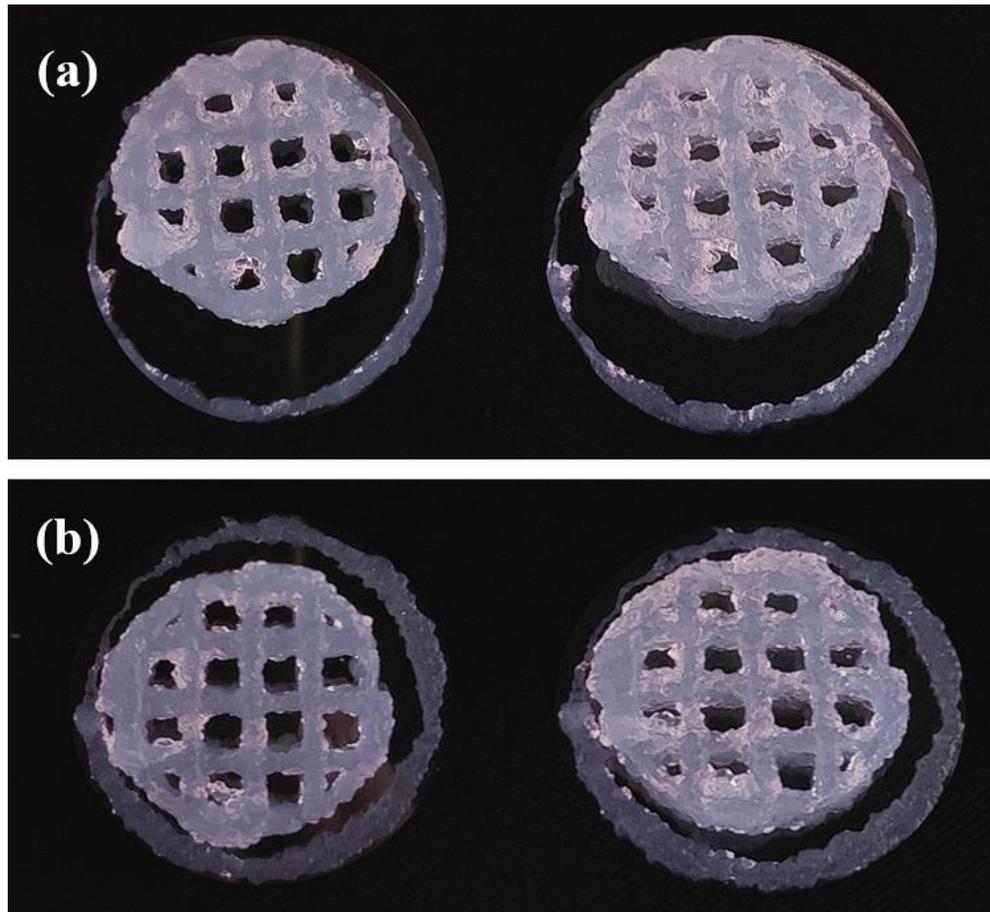
**Figura 46.** *Scaffolds* obtidos a partir de géis de LAGG com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  (m/m), em (a) condições padrão de impressão e (b) com os parâmetros otimizados. Visão superior (esquerda) e lateral (direita).

A impressão de uma peça com gel HAGG a 0,4% (m/v) dopado com 1%  $\text{Eu}^{3+}$  (m/m) (Figura 47) também foi realizada, sob as mesmas condições, porém, apesar de uma estrutura tridimensional ter sido obtida na impressão, o gel não conseguiu manter a forma desejada durante os minutos seguintes, fazendo com que o material escoasse lentamente, notado pela diminuição progressiva dos espaços vazios da peça. Essa diferença no comportamento desse gel já havia sido revelado nas análises de reologia, uma vez que os géis de HAGG analisados possuíam módulos elásticos, ou seja, a componente sólida do material, inferior àqueles com LAGG, e ao contrário destes, o íon  $\text{Eu}^{3+}$  não causava mudanças quanto à magnitude dos valores. Um *scaffold* de gel contendo total ou grande parte de sua composição de HAGG foi descartado, visto que a propriedade apresentada é inerente aos géis deste tipo de GG. Apesar disso, ainda pode ser objeto de estudo a preparação de um gel com uma composição mista de LAGG e pequenas proporções de HAGG, para que haja um equilíbrio das propriedades viscoelásticas de ambos os géis, a fim de se obter uma estrutura rígida, mas com maior maleabilidade.



**Figura 47.** *Scaffolds* obtidos a partir de géis de HAGG com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  (m/m). Visão superior (a) e lateral (b).

Como o gel de LAGG obteve maior êxito na impressão de uma estrutura tridimensional, seguindo as características mencionadas anteriormente, foram impressos também peças com géis compósitos LAGG a 2,0% (m/v) dopado com 1%  $\text{Eu}^{3+}$  (m/m) e 5% de CNC (m/m), dado que tal material também já havia sido caracterizado nas etapas anteriores deste trabalho. O *scaffold* impresso mostrado na Figura 48 (a) foi obtido seguindo a melhor condição encontrada para o gel LAGG dopado com  $\text{Eu}^{3+}$ , porém, pode-se notar que este sofreu ligeiramente o mesmo efeito dos primeiros testes, apresentando traços maiores que o desejado. Como houve uma mudança na composição do gel, os parâmetros foram reajustados para se obter uma estrutura mais fiel ao modelo. Como resultado, a velocidade de impressão passou à 250 mm/minuto e o multiplicador de extrusão à 4,0, possibilitando que o material extrudado tivesse pressão e tempo hábil para aderir à superfície da placa, formando traços consistentes e resultando na peça da Figura 48 (b).



**Figura 48.** *Scaffolds* obtidos a partir de géis de LAGG com 1% de  $\text{Eu}^{3+}$  e 5% de CNC (m/m) em (a) condições padrão de impressão e (b) com os parâmetros otimizados. Visão superior (esquerda) e lateral (direita).

A melhora desejada à impressão desses materiais seria a formação de traços com superfície mais uniforme, ao contrário dos produzidos neste trabalho, os quais apresentaram superfícies rugosas. Essa característica pode ser resolvida aumentando a temperatura do gel em extrusão de modo controlado, recurso que não estava disponível no equipamento utilizado, mas poderia permitir um equilíbrio entre traços mais lisos e firmes para formar camadas. Essas camadas seriam enrijecidas ao entrar em contato com a placa, que também poderia ter sua temperatura controlada no procedimento.

A realização do processo de impressão dos materiais estudados nesse trabalho provou que eles podem ser aplicados à tecnologia da manufatura aditiva, com uma fidelidade ao formato necessário de estruturas complexas, sendo suas propriedades passíveis de modificações de acordo com o uso em que se quer dar à peça. Os íons  $\text{Eu}^{3+}$  contidos nessas estruturas tridimensionais podem auxiliar em estudos *in vitro* para avaliações de degradação de um *scaffold* em aplicação

ou ainda na liberação controlada de fármacos. Uma possível aplicação está no uso desse material no desenvolvimento de embalagens inteligentes, onde a variação da intensidade de luminescência pode ser utilizado no controle de validade do produtos.

## 5. Conclusão

Géis de GG com adição de  $\text{Eu}^{3+}$  foram obtidos de forma inédita, e os estudos estruturais confirmaram que o íon lantanídeo promoveu a reticulação da cadeia do polissacarídeo, e alterou gradativamente as propriedades viscoelásticas do material, o que foi evidenciado por estudos de reologia oscilatória. Esses testes indicaram que esse efeito foi acentuado na forma desacetilada da GG, provavelmente devido à ausência de grupos acil existentes na outra forma. A presença do íon na rede polimérica reduziu sua resistência reticular, de modo que essas amostras quebraram em tensões mais baixas, mas o comportamento do gel consolidado foi mantido. As concentrações de  $\text{Eu}^{3+}$  testadas foram capazes de manter gradativamente a estrutura dos géis mesmo com o aumento da variação de temperatura, uma vantagem sobre os géis puros, que pode vir a ser explorada. Tais propriedades podem ser favoráveis para sua utilização em estruturas tridimensionais biocompatíveis, por meio da impressão por extrusão para obtenção de *scaffolds* visando uma possível aplicação deste material.

A análise de luminescência dos filmes de LAGG e HAGG mostrou uma eficiência reduzida na transferência de energia entre as matrizes e o íon lantanídeo. O perfil de emissão indicou que o íon  $\text{Eu}^{3+}$  se encontrava em um ambiente de baixa simetria e possuía uma luminescência de baixa intensidade, uma vez que a GG apresenta diferentes grupos capazes de promover a desexcitação dos níveis emissores. Apesar disso, os tempos de vida para o estado excitado  $^5\text{D}_0$  foram relativamente altos quando comparados a matrizes com alta concentração de grupos OH. Esses dados podem indicar que a interação entre  $\text{Eu}^{3+}$  e a GG foi fraca, mas suficiente para estabilizar o íon  $\text{Eu}^{3+}$  na matriz, estabilizando a estrutura do gel na forma de uma ponte intermolecular com os oxigênios carboxílicos do polissacarídeo. A emissão do material pôde ser intensificada com a adição do ligante TTA, mesmo abaixo da proporção estequiométrica do complexo formado por ele. Tempos de vida mais longos do estado excitado  $^5\text{D}_0$  do que os relatados para o complexo hidratado também indicam que o  $\text{Eu}^{3+}$  foi coordenado em um ambiente com baixa concentração de grupos O-H. Esses resultados mostraram a possibilidade de se obter um material luminescente de alta intensidade com GG, além de realizar um estudo estrutural inédito da matriz, que é biocompatível e possui propriedades luminescentes promissoras. Este trabalho pioneiro abre caminho para o estudo do uso desses materiais obtidos a partir da interação de lantanídeos com essas matrizes.

Os CNC obtidos a partir de celulose bacteriana, utilizando o método de hidrólise com uma mistura de ácidos clorídrico e sulfúrico, permitiram que os compósitos formados por diferentes proporções de celulose em um filme de LAGG dopado com  $\text{Eu}^{3+}$  mantivesse as propriedades luminescentes anteriormente encontradas para a GG. Esse material pôde ter a sua emissão intensificada através do tratamento com o ligante TTA, que também se mostrou eficiente para essa matriz compósita. Além disso, a CNC agiu de modo satisfatório como fase de reforço, melhorando progressivamente as propriedades mecânicas do material.

Por fim, o gel preparado com LAGG dopado com  $\text{Eu}^{3+}$  e CNC possuiu propriedades adequadas para impressão baseada em extrusão, sendo capaz de ser aplicado na manufatura aditiva na obtenção de peças tridimensionais com formas e estruturas também satisfatórias. Diferentes aplicações podem ser consideradas para esse material utilizando-se dessa técnica, dentre elas a área de engenharia de tecidos.

---

## 6. Referências bibliográficas

1. Lawrence, B. D., Cronin-Golomb, M., Georgakoudi, I., Kaplan, D. L. & Omenetto, F. G. Bioactive silk protein biomaterial systems for optical devices. *Biomacromolecules* **9**, 1214–1220 (2008).
2. Altman, G. H. *et al.* Silk-based biomaterials. *Biomaterials* vol. 24 (2003).
3. John, M. J. & Thomas, S. Biofibres and biocomposites. *Carbohydrate Polymers* vol. 71 343–364 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.carbpol.2007.05.040> (2008).
4. Humar, M. *et al.* Toward biomaterial-based implantable photonic devices. *Nanophotonics* vol. 6 414–434 Preprint at <https://doi.org/10.1515/nanoph-2016-0003> (2017).
5. Shabahang, S., Kim, S. & Yun, S. H. Light-Guiding Biomaterials for Biomedical Applications. *Adv Funct Mater* **28**, (2018).
6. Safaee, M. M., Gravely, M. & Roxbury, D. A Wearable Optical Microfibrous Biomaterial with Encapsulated Nanosensors Enables Wireless Monitoring of Oxidative Stress. *Adv Funct Mater* **31**, (2021).
7. Sultan, S. & Mathew, A. P. 3D printed scaffolds with gradient porosity based on a cellulose nanocrystal hydrogel. *Nanoscale* **10**, 4421–4431 (2018).
8. Silva-Correia, J. *et al.* Gellan gum-based hydrogels for intervertebral disc tissue-engineering applications. *J Tissue Eng Regen Med* **5**, (2011).
9. Dugan, J. M., Gough, J. E. & Eichhorn, S. J. Bacterial cellulose scaffolds and cellulose nanowhiskers for tissue engineering. *Nanomedicine* vol. 8 287–298 Preprint at <https://doi.org/10.2217/nmm.12.211> (2013).
10. Pereira, D. R. *et al.* Development of gellan gum-based microparticles/hydrogel matrices for application in the intervertebral disc regeneration. *Tissue Eng Part C Methods* **17**, 961–972 (2011).
11. Bacelar, A. H., Silva-Correia, J., Oliveira, J. M. & Reis, R. L. Recent progress in gellan gum hydrogels provided by functionalization strategies. *Journal of Materials Chemistry B* vol. 4 6164–6174 Preprint at <https://doi.org/10.1039/c6tb01488g> (2016).
12. Sanderson, G. R. Gellan Gum. in *Food Gels* (ed. Harris, P.) vol. 1 (Springer Netherlands, 1990).
13. Costa, L., Silva-Correia, J., Oliveira, J. M. & Reis, R. L. Gellan Gum-Based Hydrogels for Osteochondral Repair. in *Advances in Experimental Medicine and Biology* vol. 1058 281–304 (Springer New York LLC, 2018).

14. Morris, E. R., Nishinari, K. & Rinaudo, M. Gelation of gellan - A review. *Food Hydrocolloids* vol. 28 373–411 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.foodhyd.2012.01.004> (2012).
15. Gibson, W. & Sanderson, G. R. Gellan Gum. in *Thickening and Gelling Agents for Food* (ed. Imeson, A.) 119–143 (Springer, 1997).
16. Ferris, C. J., Gilmore, K. J., Wallace, G. G. & Panhuis, M. in het. Modified gellan gum hydrogels for tissue engineering applications. *Soft Matter* **9**, 3705–3711 (2013).
17. Grasdalen, H. & Smidsrod, O. Gelation of Geilan Gum. *Carbohydr Polym* **7**, 371–393 (1987).
18. Moorhouse, R., Colegrove, G. T., Sandford, P. A., Baird, J. K. & Kang, K. S. PS-60: A New Gel-Forming Polysaccharide. in *Solution Properties of Polysaccharides* (ed. Brant, D. A.) (American Chemistry Society, 1981).
19. Bajaj, I. B., Survase, S. A., Saudagar, P. S. & Singhal, R. S. Gellan Gum: Fermentative Production, Downstream Processing and Applications.
20. Tako, M., Teruya, T., Tamaki, Y. & Konishi, T. Molecular origin for rheological characteristics of native gellan gum. *Colloid Polym Sci* **287**, 1445–1454 (2009).
21. Brasil. *Portaria nº 503 de 22/06/1998*. (Secretaria de Vigilância em Saúde, 1998).
22. Yu, I., Kaonis, S. & Chen, R. A Study on Degradation Behavior of 3D Printed Gellan Gum Scaffolds. in *Procedia CIRP* vol. 65 78–83 (Elsevier B.V., 2017).
23. Jaafar, A. M. & Thatchinamoorthi, V. Preparation and Characterisation of Gellan Gum Hydrogel containing Curcumin and Limonene. in *IOP Conference Series: Materials Science and Engineering* vol. 440 (Institute of Physics Publishing, 2018).
24. Sworn, G. & Stouby, L. Gellan gum. in *Handbook of Hydrocolloids* 855–885 (Elsevier, 2021). doi:10.1016/b978-0-12-820104-6.00009-7.
25. Manna, B., Gambhir, A. & Ghosh, P. *Production and rheological characteristics of the microbial polysaccharide gellan*. *Letters in Applied Microbiology* vol. 23 (1996).
26. Drevet, I., Monot, F., Ballerini, D., Lecourtier, J. & Choplin, L. *Effect of Mixing and Mass Transfer Conditions on Gellan Production by Auromonas elodea*. *JOUgNAI Or F~R~NTATION AND BIO~NGn~E~gIN~* vol. 77 (1994).
27. Fialho, A. M. *et al.* Occurrence, production, and applications of gellan: Current state and perspectives. *Applied Microbiology and Biotechnology* vol. 79 889–900 Preprint at <https://doi.org/10.1007/s00253-008-1496-0> (2008).
28. Giavasis, I., Harvey, L. M. & McNeil, B. Gellan gum. *Critical Reviews in Biotechnology* vol. 20 177–211 Preprint at <https://doi.org/10.1080/07388550008984169> (2000).

29. Lee, S. Y. *et al.* Phenotypic and proteomic analysis of positively regulated gellan biosynthesis pathway in *Sphingomonas elodea*. *Anim Cells Syst (Seoul)* **21**, 115–123 (2017).
30. Gibson, W. Gellan gum. in *Thickening and Gelling Agents for Food* 227–249 (Springer US, 1992). doi:10.1007/978-1-4615-3552-2\_10.
31. Silva-Correia, J. *et al.* Biocompatibility evaluation of ionic- and photo-crosslinked methacrylated gellan gum hydrogels: In vitro and in vivo study. *Adv Healthc Mater* **2**, 568–575 (2013).
32. Robinson, G., Manning, C. E. & Morris, E. R. *Conformation and Physical Properties of the Bacterial Polysaccharides G el Ian, Welan, and Rhamsan*.
33. Miyoshi, E., Takaya, T. & Nishinari, K. Rheological and thermal studies of gel-sol transition in gellan gum aqueous solutions. *Carbohydr Polym* **30**, 109–119 (1996).
34. Osmalek, T. Z., Froelich, A., Jadach, B. & Krakowski, M. Rheological investigation of high-acyl gellan gum hydrogel and its mixtures with simulated body fluids. *J Biomater Appl* **32**, 1435–1449 (2018).
35. Pereira, D. R. *et al.* Gellan gum-based hydrogel bilayered scaffolds for osteochondral tissue engineering. in *Key Engineering Materials* vol. 587 255–260 (Trans Tech Publications Ltd, 2014).
36. Oliveira, J. T. *et al.* Gellan gum: A new biomaterial for cartilage tissue engineering applications. *J Biomed Mater Res A* **93**, 852–863 (2010).
37. Lee, H., Fisher, S., Kallos, M. S. & Hunter, C. J. Optimizing gelling parameters of gellan gum for fibrocartilage tissue engineering. *J Biomed Mater Res B Appl Biomater* **98 B**, 238–245 (2011).
38. Smith, A. M., Shelton, R. M., Perrie, Y. & Harris, J. J. An initial evaluation of gellan gum as a material for tissue engineering applications. *J Biomater Appl* **22**, 241–254 (2007).
39. Razali, M. H., Ismail, N. A., Mohd Zulkafli, M. F. A. & Amin, K. A. M. 3D Nanostructured materials: TiO<sub>2</sub> nanoparticles incorporated gellan gum scaffold for photocatalyst and biomedical Applications. *Mater Res Express* **5**, (2018).
40. Wan, J. C. *et al.* Hydrophilized polycaprolactone nanofiber mesh-embedded poly(glycolic-co- lactic acid) membrane for effective guided bone regeneration. *J Biomed Mater Res A* **91**, 400–407 (2009).
41. Chang, S.-J. *et al.* *Gellan Gum Films for Effective Guided Bone Regeneration*. Article in *Journal of Medical and Biological Engineering* vol. 30 <https://www.researchgate.net/publication/267224657> (2010).
42. Abdallah, W. & Kamal, M. R. Influence of process variables on physical characteristics of spray freeze dried cellulose nanocrystals. *Cellulose* **25**, 5711–5730 (2018).

43. Vasconcelos, N. F. *et al.* Bacterial cellulose nanocrystals produced under different hydrolysis conditions: Properties and morphological features. *Carbohydr Polym* **155**, 425–431 (2017).
44. Siauiera, G., Bras, J. & Dufresne, A. Cellulose whiskers versus microfibrils: Influence of the nature of the nanoparticle and its surface functionalization on the thermal and mechanical properties of nanocomposites. *Biomacromolecules* **10**, 425–432 (2009).
45. Taipina, M. O., Ferrarezi, M. M. F. & Gonçalves, M. C. *WHISKERS DE CELULOSE: PREPARAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E MODIFICAÇÃO DE SUPERFÍCIE*.
46. Eyley, S. & Thielemans, W. Surface modification of cellulose nanocrystals. *Nanoscale* **6**, 7764–7779 (2014).
47. Vanderfleet, O. M. & Cranston, E. D. Production routes to tailor the performance of cellulose nanocrystals. *Nature Reviews Materials* vol. 6 124–144 Preprint at <https://doi.org/10.1038/s41578-020-00239-y> (2021).
48. Ibrahim, M. M., El-Zawawy, W. K. & Nassar, M. A. Synthesis and characterization of polyvinyl alcohol/nanospherical cellulose particle films. *Carbohydr Polym* **79**, 694–699 (2010).
49. Wulandari, W. T., Rochliadi, A. & Arcana, I. M. Nanocellulose prepared by acid hydrolysis of isolated cellulose from sugarcane bagasse. in *IOP Conference Series: Materials Science and Engineering* vol. 107 (Institute of Physics Publishing, 2016).
50. Siqueira, G., Bras, J. & Dufresne, A. Cellulosic bionanocomposites: A review of preparation, properties and applications. *Polymers* vol. 2 728–765 Preprint at <https://doi.org/10.3390/polym2040728> (2010).
51. Jiang, F. & Hsieh, Y. I. Chemically and mechanically isolated nanocellulose and their self-assembled structures. *Carbohydr Polym* **95**, 32–40 (2013).
52. Silva, D. de J. & D’Almeida, M. L. O. Nanocristais de celulose. *O Papel* **70**, 34–52 (2009).
53. Lavoine, N., Desloges, I., Dufresne, A. & Bras, J. Microfibrillated cellulose - Its barrier properties and applications in cellulosic materials: A review. *Carbohydrate Polymers* vol. 90 735–764 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.carbpol.2012.05.026> (2012).
54. Yu, H. Y. *et al.* Comparison of the reinforcing effects for cellulose nanocrystals obtained by sulfuric and hydrochloric acid hydrolysis on the mechanical and thermal properties of bacterial polyester. *Compos Sci Technol* **87**, 22–28 (2013).
55. Yu, H. *et al.* Facile extraction of thermally stable cellulose nanocrystals with a high yield of 93% through hydrochloric acid hydrolysis under hydrothermal conditions. *J Mater Chem A Mater* **1**, 3938–3944 (2013).

- 
56. Pandey, J. K., Nakagaito, A. N. & Takagi, H. Fabrication and applications of cellulose nanoparticle-based polymer composites. *Polymer Engineering and Science* vol. 53 1–8 Preprint at <https://doi.org/10.1002/pen.23242> (2013).
  57. Lin, N. & Dufresne, A. Surface chemistry, morphological analysis and properties of cellulose nanocrystals with gradiented sulfation degrees. *Nanoscale* **6**, 5384–5393 (2014).
  58. Cheng, M. *et al.* Efficient Extraction of Cellulose Nanocrystals through Hydrochloric Acid Hydrolysis Catalyzed by Inorganic Chlorides under Hydrothermal Conditions. *ACS Sustain Chem Eng* **5**, 4656–4664 (2017).
  59. Lin, K. H., Enomae, T. & Chang, F. C. Cellulose Nanocrystal Isolation from Hardwood Pulp using Various Hydrolysis Conditions. *Molecules* **24**, (2019).
  60. Zhang, J., Elder, T. J., Pu, Y. & Ragauskas, A. J. Facile synthesis of spherical cellulose nanoparticles. *Carbohydr Polym* **69**, 607–611 (2007).
  61. Azizi Samir, M. A. S., Alloin, F. & Dufresne, A. Review of recent research into cellulosic whiskers, their properties and their application in nanocomposite field. *Biomacromolecules* vol. 6 612–626 Preprint at <https://doi.org/10.1021/bm0493685> (2005).
  62. Kvien, I., Tanem, B. S. & Oksman, K. Characterization of cellulose whiskers and their nanocomposites by atomic force and electron microscopy. *Biomacromolecules* **6**, 3160–3165 (2005).
  63. Eichhorn, S. J. *et al.* Review: Current international research into cellulose nanofibres and nanocomposites. *Journal of Materials Science* vol. 45 1–33 Preprint at <https://doi.org/10.1007/s10853-009-3874-0> (2010).
  64. Martínez-Sanz, M., Lopez-Rubio, A. & Lagaron, J. M. Optimization of the nanofabrication by acid hydrolysis of bacterial cellulose nanowhiskers. *Carbohydr Polym* **85**, 228–236 (2011).
  65. Iguchi, M., YAMANAKA Ajinomoto Central Research, S. & Budhiono, J. A. *Review Bacterial cellulose-a masterpiece of nature's arts.*
  66. Huang, Y. *et al.* Recent advances in bacterial cellulose. *Cellulose* vol. 21 1–30 Preprint at <https://doi.org/10.1007/s10570-013-0088-z> (2014).
  67. Daguano, J. K. M. B. *et al.* State of the art in the use of bioceramics to elaborate 3D structures using robocasting. *International Journal of Advances in Medical Biotechnology - IJAMB* **2**, 55 (2019).
  68. Chen, Y. *et al.* 3D Bioprinting of shear-thinning hybrid bioinks with excellent bioactivity derived from gellan/alginate and thixotropic magnesium phosphate-based gels. *J Mater Chem B* **8**, 5500–5514 (2020).

- 
69. Akkineni, A. *et al.* Highly Concentrated Alginate-Gellan Gum Composites for 3D Plotting of Complex Tissue Engineering Scaffolds. *Polymers (Basel)* **8**, 170 (2016).
  70. Langer, R. & Vacanti, J. P. Tissue Engineering. *Science (1979)* **260**, 920–926 (1993).
  71. An, J., Teoh, J. E. M., Suntornnond, R. & Chua, C. K. Design and 3D Printing of Scaffolds and Tissues. *Engineering* **1**, 261–268 (2015).
  72. Millás, A., Lago, J., Vasquez-Pinto, L., Massaguer, P. & Maria-Engler, S. S. Approaches to the development of 3d bioprinted skin models: the case of natura cosmetics. *International Journal of Advances in Medical Biotechnology - IJAMB* **2**, 03 (2019).
  73. Shafiee, A. *et al.* Physics of bioprinting. *Applied Physics Reviews* vol. 6 Preprint at <https://doi.org/10.1063/1.5087206> (2019).
  74. Loh, Q. L. & Choong, C. Three-dimensional scaffolds for tissue engineering applications: Role of porosity and pore size. *Tissue Engineering - Part B: Reviews* vol. 19 485–502 Preprint at <https://doi.org/10.1089/ten.teb.2012.0437> (2013).
  75. Amorim, P. A. *et al.* Insights on shear rheology of inks for extrusion-based 3D bioprinting. *Bioprinting* vol. 22 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.bprint.2021.e00129> (2021).
  76. Sultan, S., Siqueira, G., Zimmermann, T. & Mathew, A. P. 3D printing of nano-cellulosic biomaterials for medical applications. *Current Opinion in Biomedical Engineering* vol. 2 29–34 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.cobme.2017.06.002> (2017).
  77. Boumediene, K., Hammad, M., Dugué, J., Veysièrre, A. & Baugé, C. Tissue engineering of different cartilage types: a review of different approaches and recent advances. *International Journal of Advances in Medical Biotechnology - IJAMB* **2**, 14 (2019).
  78. Abrão, A. QUÍMICA E TECNOLOGIA DAS TERRAS-RARAS.
  79. Lucas, J. & Lucas, P. *Rare Earths Science, Technology, Production and Use*. (Elsevier, 2015).
  80. Martins, T. S. & Isolani, P. C. Terras raras: aplicações industriais e biológicas. *Quim Nova* **28**, 111–117 (2005).
  81. de Sousa Filho, P. C. & Serra, O. A. Terras raras no brasil: Histórico, produção e perspectivas. *Quimica Nova* vol. 37 753–760 Preprint at <https://doi.org/10.5935/0100-4042.20140121> (2014).
  82. Bünzli, J.-C. Lanthanides. in *Kirk-Othmer Encyclopedia of Chemical Technology* 1–43 (2013).

- 
83. de Sousa Filho, P. C., Galaço, A. R. B. S. & Serra, O. A. Rare earths: Periodic table, discovery, exploration in brazil and applications. *Quimica Nova* vol. 42 1208–1224 Preprint at <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170438> (2019).
84. Gai, S., Li, C., Yang, P. & Lin, J. Recent progress in rare earth micro/nanocrystals: Soft chemical synthesis, luminescent properties, and biomedical applications. *Chemical Reviews* vol. 114 2343–2389 Preprint at <https://doi.org/10.1021/cr4001594> (2014).
85. Cotton, S. *Lanthanide and Actinide Chemistry*.
86. Bünzli, J.-C. G. & Eliseeva, S. v. Basics of Lanthanide Photophysics. in 1–45 (2010). doi:10.1007/4243\_2010\_3.
87. Bünzli, J.-C. G. & Choppin, G. R. *Lanthanide probes in life, chemical, and earth sciences : theory and practice*. (Elsevier, 1989).
88. Ma, C. G. *et al.* Energy level schemes of fN electronic configurations for the di-, tri-, and tetravalent lanthanides and actinides in a free state. *J Lumin* **170**, 369–374 (2016).
89. Malta, O. L. & Carlos, L. D. *INTENSITIES OF 4f-4f TRANSITIONS IN GLASS MATERIALS*. *Quim. Nova* vol. 26 (2003).
90. Moura, R. T., Carneiro Neto, A. N., Longo, R. L. & Malta, O. L. On the calculation and interpretation of covalency in the intensity parameters of 4f-4f transitions in Eu<sup>3+</sup> complexes based on the chemical bond overlap polarizability. *J Lumin* **170**, 420–430 (2016).
91. de Sousa Filho, P. C., Lima, J. F. & Serra, O. A. From lighting to photoprotection: Fundamentals and applications of rare earth materials. *J Braz Chem Soc* **26**, 2471–2495 (2015).
92. Syamchand, S. S. & Sony, G. Europium enabled luminescent nanoparticles for biomedical applications. *Journal of Luminescence* vol. 165 190–215 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.jlumin.2015.04.042> (2015).
93. Caiut, J. M. A. *et al.* Synthesis and luminescence properties of water dispersible Eu<sup>3+</sup>-doped boehmite nanoparticles. *Nanotechnology* **18**, (2007).
94. Binnemans, K. Interpretation of europium(III) spectra. *Coordination Chemistry Reviews* vol. 295 1–45 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.ccr.2015.02.015> (2015).
95. Binnemans, K., Herck, K. van & Gissler-Walrand, C. *Influence of dipicolinate ligands on the spectroscopic properties of europium(III) in solution*. *Chemical Physics Letters* vol. 266 (1997).
96. Jorgensen, C. K. & Reisfeldt, R. *JUDD-OFELT PARAMETERS AND CHEMICAL BONDING\**. *Journal of the Less-Common Metals* vol. 93 (1983).
97. Malta, O. *et al.* *Spectroscopic properties of a new light-converting device Eu(thenoyltrifluoroacetate), 2(dibenzyl sulfoxide). A theoretical analysis based on*
-

- structural data obtained from a sparkle model. *ELSEVIER Journal of Luminescence* vol. 75 (1997).
98. Brito, H. F., Malta, O. L., Souza, L. R., Menezes, J. F. S. & Carvalho, C. A. A. *Luminescence of the @lms of europium (III) with thenoyltri<sup>-</sup>uoroacetate and macrocyclics.*
  99. Binnemans, K. Lanthanide-based luminescent hybrid materials. *Chem Rev* **109**, 4283–4374 (2009).
  100. Teotonio, E. E. S. *et al.* Evaluation of intramolecular energy transfer process in the lanthanide(III) bis- and tris-(TTA) complexes: Photoluminescent and triboluminescent behavior. *J Lumin* **128**, 190–198 (2008).
  101. Duarte, A. P. *et al.* Structural and luminescence properties of silica-based hybrids containing new silylated-diketonato europium(III) complex. *Journal of Physical Chemistry C* **116**, 505–515 (2012).
  102. Nockemann, P. *et al.* Photostability of a highly luminescent europium  $\beta$ -diketonate complex in imidazolium ionic liquids. *Chemical Communications* 4354–4356 (2005) doi:10.1039/b506915g.
  103. Liu, Q. *et al.* Synthesis and luminescent properties of Eu(TTA)<sub>3</sub>·3H<sub>2</sub>O nanocrystallines. *Luminescence* **25**, 307–310 (2010).
  104. Forster, P. L., Lugao, A. B., Brito, H. F. & Parra, D. F. Calorimetric investigations of luminescent films polycarbonate (PC) doped with europium complex [Eu(TTA)<sub>3</sub>(H<sub>2</sub>O)<sub>2</sub>]. *J Therm Anal Calorim* **97**, 497–502 (2009).
  105. Lin, J. *et al.* Europium (III) organic complexes in porous boron nitride microfibers: Efficient hybrid luminescent material. *Sci Rep* **6**, (2016).
  106. Souza, E. R. & Sigoli, F. A. *PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS E MODELOS DE TRANSFERÊNCIA DE ENERGIA INTER E INTRAMOLECULAR.* *Quim. Nova* vol. 35 (2012).
  107. Thejo Kalyani, N. & Dhoble, S. J. Organic light emitting diodes: Energy saving lighting technology - A review. *Renewable and Sustainable Energy Reviews* vol. 16 2696–2723 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.rser.2012.02.021> (2012).
  108. Bünzli, J.-C. G. & Piguet, C. Taking advantage of luminescent lanthanide ions. *Chem Soc Rev* **34**, 1048 (2005).
  109. Pereira, D. R. *et al.* Nanocellulose reinforced gellan-gum hydrogels as potential biological substitutes for annulus fibrosus tissue regeneration. *Nanomedicine* **14**, 897–908 (2018).
  110. Autodesk Tinkercad. <https://www.tinkercad.com> (2021).
  111. Simplify3D. <https://www.simplify3d.com/> (2021).

112. Bretas, R. E. S. & D'Ávila, M. A. *Reologia de polímeros fundidos*. (EdUFSCar, 2005).
113. Mezger, T. G. *The Rheology Handbook : 4th Edition*. (Vincentz Network, 2014).
114. Nickerson, M. T., Paulson, A. T. & Speers, R. A. Rheological properties of gellan solutions: Effect of calcium ions and temperature on pre-gel formation. *Food Hydrocoll* **17**, 577–583 (2003).
115. Mazen, F., Milas, M. & Rinaudo, M. *Conformational transition of native and modified gellan*. *International Journal of Biological Macromolecules* vol. 26 [www.elsevier.com/locate/ijbiomac](http://www.elsevier.com/locate/ijbiomac) (1999).
116. Carlfors, J., Edsman, K., Petersson, R. & Jornving, K. *Rheological evaluation of Gelrite® in situ gels for ophthalmic use*. *European Journal of Pharmaceutical Sciences* vol. 6 (1998).
117. Zuidema, J. M., Rivet, C. J., Gilbert, R. J. & Morrison, F. A. A protocol for rheological characterization of hydrogels for tissue engineering strategies. *J Biomed Mater Res B Appl Biomater* **102**, 1063–1073 (2014).
118. Ismail, N. A., Razali, M. H. & Amin, K. A. M. Mechanical and physicochemical properties study on gellan gum thin film prepared using film casting method. in *AIP Conference Proceedings* vol. 1885 (American Institute of Physics Inc., 2017).
119. Sudhamani, S. R., Prasad, M. S. & Udaya Sankar, K. *DSC and FTIR studies on Gellan and Polyvinyl alcohol (PVA) blend films*. [www.elsevier.com/locate/foodhyd](http://www.elsevier.com/locate/foodhyd).
120. Dixit, R. *et al.* Preparation and Characterization of Gellan-Chitosan Polyelectrolyte Complex Beads. *Am. J. Pharm* **30**, 1186–95 (2011).
121. Horrocks 2002 On the determination of the number of water molecules, q, coordinated to europium(III) ions in solution from luminescence decay lifetimes.
122. Caiut, J. M. A. Estudo de aluminóxanos dopados com íons  $\text{Eu}^{3+}$  e preparação de híbridos orgânicos-inorgânicos. (Universidade Estadual Paulista, 2006).
123. Dexpert-Ghys, J., Picard, C. & Taurines, A. *Complexes of Rare Earths and Dipicolinato Ions Encapsulated in X-and Y-zeolites: Luminescence Properties*. *Journal of Inclusion Phenomena and Macrocyclic Chemistry* vol. 39 (2001).
124. Duarte, A. P. *et al.* Organosilylated Complex  $[\text{Eu}(\text{TTA})_3(\text{Bpy-Si})]$ : A Bifunctional Moiety for the Engineering of Luminescent Silica-Based Nanoparticles for Bioimaging. *Langmuir* **29**, 5878–5888 (2013).
125. Chaussedent, S., Monteil, A. & Ferrari, M. Molecular dynamics simulation of  $\text{Eu}^{3+}$  in aqueous solution comparison with experimental luminescence spectra. *J Lumin* **72–74**, 567–569 (1997).

- 
126. Carlos, L. D., Ferreira, R. A. S., de Zea Bermudez, V. & Ribeiro, S. J. L. Lanthanide-containing light-emitting organic-inorganic hybrids: A bet on the future. *Advanced Materials* vol. 21 509–534 Preprint at <https://doi.org/10.1002/adma.200801635> (2009).
  127. Dutra, J. D. L. & Freire, R. O. Theoretical tools for the calculation of the photoluminescent properties of europium systems - A case study. *J Photochem Photobiol A Chem* **256**, 29–35 (2013).
  128. Lima, S. A. M., Sigoli, F. A., Davolos, M. R. & Jafelicci, M. *E uropium(III)-containing zinc oxide from Pechini method*. *Journal of Alloys and Compounds* vol. 344 [www.elsevier.com/locate/jallcom](http://www.elsevier.com/locate/jallcom) (2002).
  129. Pugina, R. S., da Rocha, E. G., Ribeiro, S. J. L. & Caiut, J. M. A. Study of the energy transfer process in rare earth-doped silk fibroin for future application in luminescent compounds. *J Lumin* **205**, 423–428 (2019).
  130. Tako, M., Sakae, A. & Nakamura, S. Rheological Properties of Gellan Gum in Aqueous Media. *Agric Biol Chem* **53**, 771–776 (1989).
  131. Dufresne, A. Nanocellulose: A new ageless bionanomaterial. *Materials Today* vol. 16 220–227 Preprint at <https://doi.org/10.1016/j.mattod.2013.06.004> (2013).
  132. Davis, J. R. *Tensile Testing*. (ASM International, 2004).
  133. Vieira, S. R. *et al.* Cellulose Nanoparticles Prepared by Ionic Liquid-Assisted Method Improve the Properties of Bionanocomposite Films. *J Polym Environ* (2022) doi:10.1007/s10924-022-02420-6.
  134. Zhang, R. & Liu, Y. High energy oxidation and organosolv solubilization for high yield isolation of cellulose nanocrystals (CNC) from Eucalyptus hardwood. *Sci Rep* **8**, (2018).
  135. Peng, Y. & Via, B. The effect of cellulose nanocrystal suspension treatment on suspension viscosity and casted film property. *Polymers (Basel)* **13**, (2021).
  136. Zhao, T. *et al.* Luminescence properties of Eu (TTA)<sub>3</sub>(H<sub>2</sub>O)<sub>2</sub> doped with DNA-CTMA and its application in fluorescent inkjet ink. in *Lecture Notes in Electrical Engineering* vol. 417 933–939 (Springer Verlag, 2017).
  137. Dávila, J. L. & d'Ávila, M. A. Rheological evaluation of Laponite/alginate inks for 3D extrusion-based printing. *International Journal of Advanced Manufacturing Technology* **101**, 675–686 (2019).